

**LETÍCIA KANCELKIS PORTA**

**Experiências de um grupo de adolescentes com  
sobrepeso e obesidade: um estudo psicanalítico**

**PUC-CAMPINAS**

**2006**

**LETÍCIA KANCELKIS PORTA**

**Experiências de um grupo de adolescentes com  
sobrepeso e obesidade: um estudo psicanalítico**

**Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia do Centro de Ciências da Vida da PUC-Campinas como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.**

**Orientador: Dr. Antonios Terzis**

**PUC-CAMPINAS**

**2006**

Ficha Catalográfica elaborada pelo SBI-Processos Técnicos -PUC-Campinas.

t616.398019 Porta, Leticia Kancelkis

P839e           Experiências de um grupo de adolescentes com sobrepeso e obesidade:  
um estudo psicanalítico / Leticia Kancelkis Porta. – Campinas : PUC-  
Campinas, 2005.  
                  xix, 110p.

                  Orientador: Antonios Térzis.

                  Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas,  
Centro de Ciências da Vida, Pós-Graduação em Psicologia.

                  Inclui anexos e bibliografia.

                  1. Obesidade – Aspectos psicológicos. 2. Obesidade na adolescência. 3.  
Adolescentes – Aspectos psicológicos. 4. Psicologia - Experiências. I. Térzis,  
Antonios. II. Pontifícia Universidade  
Católica de Campinas. Centro de Ciências da Vida. Pós-Graduação em  
Psicologia. III. Título.

22.ed.CDD – t616.398019

**LETÍCIA KANCELKIS PORTA**

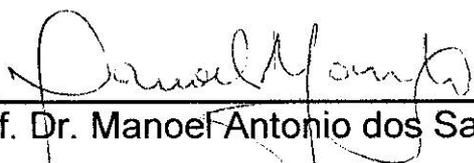
**Experiências de um grupo de  
adolescentes com sobrepeso e  
obesidade: um estudo psicanalítico**

Banca Examinadora



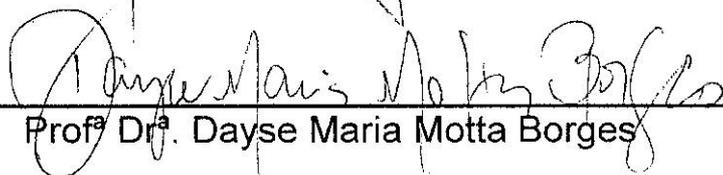
---

Presidente Prof. Dr. Antonio Terzis



---

Prof. Dr. Manoel Antonio dos Santos



---

Prof. Dr. Dayse Maria Motta Borges

**PUC-Campinas  
2005**

## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus filhos, Gabriel e Filipe, cuja existência colore meus sentimentos e pensamentos.

Aos meus amados pais, pelo apoio e pelo “sustento”.

Ao José Luís, por tanto amor, compreensão e incentivo, neste meu percurso.

Às minhas queridas D. Ivanilde e Tia Lourdes, que por tantas vezes deixaram seus afazeres pessoais para me trazerem colaboração e carinho.

Às talentosas profissionais Dra. Walkyria e Dra. Luciana, e às amigas Elisana e Márcia, pela confiança em mim depositada, colaborando decisivamente com o encaminhamento de pacientes para a pesquisa.

Às amigas e profissionais brilhantes Daniela, Fernanda, Patrícia, Elisana, Lígia, e Lúcia, minha mãe, cujas conversas e trocas de experiências, ainda que, por vezes, breves, iluminaram esta caminhada.

Aos “meus” adolescentes, pela participação na pesquisa e por sua disposição em me mostrar uma parcela da imensa riqueza de seu mundo interior.

À minha analista Janice, pelo lindo trabalho, que tanto me faz crescer e ser mais feliz.

Aos professores de todas as disciplinas, por seus ensinamentos preciosos.

Ao meu orientador Prof. Antonios Terzis, por ter me ajudado tanto em meu amadurecimento profissional, acompanhando e iluminando cada passo desta jornada.

## ÍNDICE

RESUMO.....	vii
ABSTRACT.....	viii
APRESENTAÇÃO.....	xix
INTRODUÇÃO.....	01
Aspectos conceituais e históricos da obesidade e da compulsão alimentar..	02
Adolescência: definições e características.....	08
Alguns estudos sobre adolescência e adolescentes obesos.....	15
Grupos: definições e importância .....	19
Considerações acerca do conceito de vínculo.....	24
Contribuições de Winnicott para o trabalho prático.....	26
Objetivos.....	30
MÉTODO.....	31
Método clínico .....	32
Participantes .....	33
Material .....	35
Instrumentos.....	35
Local e disposição do mobiliário.....	36
Procedimento.....	37
Análise do material.....	40
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	42
Impressões Pessoais da pesquisadora.....	97
Conclusão.....	100
REFERÊNCIAS.....	101
ANEXOS.....	110

Porta, L. K. (2006). Experiências de um grupo de adolescentes com sobrepeso e obesidade: um estudo psicanalítico. Dissertação de Mestrado, PUC-Campinas, Campinas.

## RESUMO

O presente trabalho pretendeu apresentar uma experiência com um grupo de adolescentes com sobrepeso e obesos, bem como a análise dessa experiência, buscando: a verificação dos temas surgidos no grupo; o conhecimento do significado simbólico de ações e verbalizações dos adolescentes; a percepção da conquista ou não de uma sensibilização por parte do grupo, em relação a seu quadro; a constatação quanto à criação ou não, por parte da técnica de grupo de apoio, das condições necessárias para a “sustentação” (*holding*) do grupo. O método escolhido para pautar a pesquisa foi o método clínico, sendo através dele que se busca compreender a pessoa de forma bio-psico-social. Os participantes da pesquisa foram sete adolescentes obesos e com sobrepeso, constituindo um grupo homogêneo quanto a diagnóstico e faixa etária. Foram utilizados como materiais gravador e fitas-cassete, com a devida autorização dos participantes e de seus responsáveis, que foram esclarecidos a respeito de todos os detalhes da pesquisa, sendo voluntários da mesma. Os instrumentos foram: uma entrevista prévia, com o fim de realizar a seleção dos participantes, procurando evitar contra-indicações, e a técnica de grupo de apoio. O local onde se deu o trabalho foi uma clínica particular / sala, capaz de comportar até 15 pessoas, com carteiras dispostas em círculo, a uma distância que permitiu boa comunicação. Ocorreram quatro encontros semanais de uma hora e meia, sendo que o papel adotado pela pesquisadora foi sem destaque perante o grupo, porém o único pré-definido. Foi conferida atenção ao propiciar do “holding” e ao sentido de coesão grupal, tendo finalidades voltadas à avaliação. Já para a análise dos resultados foi adotado o modelo de pesquisa qualitativo, com a utilização de modelo proposto por Kaës e Anzieu (1976), com a seleção de trechos a serem analisados e discutidos, a partir de várias leituras por parte da psicóloga e do orientador do trabalho, o qual possui formação grupanalítica. Assim, a análise e interpretação dos resultados parece denotar que foram atingidos os nossos objetivos no tocante à sensibilização dos participantes bem como ao *holding* propiciado no contexto grupal, além da possibilidade de identificarmos os temas surgidos e alguns de seus significados simbólicos.

**Palavras-chave:** grupos; adolescentes; obesidade; psicanálise.

Porta, L. K. (2006). An overweight and obese adolescents group experience: a psychoanalytical study. Master Dissertation. PUC-Campinas, Campinas.

## ABSTRACT

This research intended to present the experience with a group of overweight and obese adolescents, as well as the analysis of this experience aiming at: the verification of the themes emerged from the group; the knowledge of the symbolical meaning of these adolescents' actions and verbalizations; the perception whether the conquest of a sensitization in the group in respect to their conditions took place; the confirmation whether the necessary conditions for a "sustentation" or *holding* of the group from the support group technique occurred. The elected method upon which this research was based was the clinical method, through which one can get a bio-psycho-social comprehension of the individual. The participants were seven obese and overweight adolescents, composing a homogeneous group in diagnostic and ages band. A recorder and cassette-tapes were used with the authorization of all the participants as well as of their parents, who were cleared up on all the details of the research, to which they were also volunteers. The instruments used were: a previous interview that allowed selecting the participants while avoiding counter indications, and the support group technique. The place where the work was carried out was a private clinic room with capacity for up to 15 people. The desks were placed in circle within good distance that allowed good communication. There were four weekly sessions of an hour and a half, during which the researcher's function was not prominent towards the group but it was the only one previously determined. It was paid a special attention to the favoring of the *holding* and of the group's cohesion, for the intent of the evaluation. For the results analysis the qualitative model proposed by Kaës and Anzieu (1976) was adopted, with the selection of excerpts that were analyzed and discussed after various readings of the psychologist and the adviser professor of this research, who has a group-analytical background. Thus, the analysis and the results interpretation seemed to reach our intents concerning the participants' sensitization as well as the *holding* offered by the group context, besides the possibility to identify the themes that arose from the group and some of their symbolical meanings.

**Key words:** groups; adolescents; obesity; psychoanalysis.

## APRESENTAÇÃO

Primeiramente, as motivações pessoais que me conduziram à escolha do tema relacionado à obesidade surgiram enquanto ainda cursava Psicologia, quando realizei uma pesquisa, tratando de questões referentes aos transtornos alimentares. Em seguida, já no quinto ano, com a oportunidade de atender duas pacientes com quadro severo de obesidade, mãe e filha, pude perceber o quão complexo é tal problema, seja quanto às suas causas múltiplas, seja em termos das conseqüências trazidas com ele, revelando ser grande causador de sofrimento.

Após a formação em Psicologia, outros dois conjuntos de experiências vieram a reforçar tal interesse: o que se deu em atendimentos clínicos particulares e o que ocorreu no ambulatório de Transtornos Alimentares (psiquiatria) da UNICAMP, levando-me a questionamentos que culminaram na vontade de gerar uma experiência com um grupo formado por adolescentes obesos.

Os trabalhos em psicoterapia, em sua quase totalidade, indicavam, claramente, como a alimentação estava intimamente relacionada a elementos emocionais, de maneira que a compulsão alimentar aparecia nitidamente nos pacientes que demonstravam apresentar uma verdadeira “fome” de amor, de apoio, de proteção.

A revisão da literatura permitiu a escolha da população adolescente, que demonstra certa carência de trabalhos voltados à obesidade, pelo aumento de

prevalência deste problema, nesta faixa etária, e pela vulnerabilidade relativa por ela apresentada, devido às transformações físicas e psicológicas vivenciadas.

Considerando-se que a obesidade é capaz de trazer consigo complicações importantes e/ou mesmo fatais aos pacientes, como hipertensão e diabetes, e que o seu exacerbado aumento de prevalência é evidente, pode-se enfatizar a necessidade de estudos como este que se pretende, a fim de trazer contribuições sociais valiosas.

Finalizando, é preciso mencionar o fato de que, ainda que houvesse muitos trabalhos neste sentido, a experiência obtida por meio do grupo formado para a pesquisa, certamente traz acréscimos científicos, ao passo que traz experiências diferentes das que, por ventura, já tenham sido descritas na literatura, já que cada indivíduo é único e, portanto, cada grupo traz consigo novas e diversas particularidades.

## **INTRODUÇÃO**

---

## **Aspectos conceituais e históricos da obesidade e da compulsão alimentar**

Em primeiro lugar, faz-se necessário citar a definição da obesidade. Esta se refere a um excesso de gordura corporal correspondente a aproximadamente 25% do peso de uma mulher e 18% do peso de um homem. É importante ressaltar que existem diversos métodos que apresentam como fim avaliar a obesidade, dentre os quais o IMC (Índice de Massa Corpórea), o qual é obtido por meio da razão entre o peso em Kg e o quadrado da altura em metros, revelando-se o método mais eficaz, neste sentido, à medida que evita controvérsias. Com isto, define-se o excesso de peso, ao se constatar um IMC de 25 a 30 e a obesidade, quando se encontra um valor acima de 30 (Waden, 1999).

Obesidade trata-se de uma doença crônica que afeta cada vez mais, tanto crianças como adultos, de países pobres e ricos, instalando-se quando o indivíduo come mais do que gasta, ao longo de certo tempo, acumulando este excesso em seu corpo, sob forma de gordura. Vale ressaltar, entretanto, que o obeso nem sempre o é apenas porque come em excesso, havendo outras questões de ordem etiológica que devem ser consideradas, tais como: a queima calórica deficiente (ocasionada, em parte, pelos confortos da vida moderna, que evitam determinados movimentos corporais); e a capacidade de produzir e eliminar gorduras (que varia de indivíduo para indivíduo, de forma que, quem tem maior capacidade de “fazer” gorduras tende mais a ser obeso) (Halpern, 2000).

Por outro lado, pode-se observar a existência de um transtorno alimentar proposto pelo American Psychiatric Association Diagnostic and statistical / Manual of mental disorders (1994), denominado Transtorno de Compulsão

Periódica, cujas principais características são: episódios de compulsão alimentar periódica, de forma recorrente, indicadores subjetivos e comportamentais de reduzido controle, além de um significativo sofrimento causado pelos ataques de hiperfagia. Assim, o descontrole apresentado por pacientes com o Transtorno de Compulsão Periódica produz os comportamentos de ingestão muito rápida dos alimentos na ausência de fome, e o de alimentar-se isoladamente pela vergonha causada pelo excesso ingerido.

Além disso, o DSM IV (1994) acrescenta que este grande sofrimento que se exige para o diagnóstico envolve sentimentos desagradáveis durante e após os episódios de compulsão alimentar, além de preocupações em relação ao efeito a longo prazo desses episódios sobre o peso e a forma corporais, sendo preciso que eles ocorram, em média, ao menos em dois dias por semana, por minimamente seis meses.

Pode-se dizer que a ingestão exacerbada de alimentos demonstra implicar em uma agressão auto-dirigida, já que o comportamento pode provocar diversos problemas, como os fortes sentimentos de culpa, ansiedade e auto-desvalorização após os ataques (Duchesne, 1995).

As questões relacionadas à saúde são de extrema relevância, de maneira que estes pacientes, apresentando um sobrepeso corporal, devido à ingestão excessiva de comida, passam a ter riscos de saúde maiores em termos de: pressão arterial alta, problemas de circulação, problemas na vesícula biliar, diabetes e doenças do coração, dentre outras, podendo viver menos do que pessoas com peso normal (Boohrem, 2000).

Neste sentido, referindo-se ao comportamento de comer compulsivamente, Hollis (1996), afirma ser este ato um sutil e ilusório desejo de morte, trazendo a idéia da relação direta entre ele e a autodestruição.

Freud (1905/1996) apresenta-nos um conceito aparentemente relevante no desencadear de quadros de obesidade e sobrepeso, o qual diz respeito à primeira fase do desenvolvimento da organização sexual. O autor nos fala da fase oral, em que a atividade sexual ainda não se desatrelou da ingestão de alimentos, de forma que o objeto de ambas as atividades é o mesmo: a incorporação do objeto.

Fenichel (2000) também nos oferece relevante contribuição quanto à afirmação de que existem diversos fenômenos em que se retém o erotismo oral, no adulto. Diz o autor que o surgimento de uma gula muito intensa, quer ela se apresente de maneira manifesta ou sob a forma de derivados, pode ter relação com o erotismo oral.

Diante deste quadro, é válido mencionar a idéia de McDougall (1989/1996), quanto aos fenômenos psicossomáticos que, segundo ela, não poderiam, psicanaliticamente falando, ser limitados às doenças do soma, devendo incluir tudo o que atinge o corpo real, incluindo suas funções autônomas. A autora afirma, ainda, ter passado a considerar tudo o que afeta a saúde ou a integridade física como relacionado aos fenômenos de natureza psicossomática, quando os fatores psicológicos estão presentes, desempenhando algum papel.

Assim sendo, em maior ou menor nível, o Transtorno de Compulsão Periódica parece atingir, muitas vezes, o corpo real, a saúde, a integridade física, além da também possível participação de fatores psicológicos, o que nos permite

estabelecer relação direta entre ele e os fenômenos psicossomáticos de que nos fala McDougall (1989/1996).

É fundamental, neste momento, situar historicamente a obesidade e o comportamento alimentar de ingestão exagerada de (determinados) alimentos.

Com o advento da industrialização, percebem-se, claramente, modificações significativas na sociedade, anteriormente marcada por uma vivência mais rural do que urbana. Neste sentido, ocorrem fortes transformações nos hábitos, nas dinâmicas social, cultural e econômica, nos valores, nas relações familiares... Naturalmente, desde este marco da história até os dias atuais, as mudanças ocorreram paulatinamente, com o surgimento progressivo de novas necessidades, facilidades e dificuldades das mais diversas ordens (Lucci, 1989).

De tal modo, a industrialização foi sendo responsável por uma cada vez maior possibilidade de destituir os alimentos de sua forma mais natural, com objetivos, dentre os quais, o de aumentar a qualidade de seu sabor e de criar novidades capazes de seduzir os futuros consumidores assíduos desses produtos encantadores, por seu poder de conservação, aparência, aroma e, naturalmente, seus sabores tão especiais (Vasques, 1993).

Ainda sob uma perspectiva histórica, é importante citar que a obesidade, na Idade Média, chegou a ser considerada um padrão de beleza pela própria associação com a riqueza dos senhores feudais, portadores de seus próprios moinhos, capazes de transformar os alimentos, já não tão naturais, pelo processo de beneficiamento por que passavam, deixando-os mais atraentes (Casali, 1997).

Porém, de acordo com Nunes e Abuchaim (1995), com o passar do tempo, essas atribuições positivas à manutenção de um sobrepeso corporal foram dando lugar ao padrão de beleza relacionado diretamente à acentuada magreza, do corpo feminino, especialmente.

Por outro lado, é estritamente necessário levar em consideração outro fator histórico/social/cultural, que se trata do surgimento de um verdadeiro valor, referente à adoção de hábitos alimentares, nos quais existe a substituição de refeições completas por hambúrgueres e refrigerantes, entre outras comidas rápidas e, no mais das vezes, bastante desbalanceadas em seu aspecto nutricional (Vasques, 1993).

Percebe-se, com isto, um fator sócio-cultural possivelmente relevante em termos da colaboração para o acirrar de comportamentos alimentares capazes de conduzir ao Transtorno de Compulsão Periódica, em que a ingestão de alimentos com menores quantidades de fibras e proteínas e igual quantidade de carboidratos e gorduras (alimentos mais calóricos) é excessiva (Appolinário, Coutinho & Póvoa, 1995).

Conforme os mesmos autores, desde 1950, artigos já haviam descrito a relação entre um padrão alterado de comportamento e a obesidade, podendo-se perceber que o comportamento compulsivo alimentar vem sendo destacadamente pesquisado como objeto individualizado apenas a partir de um tempo mais recente.

De acordo com Waden (1999), antes do advento da Revolução Industrial, era realmente raro encontrar casos de obesidade nos Estados Unidos, sendo,

naquela época, um transtorno restrito aos cidadãos ricos e ociosos. Todavia, hoje mais de 30% da população está acima do peso de modo significativo.

Percebe-se, pois, que o contexto cultural influi consideravelmente sobre o que se sente e o que se pensa a respeito das questões relativas a peso e forma corporais, o que revela o caráter histórico-cultural por elas apresentado.

Desta forma, à medida que se constata que a obesidade apresenta causas complexas, distintas e múltiplas (Halpern, 2000), o seu tratamento parece, em geral, não poder basear-se nas dietas com restrição calórica como parte central das intervenções. O tratamento, antes de qualquer coisa, deve focalizar o comportamento compulsivo (Appolinário, Coutinho & Póvoa, 1995).

Portanto, a proposta do presente trabalho considera fortemente a multiplicidade das causas e implicações da obesidade aqui citadas, com ênfase na necessidade de utilização de uma abordagem do problema, que tenha a faculdade de explorar substancialmente os contextos histórico, social e psicológico do adolescente obeso, ressaltando-se o fato de estes elementos desempenharem papel aparentemente preponderante, na maior parte dos casos de obesidade.

Acreditamos que nossa abordagem grupal desta problemática venha a contemplar tais aspectos de modo mais proveitoso do que se conseguiria em um trabalho individualizado. Considerando a população adolescente a escolhida para a realização de nosso trabalho, a próxima parte tratará da conceituação e delimitação de algumas possíveis características pertinentes ao período da adolescência.

## **Adolescência: definições e características**

Com a finalidade de se definir o vocábulo “adolescência”, é interessante que se recorra, primeiramente, às definições fornecidas pelo dicionário Aurélio: *“adolescência. [Do lat. Adolescentia.] S. F. O período da vida humana que sucede à infância, começa com a puberdade e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas (estende-se aproximadamente dos 12 aos 20 anos). 2. Psicologia. Período que se estende da 3ª infância até a idade adulta, marcado por intensos processos conflituosos e persistentes esforços de autoafirmação. Corresponde à fase de absorção dos valores sociais e elaboração de projetos que impliquem plena integração social”* (Ferreira, 1986, pp. 48).

Por outro lado, é importante que fique clara, antes de mais nada, a idéia de que as concepções de adolescência a seguir observadas, são apenas algumas das possibilidades, já que a natureza da adolescência é também uma questão de ordem histórico-social, de modo que grande parte da visão que se tem dela vem a constituir produções culturais.

Neste sentido, parece pertinente introduzir aqui a contribuição de Gonzalez-Rey (2003) quanto à sua proposta de uma teoria da personalidade de base histórico-cultural, a implicar em uma categoria de subjetividade social.

O mesmo autor traz uma perspectiva fundamental em termos da busca de proporcionar aos psicólogos um rompimento com a idéia de que a subjetividade consistir em um fenômeno individual, apresentando-a como um sistema complexo

produzido nos níveis social e individual, concomitantemente, de forma que o indivíduo é, ao mesmo tempo, constituinte e constituído desta subjetividade social.

Além disto, o presente trabalho busca consonância com o conceito de “configuração” utilizado por Gonzalez-Rey (2003), com o intuito de abordar a personalidade como forma de organização da subjetividade individual, não se definindo por questões postas de modo universal, mas, pelo contrário, por uma organização dinâmica construída por grande diversidade de sentidos subjetivos, os quais derivam de variadas zonas de experiência social e individual.

Nesta esfera da experiência social e individual, muitas vezes, aparentemente, não nos sentimos confortáveis na civilização atual. Entretanto, é difícil opinar no que se refere ao grau de felicidade dos homens de épocas anteriores, e, mesmo, a respeito do papel que suas condições culturais desempenharam nessa questão” (Freud, 1930/1996).

Acrescente-se a isto o fato de a felicidade dizer respeito a algo fundamentalmente subjetivo, sendo que um sinal de civilização é a existência de preocupação por parte dos indivíduos com coisas que podem ser consideradas como não lucrativas, como a beleza. Além disto, um dos elementos que caracterizam a civilização é a maneira pela qual os relacionamentos humanos sociais são regulados (Freud, 1930/1996).

Pode-se perceber, então, com base nestas colocações, que o “mal-estar” implícita ou explicitamente descrito por muitos autores (inclusive os que serão citados, logo a seguir) para caracterizar o período da adolescência, parece derivar de influência considerável tanto da subjetividade quanto das questões históricas,

sociais e culturais, destituindo tal questão de qualquer caráter universal que se lhe deseje por ventura atribuir. Considere-se, pois, as seguintes concepções de adolescência, apenas como visões norteadoras do presente trabalho, cuja base é psicanalítica, sem que se perca de vista a imensa gama de possibilidades, diretamente dependentes dos contextos cultural e subjetivo nos quais o indivíduo está inserido.

De acordo com Zimmerman (2001), a adolescência demonstra configurar, algumas vezes, um período de crise, a qual é fruto das transformações que nele ocorrem, sobretudo no que concerne à construção de um sentimento de identidade, podendo-se observar três níveis de desenvolvimento: a puberdade, a adolescência propriamente dita e a adolescência tardia.

Knobel (1981), sugere que o termo adolescência, neste contexto cultural, trata-se de uma fase de transição, permeada por diversas transformações de ordem bio-psico-social, que culminam no atingir da idade adulta. Neste sentido, Knobel também preconiza a existência de uma Síndrome Normal da adolescência, expressa por: uma busca de si mesmo e de identidade, em meio ao processo de perda do corpo infantil; uma tendência grupal, em que parte da dependência em relação aos pais é transferida para o grupo; uma necessidade de intelectualizar e fantasiar (defensivamente, devido às perdas que precisa enfrentar; crises religiosas; deslocalização temporal, em que faz tentativas de dominar/manejar o tempo; uma evolução sexual do auto-erotismo até a heterossexualidade; uma atitude social reivindicatória (frente às restrições que a sociedade impõe); contradições sucessivas em todas as manifestações de conduta (contradições

estas que também colaboram para o elaborar dos lutos por que precisa passar); separação progressiva dos pais (sendo imprescindível haver imagens parentais positivas internalizadas, neste momento); constantes flutuações do humor e do estado de ânimo (devidas aos mecanismos de projeção e de luto).

A vivência adolescente, podendo inscrever-se entre o passado e o futuro, pode ser marcada por um movimento pendular, configurado entre rompimentos e conciliações, expondo o sujeito à possibilidade de elaboração de um tempo passado, a partir de sua inserção em um tempo presente. Deste modo, o adolescente pode ser introduzido na escolha de seu objeto de desejo, de maneira a afastar-se de objetos de satisfação infantil, por meio de deslocamentos. Ele, em meio a todo este processo, pode tender a testar a eficácia da função paterna, estando em jogo a perda da satisfação sexual infantil, potencial motivo de angústia, sentimentos de perda e falta, remetendo à angústia da castração. É a partir disto que se configuram as oscilações, nas quais está presente a busca de um objeto de satisfação que seja capaz de sanar esta falta, constituindo um movimento impulsionador, no sentido de constituir o sujeito como sujeito de seu próprio desejo. O adolescente, então, pode viver um grande dilema entre a regressão e a transformação, traduzindo um processo em que se mostra importante o papel desempenhado pela posição ocupada quando criança, como objeto do desejo dos pais, posição esta inscrita nas suas identificações infantis com os pais e com os ideais destes (Andreozzi, 2001).

Então, caracterizando essa fase da vida, os sinais de desenvolvimento biológico, com o início das menstruações e o crescimento dos seios nas meninas,

e com as primeiras ejaculações nos meninos, são, geralmente, acompanhados por mudanças de humor e pelo ceder à possível necessidade de refugiar-se na segurança da infância, em alguns momentos, com expressões regressivas. Com isto, o adolescente, por um lado, precisa lutar por sua independência, singularidade, individualidade, levando-o a assumir sua própria vida e relacionamentos e, por outro, pode ver-se diante da necessidade de lutar contra uma solução incestuosa para as exigências de relacionamento (Pincus & Dare, 1987).

Com isto, sob a perspectiva psicanalítica, o adolescente apresentaria, por vezes, a necessidade de utilizar mecanismos de defesa, na medida em que o ego revela-se insuficiente para conter os impulsos sexuais, tão intensos e agressivos, já que pode haver o reviver dos conflitos edipianos, culminando na grande proximidade da possibilidade de realização das fantasias desta natureza, com o desenvolvimento da sexualidade genital. Este reviver inconsciente de tais conflitos traria ao jovem sentimentos de angústia e culpa, conduzindo-o, muitas vezes, a ter atitudes auto-punitivas. Há, portanto, neste processo evolutivo, a possibilidade tanto de uma desestruturação quanto de uma reorganização da estrutura da personalidade e da identidade do indivíduo, de forma a diminuir os períodos de grande instabilidade, à proporção que ele passa a ter maior clareza e aceitação de si próprio, elaborando suas perdas e sentindo-se aceito em seu meio. Todavia, vale retomar a idéia de que a transição de que se fala aqui, qual seja a que ocorre entre o estado infantil para o estado adulto, bem como as características que a

permeiam, dependem diretamente do contexto social e cultural em que se inserem (Bettini, 2002).

É importante completar a idéia supracitada, com a consideração de que este contexto social e cultural vem a desempenhar um papel que pode ser considerado até mesmo coercitivo, com o ditar de regras e leis a estas “ex-crianças” e “futuros adultos”, os quais podem senti-las como verdadeiras pressões bastante intensas, devido à vulnerabilidade que pode se instalar frente a tantas transformações inerentes a este momento.

Neste sentido, ressalte-se a forte preocupação social, em nossa cultura, por parte de muitos adolescentes, com dietas e exercício físico, refletindo uma verdadeira obsessão cultural com a esbelteza, com profundas mudanças que vêm ocorrendo em termos das expectativas quanto ao papel das mulheres adolescentes e adultas jovens (principalmente) (Giuffre & Mackenzie, 1996).

Segundo Bowlby (1969/2002), durante a adolescência, o apego do indivíduo em relação a seus pais apresenta uma mudança, de maneira que outros adultos podem adquirir importância igual ou maior do que a assumida na infância pelos pais. Pode começar a haver uma atração sexual por indivíduos da mesma idade e do sexo oposto, passando a existir uma ainda maior variação individual em que, num extremo, estão os adolescentes que se separam completamente dos pais e, no outro, os que continuam plenamente apegados a eles (ou só a eles). Entre estes extremos, está a maior parte dos adolescentes, para quem o vínculo com outras pessoas torna-se muito importante, permanecendo também o apego aos pais.

Portanto, a adolescência pode ser definida, conforme Aberastury et al. (1978/1983), como um momento fundamental na vida do sujeito, por constituir uma fase decisiva de um processo de desprendimento, o qual atravessa três momentos essenciais, quais sejam: o do nascimento, o que surge no final do primeiro ano de vida (com o surgimento da genitalidade, dentição, linguagem, o ficar em pé e o andar), e, finalmente, o da adolescência.

Com todo este panorama que pode se instalar na vida do adolescente, parece ser esta uma população que merece atenção redobrada quanto a pesquisas sobre obesidade, lembrando, entretanto, que este período não é necessariamente marcado por crises, premissa esta que nos remete a outra fundamental: a de subjetividade social, que traduz um dinamismo, que, por si só, exclui a possibilidade de “universalização” de qualquer situação ou condição humana.

A seguir, citaremos alguns estudos já existentes em termos de obesidade em geral, buscando demonstrar os males que assolam tal problema, sobretudo quando o indivíduo passa a adolescência e chega à fase adulta com um quadro de obesidade já fortemente instalado. Em seguida, abordaremos estudos especificamente relacionados a adolescentes obesos, buscando o conhecimento de alguns achados importantes, neste âmbito.

### **Alguns estudos sobre obesidade e adolescentes obesos**

De uma forma geral, não é preciso ser um pesquisador para perceber a realidade do aumento exorbitante de prevalência dos casos de obesidade, podendo-se afirmar isso em relação à população como um todo. Também não é necessário muito estudo sobre tal problema, para que se possa perceber o sofrimento tantas vezes gerado por ele, em nossa sociedade. Neste sentido, são realizadas pesquisas, com a finalidade de compreender, com maior profundidade, as especificidades desse sofrimento, dentre as quais serão mencionadas algumas, a seguir.

Um estudo intitulado “A imagem corporal de mulheres morbidamente obesas avaliada através do desenho da figura humana”, constatou o predomínio de sentimentos de inadequação por parte das obesas em relação ao grupo de não-obesas. O estudo sugere, ainda, por parte das mulheres obesas, a presença de indicadores de depreciação e distorção da imagem corporal, além de dificuldades em termos da expressão simbólica de sua vivência corporal. Assim, a pesquisa em questão aponta a presença de indicadores de sentimentos de inferioridade, descontentamento e preocupação com o corpo e a beleza, apresentados pelas obesas (Almeida, Loureiro & Santos, 2002).

Outro trabalho deve ser aqui mencionado, por sua riqueza quanto à técnica utilizada com os pacientes obesos, tendo o título: “Oficinas em Dinâmica de Grupo com pacientes obesos mórbidos”. Deve-se esclarecer, antes de mais nada que, oficina em dinâmica de grupo é uma prática de intervenção psico-social, em que é

feito um trabalho estruturado com o grupo, de modo a permear uma questão social central, comum a todos os seus membros. Com isso, o trabalho foi realizado com dois grupos, quais sejam: um pré-operatório (com nove membros) e outro que já havia realizado a cirurgia (com três integrantes), havendo oito sessões semanais de aproximadamente uma hora e meia, para cada grupo. Por meio desse trabalho, constatou-se a predominância, no grupo pré-operatório, de temas relacionados a cirurgia, preconceito, família, imagem corporal, sexualidade, trabalho, lazer e alimentação. Já no outro grupo, os temas de maior destaque foram: família, trabalho, lazer, sexualidade, alimentação e mudanças ocorridas após a cirurgia. Portanto, esse estudo apresenta como resultados: o fato de os indivíduos do grupo pré-operatório sofrerem bastante com o estigma da obesidade, de maneira a comprometer a identidade e o convívio social. Ao mesmo tempo, o grupo cuja cirurgia já havia sido feita, demonstrou que a obesidade já deixara de desempenhar um papel central em suas vidas (Afonso, Coutinho, Amaral & Ribeiro, s/d).

Após a consideração desses dois estudos, realizados com participantes cuja faixa etária encontra-se mais à frente do que a dos indivíduos que farão parte de nossa pesquisa, passemos a estudos com adolescentes obesos.

A adolescência, de acordo com a Organização Mundial de Saúde, diz respeito à faixa etária entre 10 e 19 anos, sendo representada por 20% da população global, sendo que, por volta de 84% dos adolescentes estão em países em desenvolvimento. É importante mencionar que, apesar de sua grande

predominância em relação a outros grupos etários, tem-lhe sido oferecida pouca atenção em termos de sua nutrição (Viuniski, 2001).

Em pesquisa intitulada “Prevalência de sobrepeso e obesos em ambulatório de adolescentes: emprego de dois indicadores nutricionais”, obteve-se, como resultado que, dos 469 adolescentes avaliados, 33,68% são obesos ou têm sobrepeso. Além disso, a partir da comparação entre os dois períodos analisados, verificou-se um aumento da população jovem, de ambos os sexos, com problemas de obesidade. É válido enfatizar, todavia, que esse dado reflete apenas a situação do sudeste do Brasil, na medida em que não há um mapeamento rigoroso em outras regiões (Goldberg, 2001).

Assim, percebe-se que é um fato o que diz respeito ao aumento de prevalência de casos de obesidade, entre os adolescentes, os quais podem encontrar-se em um período delicado de suas vidas, tão somente pelas mudanças “naturais” e “sociais” que lhes acometem.

Segundo Viuniski (2001), a imagem corporal pode ser considerada o cartão de visita do indivíduo, sobretudo na adolescência, de forma que é a aparência corporal que acaba por determinar a aceitação no grupo ou não. Neste momento da vida, há grande necessidade, por parte do indivíduo, de ser bem visto e aceito, o que se torna vital para o seu desenvolvimento. Neste contexto, é importante mencionar que alguns estudos demonstram que, além das conseqüências desastrosas da obesidade sob o ponto de vista psico-social, que são evidentes, existe o dado alarmante de o adolescente obeso ter mais de 70% de chance de vir a ser um adulto obeso.

Um estudo, intitulado “A obesidade na adolescência e seus reflexos na auto-imagem corporal”, revela, após a pesquisa realizada com 14 adolescentes obesos, com idades entre 11 e 14 anos, integrantes do Programa Multidisciplinar de Assistência ao Adolescente Obeso, desenvolvido na USP, a identificação de três núcleos temáticos contidos nas falas destes sujeitos, quais sejam: a relação com o corpo, o relacionamento social e o relacionamento com a família. Por meio de tal estudo, é verificada uma forte insatisfação com o próprio corpo, a valorização e o desejo de obter um corpo magro e a vivência de experiências estigmatizantes em relação ao peso, trazendo sentimentos de angústia, vergonha e fracasso. Não está presente o sentimento de serem aceitos, havendo um conceito negativo de si mesmos, o que reflete na concretização da identidade pessoal (Dechen & Cano, s/d).

Campos, Sigulem, Moraes, Escrivão e Fisberg (1996), trazem, como contribuição, a pesquisa de título: “Quociente de Inteligência de crianças e adolescentes obesos através da escala Wechsler”, a qual revelou haver maiores: velocidade, destreza, amplitude de interesses, capacidade de adaptação social, e, ainda, melhor desempenho no teste de Inteligência, por parte do grupo de crianças/adolescentes eutróficos (35 sujeitos) em relação ao grupo de crianças/adolescentes obesos (65 sujeitos).

Portanto, vê-se o quanto a obesidade pode desempenhar papel negativamente importante na vida de quem ela acomete, conduzindo a problemas, cuja maioria diz respeito a condições psicológicas, emocionais e sociais. Verifica-se, ainda, a importância de se dar maior atenção aos grupos adolescentes, cuja

personalidade encontra-se em plena reestruturação, bem como a sua identidade, denotando a extrema necessidade de haver harmonia maior possível quanto à auto-imagem corporal.

É por todos os motivos acima mencionados, com destaque às desastrosas conseqüências psicológicas, emocionais e sociais, que ficam evidentes nos resultados das pesquisas supracitadas, que propomos a utilização de uma técnica grupal, para a realização do presente estudo. Acreditamos que o grupo constituirá contexto mais adequado para a contemplação de toda esta problemática, de forma que a próxima parte tratará de defini-lo e de enfatizar sua importância.

### **Grupos: definições e importância**

O termo grupo é considerado recente na França, sendo derivado do italiano “gropo”, usado na terminologia técnica das “belas artes”, para designar um conjunto de pessoas pintadas ou esculpidas, a formarem um único sujeito. Relaciona-se o termo com o vocábulo antigo provençal “grop”, significando “laço”, “união”, supostamente derivado do germano ocidental “Kruppa”, ou seja, mesa arredondada (Anzieu & Martin, 1971).

Recorrendo às idéias de Pichón-Rivière (1991), grupo trata-se de um conjunto restrito de pessoas interligadas por constantes de tempo e espaço, articuladas por recíproca representação interna, em que há a proposta de uma tarefa, de forma explícita ou implícita, a qual constitui sua finalidade, interagindo através de complexos mecanismos de atribuição e assunção de papéis.

O grupo apresenta, na realidade, uma definição bastante vaga e imprecisa, revelando-se em diversos tipos, podendo-se definir uma subdivisão primordial, qual seja a que os distingue em macro-sociologia (grandes grupos) e micro-sociologia (os pequenos grupos, como o terapêutico, por exemplo, que normalmente reproduzem, em miniatura, contextos e dinâmicas dos grandes grupos). Assim, a dialética entre a busca da identidade individual e a necessidade de ter uma identidade grupal e social é constante, de modo que um grupo é constituído por um conjunto de pessoas, um conjunto de grupos forma uma comunidade e um conjunto interativo das comunidades constitui uma sociedade (Zimerman, 1997).

Freud (1921/1996) sugere que o indivíduo parece experimentar uma influência da massa na qual está integrado, passando por modificações, às vezes bastante profundas, em termos de sua atividade anímica, podendo alterar aspectos de sua afetividade e atividade intelectual, e, com isto, tendendo a igualar-se aos demais da multidão, de alguma forma. O Autor admite, então, que, em relação a tais influências, há uma questão fundamental da vida anímica humana que se trata da *sugestão* contida nas massas, diretamente relacionada às condições em que influências carentes de um fundamento racional suficiente se estabelecem.

Ao mesmo tempo, Freud (1921/1996) parece querer alertar para que nem tudo pode ser explicado pela sugestão, havendo, algumas vezes, não só a tendência de experimentar afetos cujos sinais são observados em outros, como também a de reagir de forma contrária a isto, o que remete ao conceito de libido,

ou seja, a energia dos instintos relativos ao amor, no seu sentido mais amplo. Admite-se, então, sob tal perspectiva, a existência de laços afetivos na alma coletiva e não simplesmente de sugestão.

O grupo revela-se essencial para a realização da própria vida mental de um indivíduo, de forma que ele apresenta a potencial capacidade de satisfazê-lo em relação a um certo número de necessidades mentais, de maneira praticamente exclusiva, de modo que, em qualquer grupo, podem ser discriminadas tendências de atividade mental, implicando em um encontro “para se fazer alguma coisa”, podendo haver cooperação entre seus participantes, de acordo com a capacidade de cada um deles. Tal atividade mental, possuindo características semelhantes às conferidas ao Ego por Freud, foi denominada “grupo de trabalho” (Bion, 1975).

Bion (1975) propõe, ainda, a existência do que chamou de “suposições básicas”, as quais, sendo também atividades mentais, parecem obstruir a atividade do grupo de trabalho, possuindo a característica de consistirem em fortes impulsos emocionais. Tais atividades originam-se de suposições básicas comuns a todo o grupo, sendo a primeira delas a de que este último tem como objetivo obter nutrição e proteção por parte de um líder (suposição de dependência); a segunda, aquela que Bion chamou de grupo de acasalamento e que se refere a um sentimento de esperança (“messiânica”) de que uma pessoa ou uma idéia salvará o grupo, esperança esta que nunca pode ser alcançada; e a terceira suposição, referente à idéia de que o grupo está reunido com a finalidade de lutar contra algo ou de fugir de alguma coisa (“grupo de luta e fuga”).

As contribuições acima mencionadas podem conduzir à conclusão de que as relações sujeito-grupo são fortemente marcadas por um dinamismo capaz de produzir influências múltiplas e mútuas entre o individual e o coletivo, cabendo aqui o conceito de “subjetividade social”, preconizada por Gonzalez-Rey (2003).

Assim, parece importante considerar que *“da perspectiva da subjetividade social, os processos sociais deixam de ser vistos como externos em relação aos indivíduos(...)”, de maneira que “(...)a constituição social do indivíduo é um processo diferenciado, em que as conseqüências para as instâncias sociais implicadas e para os indivíduos que as formam dependem dos diferentes modos que adquirem as relações entre o indivíduo e o social, dentro das quais ambos os momentos têm um caráter ativo, isto é, cada momento se configura de formas muito diversas ante a ação do outro, processo que acompanha tanto o desenvolvimento social como o desenvolvimento individual.”* (González-Rey, 2003, pp. 202)

Acrescente-se a isto que, conforme afirmam Foulkes e Antony (1967), em todas as espécies, pode ser constatado, de maneira evidente, que o espécime individual parece ser destituído da maior importância, sendo que, o fundamental é a sobrevivência do grupo, da comunidade.

Com isto, o conhecimento e a utilização da Psicologia Grupal demonstram destacada importância, comprovada pelo fato de o ser humano somente existir ou subsistir graças aos seus inter-relacionamentos grupais, passando a maior parte do tempo de sua vida convivendo e interagindo com grupos diversos. O primeiro grupo natural por que passa é a família (pais, irmãos, avós), passando, em

seguida, à escola, além de tantos grupinhos de formação espontânea e de cursinhos paralelos, de forma que a criança estabelece vínculos grupais bastante diversificados (Zimerman, 1997).

De acordo com Kaës (1977), a cadeia associativa grupal traz a possibilidade de busca de uma organização interna do material existente, como resultado do inconsciente do grupo, em que aparecem significados ocultos, reprimidos, que provavelmente não apareceriam no processo associativo do sujeito singular.

Esta afirmativa consiste em uma das mais valiosas colocações em termos da importância extrema dos contextos grupais para o ser humano, demonstrando seu caráter de facilitador elementar do desvelar de tantos conteúdos inconscientes, cujo significado, ao atingir o nível consciente, pode lhe trazer amadurecimento e bem-estar.

É importante citar a idéia defendida por Kaës (1997), relativa ao conceito de “aparelho psíquico grupal”, que se trata da construção psíquica comum dos participantes de um grupo, tendo como principal característica a garantia da mediação e troca de diferenças entre a realidade psíquica (relativa aos seus elementos intrapsíquicos, intersubjetivos e grupais) e a realidade grupal, em termos societários e culturais.

O indivíduo, então, possui representações do grupo (em geral ou um em particular), que são imaginárias e das quais ele não tem consciência, necessitando de experiências adequadas que as faça aparecer, tais como o grupo de diagnóstico (ou grupo básico, de sensibilização, evolução, grupo centrado

sobre o grupo), praticado na França desde 1956. Tal grupo caracteriza-se: pela acefalia do poder, permitindo-se observar nele todas as formas de liderança; por consistir um verdadeiro inventário das dificuldades relativas à comunicação; por permitir o desvelar dos motivos das simpatias ou antipatias, seus efeitos sobre o clima, a moral, a solidariedade e sobre o próprio trabalho do grupo (Anzieu & Martin, 1971).

Assim, é imprescindível abordar o conceito de vínculo, conferindo-lhe a devida relevância e procurando demonstrar a necessidade de se estar atento à sua natureza, principalmente no que diz respeito a um trabalho como este, que se pretende realizar.

### **Considerações acerca do conceito de vínculo**

Cabe aqui resgatar o papel do vínculo, ressaltando-se o fato de que a subjetividade inerente ao ser humano provém das relações vinculares, sendo que o relato obtido no contexto grupal pode conduzir à conquista dos significados do saber inconsciente (Rabinovich, 2001).

O vínculo configura-se em uma estrutura dinâmica, a qual envolve as relações de objeto, os processos de comunicação e de aprendizagem, estando em desenvolvimento ininterrupto e sendo caracterizado como social (Pichón-Rivière, 1995).

Os primeiros vínculos são constituídos com os familiares, tendo como ponto de partida uma relação íntima e exclusiva com a mãe e, em um segundo

momento, o reconhecimento da presença do pai. Neste momento, a criança passa a estabelecer vínculos com essas duas pessoas, de sexos distintos, estruturando-se, com isto, uma relação “tripessoal” (criança- mãe, criança-pai e criança-pai-mãe), trazendo um enriquecimento e maior complexidade a seu campo social. Estes primeiros vínculos que, aos poucos, vão se estendendo aos irmãos e outros familiares, são fundamentais para os relacionamentos posteriores, de forma que, quando o indivíduo provém de um núcleo desarmônico, pode haver um fracasso de sua parte nos grupos socialmente aceitos, havendo a tendência a se integrar em grupos marginais (Grinberg, Langer & Rodrigué, 1971).

É necessário enfatizar a importância dos vínculos para a construção da subjetividade, o que fica evidente, quando se observa o modo como ela pode se dar:

De acordo com Pachink e Friedler (1998), a subjetividade se processaria em três espaços, quais sejam: o intrasubjetivo (pertencente ao mundo interno do sujeito e formado pelas relações de objeto); o intersubjetivo (relativo aos vínculos estabelecidos nos mais variados contextos, como a família, por exemplo); e o transubjetivo (expresso pelas representações sócio-culturais inconscientes).

Assim, a forma de se estabelecer os vínculos dentro deste grupo de adolescentes obesos, será alvo de grande atenção, na medida em que eles espelham as primeiras relações de cada sujeito, tão influentes em toda a história de relacionamentos estabelecidos ao longo da vida, ao mesmo tempo em que revelam, de maneira marcante, aspectos da subjetividade, seja nas formas de

relação de objeto, nos vínculos interpessoais ou nas representações inconscientes da sociedade e cultura na qual se inserem.

A seguir, serão ilustrados alguns dos conceitos de Winnicott, os quais também nortearão o trabalho prático a ser realizado, ao lado das contribuições já explicitadas.

### **Contribuições de Winnicott para o trabalho prático**

Winnicott (1945/1993) afirma que as falhas ambientais, sobretudo as concernentes à conduta materna, possuem importante papel na produção ou condicionamento de patologias futuras.

De acordo com Winnicott (1945/1993), há três processos iniciais do desenvolvimento que, a ele, parecem começar muito cedo : a) integração; b) personalização; c) realização.

A tendência à integração é ajudada, segundo o Autor (1945/1993), por dois conjuntos de experiências, quais sejam: a técnica de cuidado infantil, por meio da qual a temperatura do bebê é mantida, ele é manipulado, banhado, embalado e nomeado; e as experiências pulsionais agudas que tendem a tornar a personalidade una a partir do interior.

A integração apresenta importância tão grande quanto o desenvolvimento do sentimento de que se está dentro do próprio corpo, sendo fundamental ressaltar, quanto a isso, a experiência pulsional e as repetidas e tranquilas

experiências de cuidado corporal que, gradualmente, constróem uma personalização satisfatória (Winnicott, 1945/1993).

Ao se admitir a integração, atinge-se outro assunto bastante amplo, ou seja, o que diz respeito à relação primária com a realidade externa. Winnicott (1945/1993), descreve tal processo da seguinte forma: o bebê vem ao seio quando excitado e pronto para alucinar algo que seja apropriado para ser atacado, de modo que o mamilo real aparece, o que lhe traz a capacidade de sentir que se trata do mamilo que ele alucinou. Com isto, suas idéias são enriquecidas por detalhes reais, em termos de sensação, visão e cheiro e, da próxima vez, isto será usado na alucinação. Deste modo, inicia-se a construção de uma capacidade de evocar o que é realmente disponível, sendo fundamental que a mãe continue a proporcionar ao filho este tipo de experiência.

Portanto, as funções atribuídas à mãe suficientemente boa podem ser categorizadas, nos primeiros estágios da vida do bebê, de forma a se poder reduzi-las a: “*holding*”; “manipular”; e “apresentar objetos” (Winnicott, 1993).

O “*holding*” apresenta estreita relação com a capacidade materna de identificação com seu bebê, sendo descrito por Winnicott (1993) como um período em que a mãe: o protege da agressão fisiológica; é capaz de considerar a sensibilidade cutânea do lactente e seu desconhecimento quanto à existência de qualquer coisa que não seja ele mesmo; realiza o cuidado adequado, de seu bebê, dia e noite, seguindo, também, as mudanças instantâneas que permeiam o crescimento e desenvolvimento do mesmo, tanto física como psicologicamente.

Dessa forma, pode-se inferir que a ação de sustentar ou “*holding*” envolve todas as funções maternas desse período que acabam por transmitir ao bebê a sensação de apoio e de confiabilidade, sendo básico para o desenvolvimento dessas condutas a capacidade de empatia por parte da mãe (Winnicott, 1993).

Já a função de manipulação parece ser facilitadora da constituição de uma parceria psicossomática na criança, contribuindo para a formação do sentido “do real”, de maneira que uma manipulação deficiente trabalha contra a capacidade de ela vivenciar a experiência do próprio funcionamento corporal e de “SER” (Winnicott, 1993).

Quanto à apresentação de objetos, esta refere-se a tornar real o impulso criativo da criança, propiciando o início da capacidade, por parte dela, de relacionar-se com objetos (Winnicott, 1993).

A partir das preciosas idéias de Winnicott, destaquemos a importância do conceito de “*holding*” para nosso trabalho, na medida em que ele nos propicia uma base teórica a ser relacionada com a técnica de grupo de apoio, a ser por nós aplicada. As razões disto são evidentes, já que “*holding*” significa justamente o promover, por meio de comunicação adequada e empática, a sensação de se ter apoio, confiança, sustento, ou seja, tudo aquilo que se pretende proporcionar ao grupo de adolescentes obesos.

Além disso, na entrevista que precederá a aplicação da técnica grupal, o conceito de “*holding*” parece ser igualmente necessário: na entrevista diagnóstica, *“o consultor ou especialista não precisa tanto ser arguto quanto capaz de proporcionar um relacionamento natural e de livre movimentação dentro do setting*

*profissional(...). Talvez o principal trabalho que se faz seja da natureza da integração, tornada possível pelo apoio no relacionamento humano, mas profissional – uma forma de sustentação [holding] (Winnicott, 1994, pp. 230).*

A seguir, vão descritos nossos objetivos, cujas bases teóricas foram até aqui apresentadas.

## OBJETIVOS

O objetivo geral deste trabalho é apresentar uma experiência com um grupo de adolescentes diagnosticados como obesos e analisar essa experiência, procurando responder às seguintes perguntas:

- Quais são os temas evidenciados pelas discussões, ações e interações do grupo, ou seja, quais as experiências pessoais relatadas pelos participantes?
- Qual o significado simbólico das ações mais expressivas e das comunicações verbais que ocorrem entre os adolescentes obesos?
- O grupo pode ser sensibilizado em relação a suas dificuldades relativas a seu sobrepeso e obesidade, por meio deste trabalho?
- A técnica de Grupo de Apoio possibilita e cria condições necessárias para o holding?

**MÉTODO**

---

**Método clínico:**

Foi utilizado, em nossa pesquisa, o método clínico, que tem sido considerado o método de escolha em pesquisas psicossomáticas, através do qual se busca a compreensão bio-psico-social da pessoa. O método clínico tem, hoje, aplicações mais amplas que não se restringem à medicina, mas se estendem pelo campo geral das ciências humanas. Em Psicologia, o método clínico é indicado para aprofundar conhecimentos gerais, quer no campo da normalidade, quer no da patologia (Battistoni, 1996).

O método em questão é apoiado pela convicção de que somente um estudo profundo de indivíduos particulares, observados em seu próprio contexto, é capaz de trazer uma compreensão do ser humano em geral (Reuchlin, 1979).

Freud contribuiu muito para o enriquecimento do método clínico nas áreas da Psicologia e da Psicopatologia. Seu conceito de inconsciente dinâmico deu nova dimensão à compreensão dos fenômenos humanos, estendendo suas relações de sentido para além do conteúdo manifesto. Foi ele que introduziu o estudo da história biográfica dos pacientes e procurou compreendê-los de forma profundamente humana (Battistoni, 1996).

Concordamos com Ladrière (1977), que afirma que a compreensão do fenômeno provém, de certo modo, da realização do caminho da manifestação em sentido inverso, remontando o processo de vinda ao manifesto e vinculando o manifesto ao seu passado.

Com considerações tão valiosas, realizamos nossa pesquisa, em que formamos um grupo de oito adolescentes, com o intuito de ilustrar o estudo da

obesidade nesta faixa etária. Realmente, procuramos, por meio desta experiência, retratar um pouco da subjetividade dos processos vividos por eles, buscando possíveis relações de significado entre a obesidade e suas histórias de vida e seus conflitos intra e extra-psíquicos.

A psicóloga pesquisadora foi uma observadora participante. Ela, de mente aberta, procurou observar e encarar as informações sem incorrer em preconceitos.

**Participantes:** grupo de adolescentes obesos e com sobrepeso

O grupo de adolescentes obesos foi composto por sete participantes (com idades entre 12 e 21 anos), de ambos os sexos, residentes da cidade de Campinas e região, provenientes de encaminhamento de profissionais da área da saúde, quais sejam: duas nutricionistas, uma endocrinologista e uma psicóloga.

Os critérios para a inclusão dos casos no estudo foram: cada participante deveria ter IMC (índice de massa corpórea) acima de 25, caracterizando o quadro de sobrepeso ou obesidade; o grupo foi homogêneo em termos do diagnóstico (sobrepeso/obesidade) e da faixa etária (adolescência). Os participantes constituíram um grupo misto e já estavam realizando tratamentos de ordem médica ou nutricional.

A seguir, descreveremos os perfis dos participantes, traçados por meio das entrevistas individuais prévias, salientando o fato de os nomes serem fictícios e de não haver qualquer informação capaz de propiciar a identificação dos adolescentes:

Clara: 12 anos de idade; cursa a sexta série; tem um irmão mais novo; possui IMC=26.3; faz natação, canto e deseja fazer dança; diz ser preguiçosa para caminhar e tímida; afirma não gostar de fazer lição de casa e adorar falar; relata muitos casos em que debocham dela, por seu sobrepeso, conferindo-lhe apelidos; conta ter sensibilidade à glicose.

Maurício: 13 anos de idade; cursa a sétima série; tem uma irmã mais velha; possui IMC=28,4; faz karatê; afirma gostar de ficar por longos períodos utilizando o computador e o vídeo-game, ir ao cinema, jogar bola e ir ao shopping com os amigos, além de apreciar animais de estimação, apesar de não ter um; diz ser “*muito envergonhado*”.

Gustavo: 12 anos de idade; cursa a sétima série; é filho único; possui IMC=29.4; faz exercício na bicicleta ergométrica, o que diz ser difícil para ele; gosta de natação, de estudar, de ler muito e de cachorro; atribui seu sobrepeso a problemas diagnosticados no pâncreas e na tireóide.

Melissa: 13 anos de idade; cursa a sétima série; tem dois irmãos, um mais velho e um mais novo; apresenta IMC=25.39; diz não parar em casa (e não gostar de fazê-lo); faz esportes, curso de teatro, curso de inglês e sessões de fonoaudiologia.

Eduardo: 12 anos de idade; cursa a sexta série; é filho único; possui IMC=30.18; faz natação e diz gostar de computação e de cachorro.

Carolina: 20 anos de idade (quase completando 21); possui curso colegial completo; apresenta IMC=35.7; conta não morar com os pais e nem sequer conhecê-los, sendo que seu pai adotivo faleceu e não se dá bem com a mãe adotiva, morando com um casal da igreja que freqüenta; afirma ter poucos amigos e ir praticamente somente à igreja, quando sai de casa.

Melina: 12 anos de idade; cursa a sexta série; tem dois irmãos, um mais velho e um mais novo; possui IMC=26.89; diz gostar de freqüentar a igreja e ler a Bíblia, ir ao cinema e ao shopping com as amigas.

**Material:**

Foram utilizados gravador e fitas cassete, os quais são capazes de favorecer uma maior fidedignidade no momento de realização do registro das falas dos participantes.

**Instrumentos:**

Foram utilizadas: uma entrevista semi-estruturada e a técnica de grupo de apoio, as quais são apresentadas em detalhes, no item "Procedimento".

**Local e disposição do mobiliário:**

O local onde foi realizada a pesquisa e, portanto, onde foi aplicada a técnica de grupo de apoio é uma clínica particular, situada na cidade de Campinas, a qual agrega diversos profissionais, de distintas especialidades dentro da área da saúde. O atendimento do grupo ocorreu em uma sala, cuja capacidade é de comportar até 15 pessoas, preservando-se o sigilo exigido, já que se localiza isolada do restante da clínica. O grupo, portanto, teve o silêncio, a iluminação e o conforto necessários para seu atendimento, em um ambiente adequadamente arejado, com carteiras dispostas em círculo, a uma distância que permitiu a fala, a comunicação e a visão das faces uns dos outros.

Costuma-se deixar o espaço central do círculo mobiliado apenas com uma pequena mesa, fazendo com que nada fique oculto, havendo exposição das partes expressivas dos participantes, tais como face, mãos e pés. Isto permite melhor acesso à linguagem corporal, imprescindível quanto à obtenção de conhecimentos fundamentais a respeito dos adolescentes, mesmo nos momentos nos quais impere o silêncio. Procedemos, então, desta maneira, com tal objetivo, o qual nos parece ter sido atingido.

Finalizando, a escolha das cadeiras foi feita livremente por cada participante, de modo que não houve distinção entre as acomodações dos adolescentes e a da psicóloga pesquisadora.

**Procedimento:**

Inicialmente, os participantes da pesquisa foram esclarecidos a respeito dos objetivos do atendimento de apoio grupal que seria por nós realizado. Tiveram, eles e seus responsáveis, acesso às devidas informações quanto à pesquisa propriamente dita, sendo-lhes solicitado que assinassem o termo de consentimento (anexo A).

O grupo de adolescentes obesos foi formado por meio de critérios de seleção, os quais foram averiguados através de entrevista psicológica individual, que teve o propósito de verificar a existência de possíveis contra-indicações. Estas se referem, por exemplo, a pessoas que não apresentam condições de dar seqüência a determinados tipos de comunicação verbal, que não acompanham modificações na sucessão de pensamentos, ou que apresentam quadros psicóticos (Terzis, 1997).

Nas entrevistas, foi utilizada a técnica recomendada por Bleger (1979), cujas questões centrais vão aqui, resumidamente descritas: a) a entrevista psicológica é uma técnica fundamental na investigação, que possibilita um estudo mais detalhado e oferece subsídios para serem empregados cientificamente; b) toda conduta se dá sempre num contexto de vínculos e relações humanas; c) a entrevista é a situação natural em que se dá o fenômeno que, precisamente, interessa-nos estudar: o fenômeno psicológico; d) a entrevista deve ter seu enquadramento definido, isto é, local, tempo, e objetivos bem delineados; e) o sigilo deve ser garantido, ficando o cliente perfeitamente seguro a este respeito; f)

o entrevistador faz parte do campo de observação, é um observador participante, pois também modula o comportamento do entrevistado.

No presente estudo, a entrevista teve como roteiro norteador os indicadores, em anexo B.

Os participantes, dos quais nenhum apresentou qualquer motivo para sua exclusão de nossa pesquisa, ou seja nenhuma contra-indicação, formaram um grupo homogêneo quanto ao diagnóstico e quanto à faixa etária, de modo que seus participantes foram voluntários encaminhados por profissionais da área da saúde (duas nutricionistas, uma endocrinologista e uma psicóloga).

O trabalho foi dirigido por uma psicóloga, sendo esta a própria pesquisadora, a quem coube a colocação das regras que caracterizaram o enquadre.

Em relação ao enquadre, a psicóloga pesquisadora forneceu todas as seguintes informações, o que foi feito da maneira mais clara possível: o trabalho seria realizado em quatro sessões; as sessões ocorreriam uma vez por semana; cada sessão teria duração de uma hora e meia; o local onde o trabalho seria realizado é uma clínica particular; os participantes deveriam apresentar o interesse e a disponibilidade de participar de todas as sessões e de permanecer até o final de cada uma delas, apesar de poderem desistir do trabalho a qualquer momento, caso desejassem; a regra básica de funcionamento do grupo diria respeito à associação livre. Além disso, os adolescentes foram esclarecidos quanto aos objetivos elementares dos atendimentos, relativos a colaborar para a conquista de novos modos de compreensão e expressão de suas aspirações,

desejos, dificuldades e potenciais, a partir da abordagem da questão relacionada a seu sobrepeso e/ou obesidade.

A psicóloga fez parte do grupo, sendo, no entanto, o único membro cujo papel foi antecipadamente definido, de forma a participar da evolução do mesmo e a fazer intervenções somente nos momentos que julgou útil para o progresso do grupo. Tais intervenções surgiram sempre sob a forma de perguntas e clarificações, no “aqui-agora” das sessões.

Além disso, interveio de maneira a buscar estimular a integração grupal e o fortalecimento da auto-estima, com destacada atenção ao “holding”, o qual constituiu o principal atributo do “setting”. Desta forma, buscou proporcionar ao grupo o sentimento de ser cuidado, amado, valorizado, procurando assegurar a contenção, o sustento e o verdadeiro apoio ao mesmo e através do mesmo.

Assim, o sentido de coesão grupal foi estimulado, baseando-se no compartilhar de idéias e sentimentos.

Foi utilizada, para tanto, a técnica de grupo de apoio, a qual será abaixo descrita:

Considerando-se que se tratou de um grupo artificial (formado por sete adolescentes com diagnóstico de sobrepeso / obesidade), esta técnica cumpriu uma função voltada a finalidades relacionadas a uma avaliação, parecendo ter sido capaz de sensibilizar os adolescentes aos fenômenos do grupo, proporcionando-lhes, em certa medida, uma oportunidade de auto-avaliação, por um lado, e de sentirem-se apoiados e sustentados, por outro.

A fim de melhor especificar alguns dos pressupostos básicos da técnica de grupo de apoio, descreveremos alguns fatores necessários à sua aplicação, através do relato de como procedemos em nossa pesquisa:

- A comunicação verbal pautou-se na regra de associação livre circulante;
- Todo o material produzido no grupo, isto é, todas as ações, interações, comunicações verbais e não verbais, foram registradas e analisadas;
- A atenção maior foi voltada para o movimento do grupo, o que implicou em uma postura aberta e sensível por parte da pesquisadora. Assim, nossa atenção foi focalizada no aqui-agora dos adolescentes, no encontro dos mesmos, encarando-se o grupo como instrumento de ressonância múltipla. O ambiente do grupo funcionou, inclusive com a colaboração fornecida pela própria disposição das cadeiras em círculo, como corpo materno, ou seja, aquele que apóia e protege, de acordo com o que é preconizado por Kaës (1977).

#### **Análise do material:**

A análise do material (sessões em anexo C) teve como base o modelo qualitativo de pesquisa, de modo que foram estudadas as experiências emocionais no processo do grupo de obesos, o que não pode ser analisado quantitativamente.

Sendo assim, é importante introduzir, aqui, uma breve definição de pesquisa qualitativa: esta, em oposição ao método experimental, privilegia o método clínico, buscando descrever o Homem, em determinado momento e

estando envolvido em dada cultura. Desta maneira, a pesquisa em questão é uma forma de estudo que se atém ao modo como as pessoas interpretam e conferem sentido às suas experiências e ao mundo que as rodeia, fundamentando-se na existência de um vínculo dinâmico e indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito (Gadbem, 2004).

Baseamo-nos, então, no modelo de análise apresentado por Kaës e Anzieu (1976) para a realização da análise do material coletado, tendo sido efetivadas diversas leituras do mesmo, juntamente com o orientador do trabalho, cuja formação grupanalítica permitiu a imersão no conteúdo das falas dos participantes e, concomitantemente, a seleção dos trechos a serem analisados.

Inicialmente, foi realizada uma análise vertical, a partir da qual cada reunião foi analisada e interpretada, por meio das falas apresentadas pelos participantes bem como das suas comunicações não-verbais, buscando desvelar significados simbólicos. Assim, é importante ressaltar que Mathieu (1967) preconiza que a disposição dos conteúdos de um dado relato pode revelar o modo por meio do qual o inconsciente realiza a busca da expressão de certos aspectos a ele pertencentes.

Dessa forma, realizamos uma análise horizontal, em seguida, procurando discutir os resultados, baseando-nos em teorias da Psicanálise e de Grupos.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

## **Análise da primeira sessão grupal:**

*(1.1) A psicóloga inicia a primeira sessão cumprimentando os participantes e retomando o objetivo do trabalho (tarefa), já exposto nas entrevistas individuais (abordar a questão relativa ao sobrepeso). Em seguida, retoma o contrato, dizendo que terão quatro encontros, cada um de uma hora e meia, nos quais eles falarão livremente sobre o que quiserem.*

Iniciamos a sessão, estabelecendo o enquadre, o qual diz respeito a um termo utilizado com o intuito de descrever um conjunto de dispositivos necessários para a viabilidade do trabalho analítico. Neste sentido, o enquadre possui função simbólica capaz de possibilitar a representação das vivências mais profundas dos participantes do grupo, por meio do pensamento de grupo, sob a perspectiva psicanalítica (Neri, 1999).

*(1.2) Há um silêncio de vinte segundos, em que os adolescentes olham bastante para baixo, Maurício pisca e abre e fecha as pernas repetidamente, sempre com o olhar voltado para baixo e as mãos entre as pernas.*

*(1.3) Novo silêncio ocorre, durando 45 segundos, com os mesmos comportamentos não verbais do primeiro. Ele é interrompido por Melissa, que diz: “Que silêncio chato!” O grupo dá risada. “Vai ficar uma hora e meia sem ninguém falar nada?”*

*(1.5) Há novo silêncio de 45 segundos, em que dirigem seus olhares à psicóloga, que diz que o silêncio parece estar incomodando e, ao mesmo tempo, parece difícil falar.*

*(1.6) O silêncio permanece por mais vinte segundos, sendo interrompido por Eduardo, que propõe que cada um fale do que gosta ou não de fazer, dizendo, em seguida, gostar de nadar e de futebol, contando, ainda, qual o livro dentre os quais ele mais gosta.*

*(1.7) Após 25 segundos de silêncio, Carolina diz: “Nossa! Que silêncio!” e Gustavo completa: “Vai se acostumando, porque vai ser assim, eu acho!” Carolina concorda e a psicóloga diz que eles acham que será assim e parece que está incomodando muito.*

*(1.8) Carolina e Gustavo falam mais sobre o silêncio, associando-o a ter acontecido alguma coisa ruim ou a não se saber se aconteceu.*

*(1.9) Há quarenta e dois segundos de silêncio, em que Melissa mexe na roupa, Carolina batuca na carteira, Maurício abre e fecha as pernas, pisca e ri nervosamente algumas vezes e Eduardo cantarola.*

*(1.11) Após quinze segundos de silêncio, Carolina diz: “Ninguém vai falar nada?” e Gustavo responde: “Você!”*

O silêncio do grupo remete-nos à interpretação de que se trata de um sinal de resistência do mesmo. De acordo com Freud (1939/1996), a resistência

impede a ocorrência de qualquer mudança, permanecendo tudo como era antes, não sendo importante sob que forma a resistência aparece, seja como transferência ou não.

Bach (1958), por sua vez, afirma que as primeiras formas de resistência do grupo não podem ser interpretadas como as manobras de resistência defensiva do eu, que ocorrem em fases posteriores do tratamento. De acordo com o mesmo autor, ainda que as formas abertas de conduta da resistência inicial e da resistência posterior apresentem considerável semelhança, os motivos latentes que estão por trás delas são muito diferentes. A resistência posterior apresenta como causas as defesas do eu, enquanto que a resistência inicial (a que nos interessa no momento) pode ser ocasionada por problemas individuais de ajuste emocional a uma situação nova e não estruturada. Assim, as primeiras resistências parecem ser motivadas por fatores como a ansiedade antecipatória, a expectativa de um líder autoritário e outras questões preliminares.

É importante ressaltar, ainda, que os grupos com participantes jovens muitas vezes aparentam receio em relação aos silêncios, podendo fazer o possível para evitá-los. Desse modo, o comportamento durante um período de silêncio costuma ser forçado e marcado por ansiedade, com o evitar de trocas de olhares e aumento de pequenos movimentos.

Sendo assim, e de acordo com as idéias de Foulkes & Anthony (1967), os silêncios constituem uma forma importante de comunicação grupal e o terapeuta deve buscar a compreensão de seus diferentes significados. O riso nervoso pode surgir em meio a um silêncio, o que parece ocorrer em nosso grupo, no momento

em que uma participante menciona o quanto ele a está encomodando, tornando aparentemente incoerente uma risada em um contexto de tensão como o demonstrado pelos comportamentos não-verbais do grupo e pela fala de Melissa.

*(1.4) Melina propõe que se apresentem e começa a fazê-lo, dizendo nome, idade e onde estuda. Todos, seguidamente, fazem o mesmo.*

A proposta de Melina para que todos se apresentem parece-nos consistir uma maneira encontrada para minimizar a angústia trazida pela situação de desconhecimento dos participantes. Além de uma apresentação poder ser relacionada a uma regra social, neste caso, ela aparentemente funciona como um “quebra-gelo”, como uma maneira talvez quase desesperada de se livrar de um silêncio tão ameaçador, aliado ao não conhecimento dos demais participantes do grupo.

*(1.10) Carolina propõe que todos falem das músicas e filmes que mais gostam e Gustavo acrescenta: “Hobbies!” Carolina responde: “É! Manias, né...?”*

*(1.20) Maurício diz que fica mais em casa, no computador e Eduardo revela que a mãe não deixa que ele fique muito tempo no computador. Melissa conta que sua mãe ‘cortou’ o computador por ela ter tirado nota baixa por ter ficado nele por muito tempo, sem estudar para a prova que teria no dia seguinte.*

*(1.21) O grupo conversa longamente sobre notas escolares, sobre matérias de que mais gostam e de que menos gostam e comportamentos próprios em sala de aula, quando não gostam da matéria. Falam sobre professores “bons” e “maus”. Carolina fala bastante sobre como era, quando estudava.*

*(1.22) Frisa bastante sua aversão por uma professora de geografia, ressaltando o fato de esta ser loira. Relata, inclusive, que tentou tirá-la da escola com um abaixo-assinado e que contava piadas de loiras para ela. Carolina afirma que dizia: “O dia que a senhora chegar assim na minha cor, a senhora vem conversar comigo!” Carolina relata diversas situações com diversos professores, mas enfatiza bastante o relacionamento com a professora loira, dizendo, por exemplo, não poder nem vê-la.*

*(1.23) Em seguida, Gustavo continua o tema e também Melissa (falar negativamente sobre professores).*

O grupo parece resistir em entrar na tarefa (objetivo) proposta, qual seja a de abordar a questão relativa a seu sobrepeso, sendo que se pode entender por

resistência tudo aquilo que, em atos e verbalizações dos pacientes, durante o tratamento psicanalítico, contrapõe-se ao acesso deste a conteúdos inconscientes (Laplanche & Pontalis, 2004). Assim sendo, a resistência pode ser traduzida, segundo Mezan (2003), pela produção, por parte do paciente, de comportamentos responsáveis por obstruir o progresso terapêutico, dizendo respeito desde ao uso indevido da crítica sobre as associações até à falta de pontualidade no comparecimento à sessão.

Com isso, é importante acrescentar que a raiz da resistência pode ser encontrada na repulsa da pessoa em reconhecer aquilo que reprimiu, de forma que o indivíduo acaba por não produzir as associações necessárias à realização da tarefa, ou, se as produz, recusa-se a admitir a validade da interpretação (Mezan, 2003). Acrescente-se, ainda, que, de acordo com Freud (1905/1996), a revelação e a interpretação do inconsciente pode se dar em face de uma resistência constante por parte do paciente, de maneira que tal processo geralmente se encontra associado ao desprazer, fazendo com que ele o rejeite repetidas vezes. Assim, o tratamento psicanalítico pode, muitas vezes, ser concebido como a reeducação em termos da superação de resistências internas.

*(1.12) Melissa diz não gostar de ficar em casa, porque lhe dá vontade de comer mais. Completa, dizendo: "Ai! É horrível! Ai, eu tenho que arrumar alguma coisa para fazer!"*

*(1.13) Melina também relata suas atividades, dizendo: "Eu não consigo ficar em casa! Se eu fico em casa, eu... Como!"*

Melissa e Melina relatam brevemente a sua necessidade de não ficarem em casa, a fim de não comerem em excesso. Elas, aparentemente, estão a falar do medo que sentem de seus próprios impulsos relativos à sua relação com comida, procurando evitar episódios de compulsão alimentar, os quais são

caracterizados, segundo o DSM IV (1994), pela ingestão muito rápida dos alimentos na ausência de fome, podendo o paciente querer alimentar-se isoladamente pela vergonha causada pelo excesso ingerido. Além disso, as duas falas praticamente seguidas, denotam, ainda, a possibilidade de ter ocorrido o fenômeno da ressonância, que diz respeito à base do trabalho de grupo, consistindo estas falas apenas um dos muitos exemplos que podemos encontrar durante toda a sessão. Aqui, na realidade, parece poder ser observado um verdadeiro “efeito-espelho”, o que se apresenta, geralmente, em momentos nos quais certa quantidade de pessoas se reúnem e atuam umas através das outras, consistindo, de acordo com Neri (1999), uma proeminência da função da ressonância de metabolização dos estados de ânimo de um outro participante. “Um indivíduo identifica uma parte de si que, em geral, afastou por remoção, refletida na interação dos outros membros do grupo. O indivíduo os vê reagirem da mesma maneira, como ele reage, ou de maneira diferente, contrastante com o seu comportamento. Desta forma, aprende a se conhecer através da ação que exercita sobre os outros e através da imagem que os outros fazem dele” (Foulkes, 1967, pp. 121).

*(1.14) Carolina diz não comer, normalmente, durante o dia, mas sim à noite, contando de uma noite em que estavam todos dormindo em sua casa e o silêncio estava muito gostoso para comer. Afirma, em relação a isto: “Sabe assim? Ninguém enchendo seu saco... Tal...”*

*(1.15) Gustavo pergunta se ela atacou a geladeira e ela confirma, dizendo que depois ficou até com a consciência pesada, falando longamente sobre isso.*

*(1.16) Todos falam de sua rotina alimentar: Eduardo não toma café da manhã, mas chega na escola e compra um hambúrguer. Melissa diz não tomar café da manhã: “Almoço normal e eu vou jantar só à noite; daí come, daí que engorda, né?” Melina conta que não toma café da manhã e nem almoça. Gustavo descreve todas as refeições que faz e Eduardo afirma praticamente nunca comer arroz com feijão.*

*(1.17) Carolina volta a falar longamente sobre sua rotina alimentar e a das pessoas com quem mora, mesclando informações de sua rotina geral à qual se atrela a primeira.*

(1.18) O grupo prossegue falando sobre chocolates e outros doces, chegando a descrever receitas e Gustavo diz: "A Leticia deve estar com água na boca!" A psicóloga, então, diz: "Parece que vocês estão falando do prazer que vocês têm com a comida..."

(1.19) Eduardo conta de uma situação por que passou em uma viagem com a escola, em uma pizzaria, onde diz ser a pizza o dobro do tamanho de uma pizza normal; diz que deveria ter cruzado os talheres, quando terminou a refeição, mas foi ao banheiro sem fazer isto e, ao voltar, havia mais um pedaço enorme de pizza em seu prato. Conta também que teve que emprestar uma ficha de um amigo, em dado momento, para comprar uma coxinha. Diz: "Eu peguei a coxinha, Ketchup, maionese e fiz a festa!" O grupo ri.

O grupo demonstra, nestes trechos, sua voracidade e prazer relacionados à comida, parecendo ignorar em seus relatos, a angústia possivelmente atrelada a isto, encontrando-se, em alguns casos, possíveis quadros de Transtorno de Compulsão Periódica, cujas principais características são: episódios de compulsão alimentar periódica, de forma recorrente, indicadores subjetivos e comportamentais de reduzido controle, além de um significativo sofrimento causado pelos ataques de hiperfagia (DSM IV, 1994). Talvez possamos interpretar tais falas como uma defesa, na qual os participantes parecem considerar seus comportamentos alimentares somente como algo prazeroso e exclusivamente positivo, sem conseqüências desagradáveis (o que não parece ser o caso, conforme se revelou na maioria das entrevistas). Isto somente é mencionado na fala de Carolina, que assume ter ficado "com a consciência pesada" após o presumível ataque de hiperfagia, parecendo descrever um episódio de compulsão alimentar.

Em (1.14), talvez possamos assimilar um significado oculto em "enchendo o saco", relativo a uma similaridade inconscientemente estabelecida entre alimentar-se e encher-se. A participante, aparentemente, está manifestando uma sensação de não se alimentar, mas de encher-se, ao tentar fazê-lo, duas

situações que nos parecem bastante diferentes, já que encher-se pressupõe ultrapassar os limites da satisfação, podendo conduzir ao mal-estar pelo excesso ingerido (que a paciente expressa como se fosse proveniente das falas ouvidas da família adotiva (*“ninguém enchendo o seu saco”*)).

Faz-se necessário, também, notar um possível significado da fala (1.15), em que Gustavo emprega o termo “atacou” para perguntar a Carolina se ela abriu a geladeira, ou algo similar. Tal ataque parece relacionar-se com uma subfase de organização da libido preconizada por Abraham (1924/1959), denominada ativo-incorporativa, que coincide com o aparecimento dos dentes, com a atividade de devorar o objeto, destruindo-o, conduzindo ao surgimento da ambivalência em que libido e agressão direcionam-se para um mesmo objeto.

*(1.20) Maurício diz que fica mais em casa, no computador e Eduardo revela que a mãe não deixa que ele fique muito tempo no computador. Melissa conta que sua mãe ‘cortou’ o computador por ela ter tirado nota baixa por ter ficado nele por muito tempo, sem estudar para a prova que teria no dia seguinte.*

*(1.21) O grupo conversa longamente sobre notas escolares, sobre matérias de que mais gostam e de que menos gostam e comportamentos próprios em sala de aula, quando não gostam da matéria. Falam sobre professores “bons” e “maus”. Carolina fala bastante sobre como era, quando estudava.*

*(1.23) Em seguida, Gustavo continua o tema e também Melissa (falar negativamente sobre professores).*

*(1.24) Melissa continua falando sobre brigas na escola e sobre professores e suas características (no mais, negativas).*

*(1.25) Eduardo conta de uma professora por quem se sentia odiado na escola (“Acho que ela me odiava!”), justificando isto, ao contar uma situação vivida com ela e Carolina conta de mais uma desavença com outra professora.*

Nestes trechos, percebemos a resistência do grupo em entrar na tarefa / objetivo. Ao mesmo tempo, parece evidente a voracidade do grupo, à medida que as falas são ininterruptas e aparentemente carregadas de emoção, demonstrada pelos tons de voz aumentados. Nessas falas, o grupo demonstra dificuldades

quanto a alguns relacionamentos interpessoais, talvez por uma posição persecutória que cada um parece assumir perante outrem.

O grupo aparentemente projeta suas relações com o seio bom e o seio mau em suas relações com os professores, de forma que, conforme idéia de Klein (1969), o mundo interno é constituído por objetos, dos quais o primeiro de todos é a mãe, internalizados em diversas situações emocionais. Com isso, as relações estabelecidas entre tais figuras internalizadas e entre elas e o ego, apresentam a tendência de serem sentidas como relações de teor hostil e ameaçador, quando a ansiedade persecutória é dominante; já quando o bebê é gratificado, predominando os sentimentos felizes, tais relações são consideradas como afetuosas e boas.

Dessa maneira, “a mãe, primeiro que tudo o seu seio, é o objeto primordial para os processos introjetivos e projetivos do bebê. Amor e ódio são, desde o princípio, projetados nela e, ao mesmo tempo, a mãe é internalizada com ambas essas emoções, primordiais e contrastantes, subjacentes no sentimento infantil de que existem uma mãe boa e uma má (seio). Quanto mais a mãe e seu seio são catectados – e a extensão da catexa depende de uma combinação de fatores internos e externos, entre os quais a capacidade inata para o amor é da máxima importância – com maior segurança o bom seio internalizado, que é o protótipo dos bons objetos internos, se estabelecerá na mente infantil. Isso, por sua vez, influencia tanto a força como a natureza das projeções; em particular, determina se os sentimentos de amor ou os impulsos destrutivos serão predominantes naquelas” (Klein, 1969, pp. 8).

Nas falas em análise, portanto, parecem estar prevalecendo projeções do seio mau, à medida que os participantes verbalizam muitas insatisfações com seus professores, mencionando praticamente nada a respeito de docentes considerados como bons. Com isso, levantamos a hipótese de que esse “ataque” que se nota nas falas dos adolescentes, dirigido a seus professores, possa corresponder, psiquicamente, ao “ataque à geladeira”, em (1.15), e, por conseguinte, ao ataque ao seio mau, conforme a teoria kleiniana, brevemente explanada, logo acima.

*(1.6) O silêncio permanece por mais vinte segundos, sendo interrompido por Eduardo, que propõe que cada um fale do que gosta ou não de fazer, dizendo, em seguida, gostar de nadar e de futebol, contando, ainda, qual o livro dentre os quais ele mais gosta.*

Eduardo, ao fazer a proposta de que cada participante fale sobre o que gosta ou não de fazer, desencadeia, no grupo, outras falas marcadas por grande repetição do verbo “gostar” (“gosto”), podendo-se perceber, aqui, um claro exemplo de formação da cadeia associativa grupal, que, por sua vez, é constituída por enunciados sucessivos ou similares dos participantes e definida por uma lógica grupal, em que se revela um pensamento grupal, segundo Foulkes & Anthony (1967). Deste modo, ainda que não estejam a falar concretamente em comida, podem remeter-nos a pensar em sua compulsão no uso daquilo que apreciam, incluindo-se, naturalmente, os alimentos. Demonstram, então, que tal provável compulsão pode estender-se a outras esferas de suas vidas, envolvendo, por exemplo, a voracidade em atividades como leitura, esportes, computação.

Quanto a tais passagens e naquelas que vão de (1.14) a (1.19), a questão relativa à oralidade dos participantes demonstra ser de importância notável,

parecendo-nos fundamental abordar aqui a relação entre elas e a primeira fase do desenvolvimento da organização sexual, de acordo com Freud (1905/1996). Trata-se da fase oral, em que a atividade sexual ainda não se desatrelou da ingestão de alimentos, consistindo o objeto de ambas as atividades o mesmo, qual seja a incorporação do objeto, tratando-se do protótipo de um processo que deverá desempenhar, posteriormente, um importante papel psicológico, sob a forma de identificação (Freud, 1905/1996).

Assim, há diversos fenômenos em que se pode reter o erotismo oral, no adulto, dentre os quais muitos hábitos alimentares peculiares, de maneira que o surgimento de uma gula consideravelmente intensa, quer ela se apresente de modo manifesto ou reprimido, sob a forma de derivados, pode ser relacionado com o erotismo oral (Fenichel, 2000).

*(1.27) Carolina é a que fala mais sobre isso, aproveitando cada silêncio para retomar longamente a palavra. Fala sobre um programa de TV que tem relação com a profissão que quer seguir (medicina), dando detalhes de alguns episódios. O grupo participa do assunto, com comentários em meio à fala de Carolina, que, muitas vezes durante a sessão, arranca risos de todo o grupo.*

É interessante notar, ainda, que Carolina, a participante que apresenta o maior IMC, é quem parece tomar mais a palavra, aproveitando cada oportunidade, avidamente, para fazê-lo e para permanecer longamente discorrendo sobre algum tema. Isso nos remete, mais uma vez, à questão da oralidade, sendo que tal comunicação estabelecida aparentemente traz consigo um sentido de uma tentativa de permanecer com um contato ininterrupto com os demais participantes, com a finalidade de satisfazer suas necessidades afetivas. Parece haver, então, uma regressão por parte de Carolina e do próprio grupo, que apóia suas falas seguidas e longas, do mesmo modo que se observa na fusão mãe-bebê.

A origem do que estamos mencionando encontra-se, a nosso ver, na idéia de que “signos afetivos gerados por disposições de ânimo da mãe parecem tornar-se uma forma de comunicação com o bebê. Esses intercâmbios entre mãe e filho continuam sem interrupção, mesmo que a mãe não esteja necessariamente consciente deles. Esta forma de comunicação entre mãe e filho exerce uma pressão constante, que modela a psique infantil. (...) Consciente ou inconscientemente, cada parceiro na dupla mãe-filho percebe o afeto do outro e, por sua vez, responde com afeto, numa troca afetiva recíproca contínua. Essas trocas são fundamentalmente diferentes das que temos oportunidade de observar em adultos” (Spitz, 1987, pp. 102-103).

Simultaneamente, sob a perspectiva grupal, devemos mencionar o primeiro organizador psíquico de que nos fala Kaës (1977), que pressupõe a busca da força por meio do grupo, tal como ocorre quando se está dentro do útero materno, onde se sobrevive, sem que se precise lutar por isso, devido à unidade estabelecida com o corpo da mãe. Ao nascer, o indivíduo experimenta uma sensação de ameaça de inexistência, uma angústia diante da incerteza da possibilidade de morte. Desse modo, em um movimento regressivo, busca-se a mesma força, a mesma unidade mais primitiva, no grupo, no sentido de procurar lidar com o impensável sentimento a que nos referimos.

Ao mesmo tempo, percebemos outro movimento, em nosso grupo, provavelmente similar em termos de sua finalidade, qual seja o relativo aos excessos alimentares dos participantes, que parecem sentir a necessidade de criar verdadeiros depósitos (de gordura), como se desenvolvesse, por intermédio

disso, uma força capaz de combater ameaças de perigos internos e externos. Tal como o bebê, frágil, dependente e incerto, por excelência, nossos adolescentes parecem apoiar-se no comer e no beber, no “incorporar”, contra o pensamento da possibilidade de fome, de morte, aparentemente buscando o mesmo quando estabelece comunicações ininterruptas com os demais, procurando reproduzir a continuidade plena (de alimentação e “comunicação” com a mãe) que tinha no útero materno (Estamos de acordo com Kaës (1977), portanto, quando nos fala de um primeiro organizador psíquico).

Além disso, podemos, ainda em relação a tal trecho, nos referir a uma transmissão transpsíquica. Esta, por sua vez, conforme expõe Kaës (1995), diz respeito a uma forma de comunicação na qual são abolidos os limites e o espaço entre os sujeitos, o que parece ocorrer, nesse caso, ao menos em parte, em que Carolina toma a palavra sempre que deseja, ainda que seja com o apoio do grupo (provavelmente pelos motivos acima mencionados).

Além disso, talvez possamos encontrar explicação, ao menos em parte, em relação a essa falta de limites / voracidade observada nas falas, na ingestão de alimentos e em outras facetas das vidas dos participantes, na questão que se refere ao narcisismo primário. Segundo Green (1972), parece haver uma necessidade, proveniente da situação narcísica, do sujeito em relação ao objeto, constituindo-se uma luta contra o trauma da perda do objeto narcísico, fundamental enquanto mecanismo de identificação com o objeto.

Freud (1913/1996) conceitua o narcisismo primário, de modo geral, como o primeiro narcisismo, em que a criança possui a si própria como objeto de amor,

anteriormente à sua escolha de objetos exteriores, estado esse que corresponderia à sua crença na onipotência de seus pensamentos.

Assim, de acordo com Zimerman (2001), a maior parte dos autores parece acreditar que o protótipo da vida intra-uterina seja o mais fiel protótipo do narcisismo primário.

*(1.22) Carolina frisa bastante sua aversão por uma professora de geografia, ressaltando o fato de esta ser loira. Relata, inclusive, que tentou tirá-la da escola com um abaixo-assinado e que contava piadas de loiras para ela. Carolina afirma que dizia: "O dia que a senhora chegar assim na minha cor, a senhora vem conversar comigo!" Carolina relata diversas situações com diversos professores, mas enfatiza bastante o relacionamento com a professora loira, dizendo, por exemplo, não poder nem vê-la.*

Aqui, Carolina parece fazer questão de demonstrar sua aversão pelas características físicas de sua professora, ressaltando insistentemente, em sua fala, o fato de esta ser loira. É importante informar que a psicóloga também apresenta esta característica, levando-nos a compreender suas colocações como manifestação de possíveis sentimentos hostis suscitados por tal característica apresentada pela terapeuta, possivelmente relacionados a algum desconforto persecutório em relação a isso e /ou a indivíduos com essa característica.

(1.26) O grupo prossegue com o tema, com cada um dizendo o que pretende fazer em termos de profissão.

*(1.28) O tema relativo às pretensões profissionais prossegue, sendo que, havendo qualquer oportunidade em meio ao que está sendo dito por outro participante, Carolina se pronuncia.*

*(1.29) Melissa relata tudo o que já realizou em termos de esportes, de modo a ter sido já vice-campeã brasileira em uma modalidade.*

*(1.30) Gustavo diz querer cursar a faculdade para dar aula, não para quinta a oitava séries, mas para faculdade, "que ganha mais". Eduardo diz que tem um amigo que quer ser chefe de cozinha e conta que pede desconto a ele, quando isto acontecer. Maurício diz que quer trabalhar com software, com computador.*

*(1.31) Carolina fala sobre a fortuna de Bill Gates, conquistada no ramo de atividade escolhida por Maurício. Gustavo prossegue o assunto relativo a personalidades que recebem fortunas mensais, como Bush e Sílvio Santos, iniciando, no grupo, o tema que diz respeito a programas de TV, sobretudo novelas.*

Apesar de os participantes não falarem, nesses momentos da sessão, diretamente a respeito de seu sobrepeso, as mesmas necessidades que parecem estar por trás de um comer excessivo também podem ser encontradas por trás da vontade de obter grandes salários (dar aulas em faculdades, por se ganhar mais, trabalhar com software, como Bill Gates) e da de conquistar a fama (sendo campeã esportiva). Aparentemente, há, por parte do grupo, uma certa ambição profissional que parece caminhar lado a lado com o tipo de relação estabelecida com a comida. Tais necessidades, dentro de seu funcionamento psíquico, poderiam ter como fonte de satisfação tanto o comer descontrolado quanto grandes ambições profissionais e financeiras, o que, em suas fantasias inconscientes, poderia significar o preenchimento de seus vazios emocionais.

“Os gulosos compulsivos estão à procura do amor, da aprovação, da recompensa; todavia, infelizmente, num nível inadequado” (Dethlefsen & Dahlke, 1999, pp. 229). É claro que tal pensamento, assim como todos os que se referem ao psiquismo, não deve ser generalizado, mas isso nos parece ser freqüentemente observado.

*(1.32) Em seguida, Melissa conta que tinha CDs e bonecas de uma novela e que estes foram roubados. Gustavo lembra e relata uma situação na qual também foi roubado e Eduardo faz o mesmo em relação a um assalto ocorrido com três amigos seus. Melina diz que sua casa foi assaltada duas vezes e Edu afirma que já tentaram entrar em sua casa também. Gustavo fala de mais duas situações parecidas pelas quais passaram pessoas conhecidas suas e Carolina também aborda o assunto, apesar de não ter relatado ter vivido nenhuma situação similar.*

Os participantes demonstram entrar em contato, segundo nossa compreensão, com seu vazio interior, já que passam a falar de situações de assalto, que denotam uma falta, de fato podendo remeter ao vazio sentido.

Percebemos, a partir de nossa análise, que os fenômenos que prevaleceram nessa sessão foram: a resistência em entrar na tarefa; a demonstração do papel da oralidade para a constituição de seus quadros (de obesidade e sobrepeso / compulsão alimentar presumida); a regressão a fases primitivas, como defesa do grupo, bem como o fenômeno da ressonância\*, em que se observam várias falas de uns participantes que realmente fazem sentido a outros, deflagrando, predominantemente, a cadeia associativa grupal.

*\* A ressonância acústica, tendo sido descoberta em por volta de 1450, teve seu conceito generalizado em 1862, após constatação de que se pode observá-la em todos os lugares, existindo, pois, vibrações em todos eles. Pode-se considerar que haja, também no grupo, um contato emotivo genérico correspondente, na física, à ressonância distante das frequências naturais. Porém, a verdadeira ressonância entre duas ou mais pessoas se dá a partir de um determinado tema, fantasia ou sentimento, de acordo com Anzieu (1979).*

## **Análise da segunda sessão grupal:**

*(2.1) Melissa sugere que cada um se apresente à “menina nova” (Clara, que faltou na primeira sessão) e que ela também o faça para o grupo, o que foi acatado, com cada um dizendo nome e idade.*

Melissa, ao sugerir que Clara se apresente, parece aderir à idéia de Melina, na primeira sessão, talvez por ter percebido que, por meio disso, pode atenuar um pouco a própria angústia frente ao desconhecido (relativo a ter um novo integrante no grupo). De acordo com Foulkes e Anthony (1967), um novo membro no grupo pode apresentar uma ameaça e, conseqüentemente, provocar aversão. É importante mencionarmos que havia tido apenas uma sessão anterior sem a presença de Clara e que sua inserção no grupo deu-se pelo seguinte motivo (o qual não foi exposto ao grupo, nem anterior nem posteriormente): em sua entrevista individual, Clara manifestou o interesse e a disponibilidade em participar da pesquisa, tendo revelado sua impossibilidade de comparecer na primeira sessão grupal apenas ao final da mesma. Sua justificativa à psicóloga pareceu suficiente para a situação.

*(2.2) Há um silêncio de aproximadamente 20 segundos, em que Melissa mexe no zíper de sua blusa e Maurício pisca muito.*

*(2.4) Há 2 minutos e meio de silêncio, com os mesmos comportamentos não-verbais (pequenos movimentos, sobretudo de Melissa e Maurício).*

*(2.5) Melissa indaga: “Vai ficar esse silêncio chato de novo?”*

*(2.9) Há novo silêncio de 40 segundos, em média.*

*(2.11) Após 25 segundos de silêncio, Carolina é quem retoma o tema, sendo seguida por Melissa e Gustavo, voltando a conversar dinamicamente sobre o assunto.*

*(2.12) Há quase 2 minutos de silêncio, interrompido por Melissa, que fala sobre a denúncia que fizeram da estrutura física de sua escola, que, segundo ela, está bastante comprometida.*

*(2.13) Há 45 segundos de silêncio, o qual é interrompido por Carolina, que comenta algo a respeito dos latidos de cachorros que podem ser ouvidos na sala de atendimento.*

*(2.31) Após um minuto e meio de silêncio, Carolina murmura que está com sono.*

É interessante notar que, nesta sessão, os silêncios são mais frequentes e mais prolongados do que se nota ocorrer na primeira sessão, havendo, por outro lado, os mesmos comportamentos não-verbais (fugas nos olhares e pequenos movimentos) e verbais (“que silêncio chato!”) a eles associados. Isto parece denotar a presença de uma considerável resistência (já conceituada na análise da primeira sessão), cuja manifestação, em princípio, pode indicar um crescimento em relação à primeira sessão.

*(2.3) Gustavo pergunta a Eduardo se tem 12 ou 13 anos e se está na 6º ou 7º série. Gustavo diz que está na 7º e também tem 12 anos, justificando que, onde morava, costumavam entrar mais cedo na escola.*

*(2.7) Eduardo propõe que digam o que fizeram durante a semana, contando, em seguida, suas atividades escolares dos últimos dias.*

*(2.10) Continuam a falar sobre o mesmo assunto, sempre com Carolina atuando mais e provocando risadas no grupo, quase com a mesma frequência com que toma a palavra.*

*(2.12) Há quase 2 minutos de silêncio, interrompido por Melissa, que fala sobre a denúncia que fizeram da estrutura física de sua escola, que, segundo ela, está bastante comprometida.*

*(2.13) Há 45 segundos de silêncio, o qual é interrompido por Carolina, que comenta algo a respeito dos latidos de cachorros que podem ser ouvidos na sala de atendimento. Menciona situações em que há cachorros em prédios e o quanto isto incomoda.*

*(2.14) Clara diz ter dois cachorros e Carolina afirma que gosta desses animais, mas que existem pessoas que criam até labradores em apartamentos muito pequenos. Gustavo conta de um cachorro que teve e Carolina continua falando sobre não achar bom criar cachorros em apartamentos, pelo próprio animal.*

*(2.15) Gustavo, após 12 segundos de silêncio, conta de um trabalho cuja nota foi dada esta semana, tendo tirado 10, enquanto outros colegas tiraram 5,5.*

*(2.16) Carolina prossegue o assunto, falando sobre notas. A maioria conta sobre qual a média em sua escola e sobre situações relacionadas a notas.*

*(2.17) Carolina conta de uma colega de escola que ela e seu grupo de amigos consideravam “CDF”, relatando como ela e seus amigos a “levaram” para seu grupo, “fazendo-a” chegar atrasada às aulas, deixar de estudar e até passar a usar calças rasgadas.*

*(2.18) Melissa relata uma experiência sua com amigos de escola. Diz que costumam colocar os alunos bagunceiros em uma sala só e que depois reclamam. Conta de uma sala em especial que existia em sua escola e prossegue: “Aí, nós começamos a destruir a sala assim,*

pegamo pó de vidro assim, aí a 8ª série ajudou a passar pó de vidro e as crianças de 5ª série ficavam se coçando assim. (...) Destruímos a sala!”

(2.19) *Melissa conta de uma situação similar, em que um colega adjetivado por ela de “monguinho”, fazia lições para ela.*

(2.20) *Carolina prossegue, contando de outras formas para fazer colegas fazerem trabalhos para ela (simulação de mão machucada, por exemplo).*

(2.21) *Após quinze segundos de silêncio, Carolina fala mais um pouco sobre isto e, após mais um breve silêncio, Gustavo diz: “O Papa morreu!” Iniciam, então, o assunto relativo à morte do Papa, comentando a respeito do caixão, de haver muita gente no velório, da eleição do novo papa, da exposição de seu corpo e quanto a tarefas e atividades escolares da semana anterior relacionadas ao tema. Somente Clara não faz nenhum comentário. Carolina opina quanto à eleição do novo papa, dizendo que ninguém irá eleger um papa brasileiro ou negro. Gustavo diz também: “A coisa mais difícil de acontecer é um país de primeiro mundo, desenvolvido, eleger um presidente negro e mulher”.*

(2.22) *Melissa fala do preconceito contra o negro e contra a mulher e Carolina declara: “Não discriminando vocês, mas eu acho a cor mais bonita do mundo, cara!” Melissa diz: “Eu também! Nós não temos muito problema de pele assim, né?” E prossegue um pouco mais, neste sentido.*

(2.23) *Carolina afirma: “Eu acho que o pessoal que é racista gostaria de ter nascido negro! Porque é impossível!” Prossegue, contando de uma pessoa que frequenta a mesma igreja e toma muito sol e para quem ela diz que não deve fazer isso, porque nunca vai chegar na sua cor (de Carolina)”.*

(2.25) *Carolina conta uma historinha em que Jesus esquece alguns no forno e diz que jogará fora. Depois, Ele fica olhando, segundo Carolina e percebe que foi a melhor coisa que fez. Carolina afirma que, então, mandaram-nos para a Terra, “(...) com uns cabelo bom!”*

(2.26) *Há risadas do grupo, principalmente de Melissa, que diz: “OoooH! O pente nem entra direito!” E Carolina e Melissa contam de situações por que passaram quando menores relacionadas com os cabelos. Carolina conta dos penteados doloridos que lhe faziam e como era ruim ter de fazê-los. (Conta debochadamente, provocando muitas risadas, como acontece com grande parte do que fala). Melissa relata uma situação em que perdeu parte dos cabelos por usar um produto químico para alisamento. O assunto prossegue por algum tempo.*

(2.27) *Clara conta também, de um problema que teve com um penteado, fazendo com que perdesse parte dos cabelos temporariamente, tendo de ir para a escola de boné.*

(2.29) *Carolina exclama: “Como é bom ter amigos! Eles sempre dão pra gente o que a gente quer ganhar” E Clara começa a falar sobre uma situação em que “tirou” a melhor amiga num “amigo secreto” . Carolina diz que já aconteceu o mesmo com ela e conta outras experiências nesse sentido. Melissa também conta de experiências com sua melhor amiga, sobre como foi seu último encontro com ela e as brincadeiras que fizeram.*

(2.30) *Após quarenta e cinco segundos de silêncio, Carolina diz que, se houvesse cinco sessões, na última ela não poderia participar, porque já terá vinte e um anos, contando o dia de seu aniversário.*

(2.31) *Após um minuto e meio de silêncio, Carolina murmura que está com sono. (2.32) Melissa diz estar com fome e querer comer um cachorro-quente e Eduardo conta de um lugar que tem um cachorro-quente muito bom. Descreve-o, dizendo que colocam muito purê e Gustavo conta de um lugar que tem um cachorro-quente parecido, de modo que ambos tentam chegar à*

*conclusão de estarem falando do mesmo lugar ou não, descrevendo mais detalhes da guloseima e do próprio local. Melissa também conta de um cachorro-quente que comeu e gostou muito, descrevendo-o em detalhes e Carolina faz o mesmo. Melissa prossegue, falando de outro local onde há um sanduíche e um suco bem grandes e gostosos.*

Todos esses trechos denotam a idéia de o grupo não ter “conseguido” entrar na tarefa / trabalho de grupo. Desse modo, percebe-se, nesses momentos, a presença de resistência por parte do grupo em abordar um tema que provavelmente mobiliza sentimentos de ansiedade.

Bion (1975) defende a existência do que ele chama de suposições básicas, explicando que a atividade grupal pode ser obstruída, enviesada e, por vezes, ter colaboração de outras atividades mentais portadoras, todas elas, do atributo de impulsos emocionais dotados de poder significativo. Tais atividades que, em princípio, parecem caóticas, apresentam certa coesão, ao passo que se presume que sua origem se encontra em suposições básicas comuns a todo o grupo. Uma das suposições básicas, às quais Bion (1975) se refere, parece estar presente nesses dois últimos conjuntos de trechos, sendo esta fortemente relacionada à resistência apresentada nesta e na sessão anterior: trata-se da suposição de que o grupo está reunido com a finalidade de lutar contra algo ou fugir de alguma coisa. Tal estado Bion (1975) denomina “grupo de luta-fuga”.

*(2.17) Carolina conta de uma colega de escola que ela e seu grupo de amigos consideravam “CDF”, relatando como ela e seus amigos a “levaram” para seu grupo, “fazendo-a” chegar atrasada às aulas, deixar de estudar e até passar a usar calças rasgadas. Conta que a apelidavam antes, fato do qual ela não gostava e que a maneira pela qual fizeram com que mudasse seus comportamentos foi ir retirando um apelido de cada vez, em troca do que o grupo lhe pedisse para fazer.*

*(2.18) Melissa relata uma experiência sua com amigos de escola. Diz que costumam colocar os alunos bagunceiros em uma sala só e que depois reclamam. Conta de uma sala em especial que existia em sua escola e prossegue: “Aí, nós começamos a destruir a sala assim, pegamos pó de vidro assim, aí a 8ª série ajudou a passar pó de vidro e as crianças de 5ª série ficavam se coçando assim. (...) Destruímos a sala!”*

*Carolina volta a falar de professores de que não gostava e do que “a sala” fazia com eles, por exemplo, quanto a deixá-los para fora. Diz que tinha mais três amigas com quem fazia isto (fechar a porta para um professor não entrar) e outras coisas também. Diz: “Tinha uns “troxa” lá*

*que era louco pra andar com a gente! Coitados deles. (diz baixinho) eles faziam o nosso trabalho e a gente ia fazer outra coisa.*

*(2.19) Melissa conta de uma situação similar, em que um colega adjetivado por ela de “monguinho”, fazia lições para ela.*

*(2.20) Carolina prossegue, contando de outras formas para fazer colegas fazerem trabalhos para ela (simulação de mão machucada, por exemplo).*

Estes relatos podem revelar sentimentos destrutivos com algum teor de agressividade /ataque por parte das adolescentes, que parecem não ter uma noção apurada do “outro” e dos próprios limites. Remetem-nos, ainda, a pensar na tendência que se pode perceber freqüentemente, na população adolescente, quanto a procurar pertencer a grupos. Knobel (1981) preconiza, neste sentido, a existência de uma tendência grupal, no período da adolescência, em que parte da dependência em relação aos pais é transferida para o grupo. Entretanto, o que parece prevalecer, nesses relatos, é uma tendência ao comportamento anti-social, conceito este desenvolvido por Winnicott (1956/2002), que nos explica todo um processo que vai desde a origem da ausência de um sentimento de culpa até a relação, que tanto nos interessa, da avidez com o comportamento anti-social.

Winnicott (1966/2002) relata-nos que, ao passo que o bebê torna-se uma unidade integrada, também passa a existir um senso de responsabilidade pessoal, de forma que, quando ele tem impulsos e idéias destrutivos, pode ser verificado um início natural de um sentimento pessoal de culpa, do qual pode se derivar o impulso para ser construtivo. Quando o sentimento de culpa está ausente na criança, ela não permite o impulso, instando-se o medo e a inibição quanto aos sentimentos que se constroem em torno desse impulso.

Completando tal explanação, Winnicott (1966/2002, pp. 123) nos diz que a ausência de um sentimento de culpa pode significar que “(...) as experiências

iniciais não possibilitaram que o processo inato no sentido da integração se efetuassem, de modo que não existe unidade e nem senso de responsabilidade total por coisa alguma.”

Entendemos, então, a possível origem do comportamento anti-social, sendo que, de acordo com Winnicott (1946/2002), quando existe um comportamento anti-social por parte da criança, isto não representa algo necessariamente patológico, mas sim, muitas vezes, um pedido de socorro que envolve a necessidade de um controle a ser exercido por pessoas seguras, fortes e amorosas. É importante mencionarmos, ainda nos valendo das idéias de Winnicott, das quais compartilhamos, que há sempre duas direções quanto à tendência anti-social: aquela que é tipicamente representada pelo roubo e a que é representada pela destrutividade. Interessa-nos, aqui, atentarmos-nos nesta última, que pressupõe que a criança esteja buscando a estabilidade ambiental necessária para suportar a tensão proveniente do comportamento impulsivo.

Chegamos, finalmente, à questão da avidez, de tamanha importância para nosso trabalho, relacionada ao comportamento anti-social: “Se estudarmos a avidez, encontraremos o complexo de privação e alguma compulsão para buscar uma terapia para essa privação através do meio ambiente. (...) Todo bebê sofre privação, mas é capaz de induzir a mãe a curar esse estado de subprivação, na medida em que ela cuida dessa avidez, da sujeira do bebê etc, que são sintomas de privação. A avidez é parte da compulsão do bebê para buscar uma cura por parte da mãe que causou a privação. Essa avidez é anti-social (...)” (Winnicott, 1956/2002, pp. 143).

(2.22) *Melissa fala do preconceito contra o negro e contra a mulher e Carolina declara: “Não discriminando vocês, mas eu acho a cor mais bonita do mundo, cara!” Melissa diz: “Eu também! Nós não temos muito problema de pele assim, né?” E prossegue um pouco mais, neste sentido.*

(2.23) *Carolina afirma: “Eu acho que o pessoal que é racista gostaria de ter nascido negro! Porque é impossível!” Prossegue, contando de uma pessoa que frequenta a mesma igreja e toma muito sol e para quem ela diz que não deve fazer isso, porque nunca vai chegar na sua cor (de Carolina)”.*

(2.25) *Carolina conta uma historinha em que Jesus esquece alguns no forno e diz que jogará fora. Depois, Ele fica olhando, segundo Carolina e percebe que foi a melhor coisa que fez. Carolina afirma que, então, mandaram-nos para a Terra, “(...) com uns cabelo bom!”*

(2.26) *Há risadas do grupo, principalmente de Melissa, que diz: “OoooH! O pente nem entra direito!” E Carolina e Melissa contam de situações por que passaram quando menores relacionadas com os cabelos. Carolina conta dos penteados doloridos que lhe faziam e como era ruim ter de fazê-los. (Conta debochadamente, provocando muitas risadas, como acontece com grande parte do que fala). Melissa relata uma situação em que perdeu parte dos cabelos por usar um produto químico para alisamento. O assunto prossegue por algum tempo.*

Foulkes e Anthony (1967) abordam um fator que, segundo eles, seria específico de grupo, o qual aparentemente pode ser percebido nessas falas: o subgrupamento. De acordo com os autores, “a todo momento, sob a pressão de alguma tensão, ocorre uma redistribuição do sentimento emocional. O subgrupo ou par pode, temporariamente, isolar-se da vida total do grupo” (pp.214). Assim, concordamos com eles quanto a simpatias e empatias repentinas poderem vir a desencadear afinidades de natureza passageira, capazes de operar em algumas sessões, o que nos parece ter ocorrido com Melissa e Carolina, cuja coincidência de raça pode ter trazido um sentimento de identificação mútua, estimulando a formação temporária de um par. É interessante perceber, ainda, como o grupo permite tal formação, parecendo, mais uma vez, querer defender-se por meio de não precisar falar sobre os próprios sentimentos e, ao mesmo tempo, não interromper a comunicação (ouvindo o diálogo entre as meninas), o que nos remete, mais uma vez, ao primeiro organizador psíquico abordado por Kaës (1977), o qual pressupõe a busca da força por meio do grupo, tal como ocorre

quando se está dentro do útero materno, onde se sobrevive, sem que se precise lutar por isso, devido à unidade estabelecida com o corpo da mãe (conforme já discorrido na análise anterior).

Assim, ambas abordam o tema relativo a racismo, aparentemente recorrendo a mecanismos de defesa (como a negação, como quando se posicionam como a melhor raça e não de igual valor em relação às demais), possivelmente contra as angústias implicadas no tema (como a discriminação social). Pode ser contraditório e em princípio cremos nisso, o fato de contarem tantas situações desagradáveis por que passaram, por algumas de suas características físicas (como o cabelo) e, ao mesmo tempo, mencionarem a idéia de que é muito melhor ser da raça negra do que de outras raças (e não de igual valor, sempre com fatores positivos e negativos para todas).

Logo acima, citamos a hipótese de haver operado o mecanismo de negação. Faz-se necessário esclarecer do que se trata ele: pode-se considerá-lo, segundo Laplanche e Pontalis (2004), como um processo em que o sujeito, apesar de elaborar um de seus pensamentos, sentimentos ou desejos até então recalçados, permanece defendendo-se dele, negando que o possua.

*(2.24) Maurício afirma: “Eu odeio gente racista e não sou racista!”*

*(2.27) Clara conta também, de um problema que teve com um penteado, fazendo com que perdesse parte dos cabelos temporariamente, tendo de ir para a escola de boné.*

Mais uma vez identificamos o que cremos ter relação com a tendência grupal dos adolescentes, à medida que Maurício e Clara parecem tentar mostrar que podem pertencer ao subgrupo formado por Melissa e Carolina, já que Maurício afirma não ser racista e odiar, presumivelmente como elas, “gente

racista” e Clara mostra-se identificada com as situações relatadas pelo par a respeito de problemas com os cabelos.

*(2.28) (...)se pudesse escolher a roupa para usar no seu casamento, esta seria um macacão, pois acha que parece um “bolo” de vestido.*

Carolina parece estar fazendo referência à sua auto-imagem, ao dizer que parece um “bolo” quando coloca vestido, manifestando, em princípio, a existência de um sentimento negativo quanto ao próprio peso e/ou formato do corpo, provavelmente. Ela, em uma brevíssima colocação, demonstra entrar na tarefa, de alguma maneira, o que não se estende pelo grupo, o qual, por sua vez, prossegue com o assunto relacionado a roupas, sem mencionar nada a respeito de auto-imagem corporal ou algo similar (como o próprio sobrepeso). Aqui, parece não ter ocorrido a ressonância, tão presente nas sessões, até então. O grupo demonstra estar em um movimento de luta-fuga, o qual também parece estar permeando toda a sessão (tendo já sido explanado, bem como a questão da resistência, intimamente relacionada a tal movimento grupal).

*(2.32) Melissa diz estar com fome e querer comer um cachorro-quente e Eduardo conta de um lugar que tem um cachorro-quente muito bom. Descreve-o, dizendo que colocam muito purê e Gustavo conta de um lugar que tem um cachorro-quente parecido, de modo que ambos tentam chegar à conclusão de estarem falando do mesmo lugar ou não, descrevendo mais detalhes da guloseima e do próprio local. Melissa também conta de um cachorro-quente que comeu e gostou muito, descrevendo-o em detalhes e Carolina faz o mesmo. Melissa prossegue, falando de outro local onde há um sanduíche e um suco bem grandes e gostosos.*

*(2.33) Eduardo manifesta a vontade de comer cachorro-quente “hoje”. Carolina conta de uma vontade de comer pizza com borda de catupiry, não sabendo se será possível fazê-lo “hoje” com o pessoal da igreja, apesar de querer muito. Eduardo conta de uma pizza feita em um dado local, que é muito mais recheada do que normalmente, entrando em detalhes. Melissa também fala de pizzas que aprecia muito. (Todos comentam seguidamente, sem pausas). Eduardo conta que foram à sua casa vários amigos da escola, para fazer trabalho. (2.34) Ele conta detalhes a respeito do que pediram em um fast-food. Melissa conta uma experiência negativa com um grupo de trabalho e Carolina também fala de algumas experiências suas na época de escola, em que os grupos de trabalho falavam sobre tudo, menos a respeito de trabalho.*

O grupo demonstra, tanto nos próprios comportamentos verbais como nos não-verbais (como o fato de não fazerem nenhuma pausa entre uma fala e outra)

toda a sua voracidade, já abordada anteriormente. A voracidade de Eduardo e Carolina fica especialmente evidente, quando relatam verdadeira urgência em poder saborear os alimentos de que falavam (cachorro-quente e pizza, respectivamente).

*Conta, então, como se dividiram para fazer o trabalho e (2.35) Gustavo diz não gostar de trabalho em grupo. Eduardo diz ser muito melhor trabalhar em grupo. Gustavo diz não gostar porque sempre sobra mais trabalho para ele, por isso acha melhor fazer tudo sozinho.*

Pode ser interessante darmos atenção à fala de Gustavo quanto a não apreciar trabalhos em grupo, considerando sua falta nas duas últimas sessões. Parece haver, nesse trecho, um certo ataque à situação grupal, talvez denotando a dificuldade de estar em nosso grupo de pesquisa. Melissa também aborda uma situação negativa vivida em grupo, mas não parece, como Gustavo, generalizar tal aversão para todas as situações de trabalho grupal. Podemos pensar, então, na possível presença de um sentimento, por parte de Gustavo, de que o grupo funcione como um perseguidor, muito mais do que como aquele que acolhe e alimenta. Parece, portanto, haver um sentimento persecutório vivenciado por esse participante, que pode considerar o grupo como aquele que o priva daquilo que necessita.

Em suma, verificamos que os fenômenos que mais se destacaram, nesta sessão, foram: a resistência, podendo-se fazer alusão ao grupo de luta-fuga de Bion (1975); a questão do “ataque” / voracidade, presente em diversos momentos da sessão, bem como uma possível tendência de duas das participantes ao comportamento anti-social, que pode ser atrelado à avidez percebida nestas e nos demais participantes (de diferentes formas) ; a tendência grupal; o fenômeno grupal de subgrupamento, aparentemente apoiado pelo grupo. Em princípio,

então, podemos confirmar o papel desempenhado por vários desses processos, em nosso grupo, sobretudo o que se refere à função da voracidade / necessidade de ataque por parte dos participantes, que oscilam entre tais demonstrações e alguns movimentos regressivos, como defesa.

### **Análise da terceira sessão grupal:**

*(3.1) Há um silêncio de 25 segundos*

*(3.2) Instala-se um silêncio de três minutos.*

*(3.7) Ocorre um minuto e quarenta segundos de silêncio.*

*(3.11) Há um silêncio de trinta e cinco segundos.*

*(3.12) Após novo silêncio de vinte segundos...*

*(3.14) Após quinze segundos de silêncio...*

Há silêncios ainda freqüentes, apesar de, em sua maioria, não tão prolongados, como ocorre em (3.2). Isso denota a existência da resistência por parte do grupo em entrar na tarefa, apesar de tais silêncios serem bem menos prolongados do que os instalados na sessão anterior.

*(3.3) Conta, inclusive, que conheceu a gata desse amigo e que a apelidou de “Bolota”, o que diz não ter agradado o seu dono. Outro amigo, segundo ele, apelidou-a de “Almôndega”, por ela ser da cor do molho da almôndega e por ser “meio gorda”, de acordo com suas palavras.*

Eduardo fala da gata do amigo, parecendo, na verdade, estar falando de possíveis situações por que talvez passe, devido à sua condição atual relacionada à sua obesidade. Desse modo, parece-nos plausível a hipótese de estar operando um mecanismo de projeção, sendo que, além disso, o participante relata que seu amigo (o dono da gata) não teria gostado de tais apelidos, o que talvez seja o que ocorre, angustiantemente, em sua própria vida.

A projeção trata-se da, “no sentido propriamente psicanalítico, operação pela qual o sujeito expulsa de si e localiza no outro – pessoa ou coisa – qualidades, sentimentos, desejos e mesmo “objetos” que ele desconhece ou recusa nele” Laplanche e Pontalis (2004, pp. 374). Portanto, Eduardo parece, na realidade, estar falando sobre seus sentimentos frente à sua própria obesidade, o

que provavelmente é vivenciado com tal ansiedade, que ele recorre a esse mecanismo de defesa.

*(3.4) Ele prossegue, fornecendo detalhes de sua visita, com o relato de todas as brincadeiras e do prato de comida degustado junto aos amigos.*

Seu relato detalhado pode denotar sua necessidade de não interromper a comunicação (como parece ocorrer com Carolina, na primeira sessão, pelos motivos já explanados na análise correspondente, relativos a uma regressão), bem como sua própria voracidade, devendo nos lembrar que ele não deixa de citar o prato de comida degustado com os amigos. Assim, o participante demonstra a relação de apego, de verdadeira dependência que estabelece com o mundo externo, seja representado pela comida, seja pelos amigos ou mesmo pelo grupo, na medida em que desenvolve falas um tanto prolixas, no aqui-agora da sessão. Podemos, então, citar o primeiro dos supostos básicos de Bion (1975), como estando, provavelmente, presente nesta situação grupal.

Bion (1975) propõe a existência do que chamou de “supostos básicos”, os quais, sendo também atividades mentais, parecem obstruir a atividade do grupo de trabalho, possuindo a característica de consistirem em fortes impulsos emocionais. Tais atividades originam-se de suposições básicas comuns a todo o grupo, sendo a primeira delas a de que este último tem como objetivo obter nutrição e proteção por parte de um líder, o que caracteriza, segundo o autor, o suposto de dependência. Desse modo, este suposto refere-se ao convencimento inconsciente, por parte do grupo, de que este reuniu-se na espera de que alguém, de quem o grupo depende inteiramente, irá satisfazer todas as suas necessidades.

*(3.5) Após o relato, a psicóloga pergunta se ele gosta de estar em grupo de amigos, a que ele responde positivamente, completando com a informação de quantos são seus melhores amigos e quais são seus nomes.*

A tendência grupal percebida freqüentemente em culturas como a nossa, entre a população adolescente (de que nos fala Knobel (1981) e que está explanado na primeira análise) parece poder adotar este trecho como exemplo.

*(3.6) Conta, em seguida, de uma menina de sua classe que é muito chata e que ele acha que o odeia e tem o mesmo sentimento por metade da classe. Diz: "Ela só não se odeia porque ela não tem chance!" Conta que ela foi a um parque de diversões sem convidar ninguém da classe, tendo tido permissão, na escola, para faltar da aula, com tal intuito.*

*(3.13) Volta a falar da menina de sua classe de quem não gosta, dizendo que, como ela, também irá ao parque sem convidá-la. Diz que, daquela vez, ela foi, mas aconteceram coisas desagradáveis com ela, pois, de acordo com seu relato, ele e os amigos "jogaram praga" nela.*

Por tal fala, Eduardo demonstra sentir-se excluído pela "menina chata", que não o convida para ir ao parque de diversões. Isto parece espelhar um relacionamento comprometido com uma pessoa que teve, segundo sua visão, uma regalia oferecida por professores e diretores da escola (dispensa da aula). Parece haver uma posição persecutória quanto à situação, sentindo-se provavelmente preterido, trazendo um possível sentimento de inveja com a qual parece lidar de forma destrutiva ("rogando praga" em quem lhe fez sentir-se de tal maneira). Além disso, parece-nos importante notar que Eduardo afirma ser odiado por tal colega de classe, quando, na realidade, ele, possivelmente, está falando sobre o ódio que sente em relação a si próprio e/ou à sua auto-imagem, ódio este que parece ser projetado na sua relação com o mundo externo.

*(3.8) Maurício conta ter ficado a tarde inteira do dia anterior no computador e Eduardo afirma que sua mãe não permite que fique mais de uma hora e que, à tarde, prefere assistir à televisão. Segue, falando sobre os programas de que gosta nesse horário. Maurício diz que é "mais computador".*

Mais uma vez, a compulsão parece estar presente em outras atividades (e não somente na alimentação), quando Maurício diz ter ficado a tarde toda no

computador. Mais ainda, novamente nesta sessão, os participantes parecem mencionar o tipo de relação que têm apresentado com o mundo externo: uma relação fortemente marcada pela dependência, pelo acentuado apego ao mesmo, aparentemente reproduzindo o vínculo com o corpo materno, com o próprio útero, isento, por excelência, de limites ou privações quaisquer.

*(3.9) Eduardo diz achar que irá chover, contando gostar de quando chove, principalmente para assistir TV à tarde e para dormir. Maurício concorda ser bom dormir em dia de chuva.*

Os participantes, ao falarem que gostam de chuva, levam-nos a pensar na hipótese de que realizam uma analogia inconsciente de dias chuvosos com o ventre materno, cujas características são bastante similares: em dias chuvosos, normalmente, fica-se em casa; há umidade e barulhos contínuos, como no útero.

*(3.10) Conta de um programa de que gosta, que passa na televisão à noite. Refere-se a ele como um programa “cheio de coisas nojentas”, detalhando-as com a tímida ajuda de Maurício, que também diz assisti-lo. (exemplos de relatos: pessoas comendo minhocas e restaurante de ratos, sendo estes os primeiros a serem citados).*

É interessante perceber que Eduardo faz referência ao programa “cheio de coisas nojentas”, dizendo gostar de assisti-lo. Revela episódios relacionados à ingestão de coisas como minhocas e perguntamo-nos se podemos compreender isso como uma associação com o consumo abusivo de comida, o qual pode provocar sensações desagradáveis (físicas e emocionais, conforme já foi abordado na introdução e em análise anterior, quando citamos as características de um episódio de comer compulsivo), o que também pode ocorrer quando se vê alguém comendo minhocas, por exemplo. Será que Eduardo vê em seus comportamentos alimentares alguma semelhança com o comportamento de ingerir coisas tão inusitadamente nojentas? Veria ele tais comportamentos

próprios como “nojentos” também, por presumivelmente lhe causarem tantos prejuízos?

*(3.15) Maurício menciona que gosta de jogar no notebook de seu pai e Eduardo parece fazer alguma associação, dizendo ter quatro sonhos, quando crescer, os quais enumera: 1. comprar uma chácara e ter quatro cachorros; 2. fazer duas viagens (conta dos dois países para onde deseja ir); 3. ter um notebook; 4. ter uma câmera digital nova.*

*(3.16) Eduardo diz que talvez irá ganhar uma câmera nova de presente de aniversário, tema sobre o qual passam a falar (sempre apenas os dois meninos, sendo que as meninas encontram-se com a testa franzida, suspirando e apoiando o rosto com as mãos). Voltam a falar sobre jogos e passam a falar sobre filmes. E assim prossegue a sessão, que apresenta um ritmo de falas mais lento, sempre marcado por breves silêncios e pelos comportamentos não-verbais por parte das meninas, já citados. Além disso, permanecem os comportamentos dos meninos relativos a Maurício perguntar brevemente sobre algo e Eduardo responder mais longamente a tais perguntas, falando de partes de filmes e jogos.*

*(3.19) Eduardo diz que vai viajar para a praia, junto com a escola e o assunto (praia) prossegue, praticamente só entre os meninos. Clara apenas diz que nunca foi a uma cidade que foi citada.*

Acreditamos podermos verificar aqui o fenômeno do subgrupamento, também observado na segunda sessão. Nesse caso, isso pode decorrer de temperamentos complementares (Foulkes & Antony, 1967), à proporção que percebemos que Eduardo demonstra ser mais expansivo / extrovertido, expressando-se com muito maiores fluência, demora e freqüência em relação a Maurício, que aparenta ser mais introvertido (desde o início da pesquisa, com expressões muito tímidas e escassas).

Tal subgrupamento parece causar certo mal-estar nas meninas, dele excluídas, já que seus comportamentos não-verbais demonstram nítida insatisfação. Com suas “caras amarradas” e seus suspiros, parecem querer expressar seu descontentamento pelo “monopólio” dos meninos em relação à sessão, que, por sua vez, também “lhes pertencia”, de forma a talvez podermos nos referir a uma certa disputa “masculino-feminino”, que, segundo Foulkes & Antony (1967, pp.240), “refere-se à situação humana básica da diferença de

sexos e à interação de sentimentos entre os que têm e os que não têm.” Em nosso caso, não chega a ocorrer explicitamente uma disputa, mas as expressões das meninas parecem denotar, ao menos, que a situação suscitou nelas sentimentos indesejáveis, os quais talvez pudessem vir a gerar disputas mais evidentes, com o possível prolongamento da situação, em sessões posteriores.

Mais uma interpretação que pode ser feita, quanto a esse momento da sessão apresenta relação direta com o fato de ambas as meninas terem um irmão mais novo. Talvez, a chegada do irmãozinho tenha representado para elas um verdadeiro destronamento, com sua possível compreensão de que não eram suficientes para os pais. Hipotetizamos, ainda, que, em nosso grupo, as meninas possam ter revivido tais sentimentos, ao defrontarem-se com a situação dos meninos tomarem para si, de alguma forma, em seu entender, a atenção da psicóloga, tal como pode ter ocorrido com a vinda de um irmãozinho tão dependente de cuidados maiores, por parte da mãe.

*(3.17) Ao final de um desses relatos, Eduardo diz que, ao chegar em sua casa, jogará um deles, porque “deu vontade”, segundo ele.*

*(3.18) Eduardo volta a falar sobre sua vontade de fazer as duas viagens internacionais já mencionadas e Clara conta que um parente seu já realizou uma delas. Eduardo diz ter vontade de viajar de avião, pois nunca viajou. Maurício diz querer viajar de navio e, em seguida, após breve silêncio, comenta que o dia está bom para ir à praia.*

Assim como ocorre nas outras sessões, conforme já analisamos, Eduardo e Maurício aparentemente estão a falar de sua voracidade, abordando algumas vontades, as quais, ao menos no caso de Eduardo, parecem ser facilmente acirradas (pelo simples fato de ter se lembrado do prazer que lhe dá jogar um determinado jogo) demonstrando tornar-se urgente realizá-las (note-se que isso ocorreu em outras sessões, como a vontade aparentemente urgente de ser

satisfeita, surgida de uma conversa a respeito de cachorro-quente, o qual, segundo o participante em questão, seria comido naquele mesmo dia).

Dessa maneira, novamente, o grupo demonstra que espécie de vínculos têm sido desenvolvidos pelos participantes com o mundo externo: vínculos caracterizados pelo apego, pela dependência, como se, por meio deles, pudessem reproduzir, em alguma medida, o vínculo com o corpo da mãe, onde não havia limites e todas as necessidades eram satisfeitas sem qualquer interrupção, lembrando-nos do primeiro organizador psíquico abordado por Kaës (1977).

Podemos concluir, então, que ainda podem ser notados indícios de resistência, por parte do grupo, em entrar na tarefa. Além disso, quando se fala brevemente sobre a questão da obesidade, percebe-se em cena o recorrer a mecanismos de defesa, como o mecanismo de projeção que parece estar permeando a fala de Eduardo em relação à gata. Além do mais, a voracidade vem aparecendo de diferentes maneiras, mas em todas as sessões, incluindo-se a presente.

Entretanto, o que nos parece mais relevante e impreterivelmente considerável, é a observação de que existe, nitidamente, um tema a permear toda a sessão, ainda que ele tome formatos diferentes, no decorrer da mesma: a maneira como os participantes estabelecem os vínculos com o mundo exterior e como esses vínculos parecem buscar ser a reprodução da condição fetal, caracterizada pela dependência absoluta.

Além disso, as diferenças entre os sexos ficam evidentes, no que concerne às escolhas aparentemente mais ativas do sexo masculino (como os jogos eletrônicos mais agressivos, assunto pelo qual as meninas não demonstram interesse) em contraposição à postura, em princípio mais passiva, adotada pelas meninas, que nem sequer chegam a reivindicar mais “tempo” da sessão para seus assuntos de preferência. Utilizam-se, inclusive, de formas aparentemente regressivas de expressão de seu desagrado, como se seu superego não houvesse permitido outro tipo de manifestação.

### **Análise da quarta sessão grupal:**

*(4.1) Todos os participantes entram na sala de atendimento junto com a psicóloga, exceto Carolina e Gustavo, que não chegaram até então.*

Manifestações clínicas como atrasos e faltas por parte dos pacientes podem ser considerados como provenientes da resistência, idéia esta defendida por Znerman (2001) e com a qual estamos de acordo. Assim, podemos constatar, logo no princípio desta sessão, um sinal de que Carolina e Gustavo (que já haviam faltado na sessão anterior), podem estar resistindo ao trabalho proposto.

*(4.2) Após todos haverem se acomodado, há onze minutos e meio de silêncio, interrompido por Melissa, que murmura: "Ai, que silêncio chato!" Em seguida, há breve silêncio de quinze segundos, em média.*

*(4.5) Há vinte e cinco segundos de silêncio...*

*(4.7) Após quarenta e cinco segundos de silêncio...*

*(4.9) Depois de quase dois minutos de silêncio*

*(4.11) Após quase um minuto de silêncio...*

*(4.15) Após vinte segundos de silêncio...*

*(4.22) Após silêncio de vinte segundos...*

Os períodos de silêncio que se instalam são consideravelmente maiores nesta sessão em relação às demais. Já di scorremos a respeito de seus possíveis significados, relativos a um indício de resistência por parte do grupo em entrar na tarefa (objetivo). Por outro lado, parece-nos fundamental notar o possível papel desempenhado por Carolina, considerando a redução nítida da duração e da freqüência com que se instalam os períodos de silêncio. A participante parece defender-se por trás de sua fala prolixa, a qual também, de acordo com Znerman (2001), pode consistir em uma manifestação clínica de resistência. Além disso,

conforme já discorrido na análise da primeira sessão, isto pode nos remeter à questão do primeiro organizador psíquico de que nos fala Kaë (1977) e às idéias de Spitz (1987) quanto ao caráter ininterrupto da comunicação mãe-bebê (condição para a qual existe uma regressão por parte do grupo e através dele).

*(4.3) Eduardo conta de um trabalho escolar em grupo que fez na casa de um amigo, dando detalhes desse encontro, que visava a “gravar um comercial”, segundo ele.*

*(4.4) Melissa também conta de uma atividade parecida feita por ela e um grupo de amigos e Eduardo prossegue com seu relato detalhado. Conta, em seguida, que terá reunião na escola, ao sair da sessão.*

*(4.6) Eduardo continua o mesmo relato, em ricos detalhes, demonstrando satisfação com a atividade descrita.*

Eduardo, da mesma forma que age em outras sessões, fala longamente a respeito de atividades desenvolvidas em grupo de amigos. A nosso ver, ele parece querer mostrar a força que o grupo lhe confere, dando-lhe a sensação de ser aceito e de “pertencer”, elementos os freqüentemente importantíssimos para indivíduos dessa faixa etária, segundo autores como Knobel (1981), cujo pensamento a esse respeito já está presente em análise anterior.

*(4.8) Maurício conta da viagem que fez no final de semana anterior e Eduardo diz que já foi para o mesmo estado, citando os nomes das cidades visitadas.*

*(4.10) Maurício pergunta a Eduardo se tem assistido a um dado programa de TV (sobre o qual já conversaram longamente na sessão anterior), e ele responde que não. Melina conta dos últimos episódios do mesmo programa, a que assistiu.*

*(4.13) Carolina comenta a respeito de um filme a que foi assistir e o grupo todo passa a falar sobre o assunto. Participam da conversa, com maior destaque, Melissa e Carolina que, em seguida, falam sobre brinquedos que existem em shoppings, especialmente as máquinas de danças (Carolina é quem inicia tal assunto, contando de uma pessoa que ela viu ficar muito tempo em uma dessas “máquinas”). O grupo todo participa, mas Carolina é quem mais se expressa verbalmente, sempre “arrancando” risadas de todos. Maurício fala de um local similar ao que estão mencionando que gosta muito de freqüentar. O mesmo tema prossegue longamente.*

*(4.24) Carolina fala que o dia das mães está próximo, ressaltando o quanto acha difícil “acertar” um presente para sua mãe, como sempre fazendo o grupo todo rir muito, com seus relatos detalhados de situações a respeito disso. Maurício afirma que sua mãe também é “enjoada”, gostando de ganhar somente perfumes e Carolina prossegue ainda um tempo significativo, falando sobre o que sua mãe prefere ganhar e que, geralmente, ela gosta de presentes caros. A maioria do grupo participa da conversa (não tanto quanto Carolina, que sempre parece arrancar risadas do grupo), passando a dar opiniões e relatos sobre dar e receber*

*presentes, gostar ou não deles e reações diante dessas situações. Carolina fala muito mal de vários presentes recebidos e o grupo participa, com algumas frases curtas, em meio às falas dela.*

Estes trechos constituem exemplos de sinais de resistência / grupo de luta-fuga, por parte dos adolescentes, que discorrem sobre diversos temas, mas não mencionam nada a respeito de seu sobrepeso.

*(4.12) Melissa conta de uma peça de teatro da qual participará, demonstrando empolgação. Na seqüência, fala sobre outra peça que está em cartaz, na cidade.*

*(4.18) Melissa diz algo a respeito de seu computador e Maurício prossegue o assunto, dizendo querer trabalhar com software.*

A ambição profissional desses dois participantes, demonstrada pelo desejo implícito de obtenção de fama (sendo atriz) e poder / dinheiro (trabalhando com software), parece andar lado a lado com o tipo de relação que se tem com os alimentos, indicando talvez mais uma forma de voracidade (o que já apareceu na primeira sessão).

*(4.14) O grupo todo participa, mas Carolina é quem mais se expressa verbalmente, sempre “arrancando” risadas de todos.*

*(4.22) Conta que ficou esperando um bolo de chocolate, desde de manhã, o qual só chegou às 11:00 horas da noite. Afirma ter colocado muitas pessoas em sua “lista negra”. Há muitas risadas, quando ela relata, detalhadamente, como fizeram para esconder o bolo dela, para fazer surpresa.*

*(4.24) Carolina fala sobre o tempo, que esperava que esfriasse e Maurício diz ter achado bom estar um dia ensolarado. Carolina continua falando sobre isso, mostrando sua jaqueta para dizer o quanto esperava que esfriasse, arrancando risadas do grupo, mencionando algo a respeito do trajeto de sua casa até a clínica.*

*(4.25) Carolina fala que o dia das mães está próximo, ressaltando o quanto acha difícil “acertar” um presente para sua mãe, como sempre fazendo o grupo todo rir muito, com seus relatos detalhados de situações a respeito disso.*

*(4.26) A maioria do grupo participa da conversa (não tanto quanto Carolina, que sempre parece arrancar risadas do grupo), passando a dar opiniões e relatos sobre dar e receber presentes, gostar ou não deles e reações diante dessas situações.*

Carolina, a todo momento, praticamente, parece literalmente “arrancar” risadas do grupo. É importante ressaltar o fato de a terapeuta, no mais das vezes, não conseguir encontrar outra palavra, que não “arrancar”, para expressar tal

situação, o que se observa em todas as sessões das quais Carolina participa. A impressão por parte da psicóloga pode conduzir à associação desse “arrancar” com “atacar”, “devorar”. Parece ser mais uma sessão, em que surge a idéia de voracidade por parte dos participantes e, nestes momentos, de Carolina (ver análise da primeira sessão).

*(4.15) Carolina afirma ter feito muita “propaganda” entre os amigos, para ganhar um determinado CD como presente de aniversário, tendo, segundo ela, posto muitas pessoas em sua “lista negra”, por não tê-lo ganho.*

*(4.22) Conta que ficou esperando um bolo de chocolate, desde de manhã, o qual só chegou às 11:00 horas da noite. Afirma ter colocado muitas pessoas em sua “lista negra”.*

O fato de não ter ganho o que queria fez com que Carolina sentisse raiva de quem não a satisfiz. Aparentemente, há uma regressão por parte dela, no sentido do sentimento de ódio pelo “seio mau”, aquele e que não a satisfiz, conforme teoria kleiniana, já descrita na primeira sessão.

*(4.17) Mauricio diz gostar de ouvir uma certa rádio e Carolina conta algumas situações que ocorrem em sua casa, envolvendo música. Diz não conseguir ouvir música, à vontade. Melissa relata situações similares (divergências na escolha de músicas, entre a família e a quebra freqüente do aparelho de som).*

As falas em questão revelam algum teor de insatisfação (manifestada em relação a não poder ouvir música, à vontade), lembrando-nos a sensação de vazio, de possibilidade de inexistência, capaz de conduzir a forte sentimento de angústia, ao menos no caso do bebê, segundo explicita Kaës (1977), ao falar do primeiro organizador psíquico. Assim, através desses trechos, as participantes parecem, em meio ao fenômeno grupal da ressonância (também já mencionada em análises anteriores), estarem entrando em contato, em alguma medida, com seu “vazio” emocional, o qual, por tantas vezes, parece motivar comportamentos compulsivos em relação à alimentação e outras atividades.

*(4.19) Carolina diz estar desanimada para a faculdade e Melissa conta que sua mãe gostaria que ela fizesse medicina, o que não é desejo seu. Carolina fala a respeito de seu desejo de que uma amiga faça faculdade junto com ela e que ela afirma não querer fazer o curso eleito por Carolina.*

Carolina parece falar a respeito de um medo de encarar o desconhecido. A faculdade parece-lhe assustadora, talvez pelo fato de ter tido tantas relações conflituosas com professores, em seu tempo escolar. Assim, em sua fantasia, a formação do par com a amiga que convida a fazer faculdade consigo pode aliviar essa angústia, demonstrando a força que um parceiro/grupo pode trazer.

*(4.20) Maurício fala sobre a formatura de sua irmã, que irá acontecer em breve e Carolina diz que sua formatura foi um “fiasco”, relatando detalhes da mesma, como “foras” e “bebedeiras”. Completa seu relato, falando sobre o longo discurso de uma professora (de modo aparentemente debochado). Melissa conta de um professor de uma modalidade esportiva que também é assim, de acordo com suas palavras, descrevendo situações em que ele fala “sem parar” (brincas). Carolina fala de situação similar, em que uma professora fazia uma roda para realizar discussões sobre futuras profissões dos alunos, dentre os quais um afirmava querer ser ladrão. Carolina conta que tal professora “dava sermões” a esse aluno, por acreditar que ele dizia a verdade quanto a suas intenções e que ela (Carolina) lhe dizia que era brincadeira e que ela não “ligasse” para o que ele falava. Tal relato é feito de forma um tanto debochada.*

O grupo demonstra estar ocorrendo uma projeção por sua parte, quando conta da “voracidade” implícita no “falar demais” de seus professores, de modo que, então, parecem estar projetando algo que lhe pertence (voracidade) nos respectivos professores, como se isso não lhe pertencesse. (ver conceito de mecanismo de projeção em análise da terceira sessão).

Assim sendo, podemos observar que os principais fenômenos apresentados pelo grupo, nesta sessão, dizem respeito, sobretudo, às questões: da resistência e mecanismos de defesa, como a projeção; da satisfação / insatisfação; da voracidade estendida a algumas esferas da vida dos participantes, as quais parecem não corresponder somente à alimentar; à força do grupo, como representação interna de alguns dos participantes; ao sentimento de vazio que parece impulsionar comportamentos vorazes. Portanto, até nossa última

sessão, o grupo parece permanecer manifestando fenômenos presentes desde o primeiro contato, fenômenos estes que serão alvo de consideração também na discussão dos resultados, apresentada a seguir.

Finalizando, os desenhos elaborados pelos participantes, mediante a solicitação da psicóloga, apresentam uma característica comum à sua maioria, a qual nos parece merecer atenção especial: a ausência de cabeça no desenho do corpo “qualquer”. Em princípio, isso nos remete a pensar na possibilidade da existência de dificuldades emocionais relacionadas à identidade dos participantes.

Além disso, observamos em parte dos desenhos, a não inserção dos participantes no grupo “qualquer”, denotando uma provável dificuldade em relacionar-se, a qual aparece também em outros momentos da pesquisa. Uma forte insegurança e auto-crítica parecem estar presentes, o que é demonstrado pelos pedidos insistentes de que os desenhos não sejam mostrados a ninguém, apesar de, a todo momento, a psicóloga retomar o contrato a respeito do sigilo. Apresentam persistente preocupação com a estética de suas produções, a despeito de a pesquisadora afirmar e reafirmar que tal questão não apresenta nenhuma importância.

**Discussão:**

Neste momento de nosso trabalho, procuraremos realizar a discussão dos resultados por nós obtidos em todas as sessões do grupo, extraindo aquilo que foi manifestado de maneira mais proeminente por parte do mesmo.

Desse modo, relataremos os resultados por nós considerados de maior destaque, concomitantemente a comentários embasados na literatura psicanalítica e de grupos, a qual nos permite verificar ou não coincidências com nossos achados.

Assim, observamos a predominância, nas sessões, de fenômenos como:

- **a resistência em entrar na tarefa, demonstrada, por exemplo, por meio dos marcantes silêncios por parte dos participantes ou mesmo através das falas prolixas, como as de Carolina, além da aparente utilização de mecanismos de defesa, bem como da ocorrência de transferências, por parte do grupo.**

Quanto à resistência, concordamos com Freud (1939/1996) quando afirma que a resistência impede qualquer modificação, aparecendo ela como transferência ou não, ao passo que, em nosso grupo, percebemos sua presença de diversas maneiras, parecendo funcionar por meio de verdadeiras manobras no sentido de se evitar entrar em contato com os próprios sentimentos conflitantes, impedindo, por tabela, qualquer mudança, nesses momentos.

Estamos, também, de acordo com Mezan (2003), quanto à idéia de que a resistência pode fazer com que o indivíduo não produza as associações

necessárias para a realização da tarefa. De fato, parece-nos que o grupo, em diversos momentos, utiliza-se de mecanismos de defesa que atuam nessa direção, deixando de abordar o tema referente a seu sobrepeso e obesidade de forma direta, o que constitui o objetivo central de nosso trabalho.

Adavia, cremos que devam ser realmente esperadas tais manifestações, na medida em que, como Freud (1905/1996) nos alerta, o trabalho de desvelamento de questões inconscientes ocorre em face de uma contínua resistência, estando esse processo associado ao desprazer, o que conduz à rejeição do paciente em relação a ele, de modo repetitivo.

Não podemos deixar de citar a colaboração de Bion (1975) para o norteamento de nosso trabalho, autor este que nos fala daquilo a que denominou supostos básicos, os quais, sendo também atividades mentais, parecem obstruir a atividade do grupo de trabalho, possuindo a característica de consistirem em fortes impulsos emocionais, comuns a todo o grupo. Dentre eles, presumimos haver uma situação grupal por nós vivenciada, qual seja aquela relacionada ao suposto básico de luta-fuga, representando o sentimento de que o grupo está reunido com a finalidade de lutar contra algo ou de fugir de alguma coisa.

Percebemos, pois, a grande complementaridade existente entre o conceito de resistência e o de grupo de luta-fuga, parecendo-nos este último uma expressão grupal do primeiro, de certa maneira. Com isso queremos dizer que esse estado emocional poderia constituir a versão da resistência pertinente à situação específica do trabalho analítico de grupo.

- **Outro fenômeno percebido diz respeito à voracidade (“ataque”), presente em diversos momentos das sessões, estendida a facetas da vida dos participantes, as quais parecem não corresponder somente à alimentar, bem como a demonstração do papel da oralidade para a constituição de seus quadros (de obesidade e sobrepeso / compulsão alimentar presumida);**

Neste sentido, parecem-nos importantes as contribuições de Freud (1905/1996) e Fenichel (2000) , no sentido de descreverem, no nosso entender, o papel da oralidade no desenvolvimento desses comportamentos vorazes que presumimos estarem presentes nas vidas de nossos adolescentes.

Assim, a afirmativa de Fenichel (2000) parece-nos confirmada, em nossa experiência com esse grupo, à proporção que ela inclui a idéia de que uma gula muito intensa pode apresentar-se de maneira manifesta ou sob a forma de derivados, podendo, de uma forma ou de outra, ter relação com o erotismo oral.

Desse modo, ao percebermos participantes com maiores índices de massa corpórea “tomando” mais a palavra, permanecendo longamente com ela, “arrancando” risadas de todo o grupo e fazendo detalhados relatos de alimentos muito apreciados (como se o degustassem, ali mesmo, na sessão), acreditamos estarmos assistindo a uma manifestação de uma “gula,” que se apresenta tanto explicitamente quanto sob a forma de derivados, sendo aparentemente mais fácil associarmos tais manifestações com o erotismo oral.

Em relação à oralidade dos participantes, então, ao desenvolvermos nossa pesquisa, notamos sua relevância no desencadear de seus quadros de obesidade e sobrepeso, amparados pelo conceito de Freud (1905/1996) de primeira fase do desenvolvimento da organização sexual. O autor nos fala da fase oral, em que a atividade sexual ainda não se desatrelou da ingestão de alimentos, de forma que o objeto de ambas as atividades é o mesmo: a incorporação do objeto. Notamos, em relação a isso também, que os participantes, estando em idade em que já podem expressar algum interesse pelo sexo oposto, parecem reprimir sua sexualidade, à medida que não aparecem quaisquer alusões ao tema. Levantamos, portanto, a hipótese de que apresentem uma retenção do erotismo oral, com a permanência de sua sexualidade associada à incorporação do objeto, em um acentuado vínculo com a ingestão alimentar.

Fenichel (2000) também parece tornar nossa idéia mais plausível, oferecendo-nos relevante contribuição quanto à afirmação de que existem diversos fenômenos em que se retém o erotismo oral, no adulto. Diz o autor que o surgimento de uma gula muito intensa, quer ela se apresente de maneira manifesta ou sob a forma de derivados, pode ter relação com o erotismo oral.

Acreditamos nesta idéia quanto a poder ser empregada no caso de nossos participantes, que parecem apresentar tal gula, expressa, a nosso ver, tanto de modo manifesto (diretamente relacionado à alimentação) quanto sob a forma de derivados (em outras espécies de compulsão/gula). Enfim, podemos, então, hipotetizar que a libido dos participantes, talvez de forma um pouco mais

acentuada naqueles que possuem os maiores IMCs, esteja, de fato, retida, em maior ou menor grau, em atividades diretamente relacionadas à sua oralidade.

É importante mencionar, por outro lado, que, segundo ~~Ellis~~ (196/2002), pode começar a haver uma atração sexual por indivíduos da mesma idade e do sexo oposto, na fase de desenvolvimento na qual se encontram nossos participantes. Entretanto, esse interesse não é expresso, em nenhum momento de nosso trabalho, por parte deles, o que pode demonstrar uma repressão dessa natureza, possivelmente reforçando a idéia de uma retenção da libido na fase oral.

Além disso, consideramos estarmos diante de quadros nos quais tal retenção parece estar relacionada, mais especificamente, com a subfase de organização da libido ativo-incorporativa, preconizada por Abraham (1924/1959), a qual diz respeito à atividade de devorar/destruir o objeto, surgindo, daí, a ambivalência em que libido e agressão direcionam-se para um mesmo objeto.

- **Mais um fenômeno encontrado, em nosso grupo, foi a regressão a fases primitivas, como defesa do mesmo, denotando a existência de transferência;**

A concepção de Freud quanto à transferência, no princípio, envolvia a consideração desta muito mais como um obstáculo à análise do que podemos perceber em afirmações como a que ele faz em 1923, qual seja a de que ela, em sua forma positiva ou negativa, trabalha a favor da resistência; porém, pode tornar-se o mais eficaz dos instrumentos terapêuticos nas mãos do analista, exercendo um papel de valor inestimável no que se refere ao processo de cura (Freud, 1923/1996)

Compartilhamos dessa idéia, de modo a acreditarmos que, em nosso grupo, houve a manifestação de transferências, as quais, devido ao formato e objetivo de nosso trabalho, não foram interpretadas, por não implicar em um processo de cura, propriamente. Todavia, cremos na importância dessas manifestações, tanto no sentido de podermos compreender um pouco do funcionamento de nossos adolescentes, quanto no de, com a sua própria vivência das mesmas, sensibilizá-los em alguma medida, por meio das múltiplas formas em que esse fenômeno pode se expressar no grupo.

Assim, da mesma maneira como ocorre na análise individual, a transferência no trabalho analítico de grupo funciona como o principal ponto de apoio, sendo que a diferença entre elas encontra-se no fato de que, na primeira, o fenômeno se atualiza na pessoa do analista, enquanto que, na segunda, ele pode se manifestar sobre qualquer membro do grupo. O *setting* estabelecido na grupoterapia é favorável ao aparecimento de transferências e contratransferências, na medida em que o grupo remete ao ambiente familiar, estimulando e facilitando os fenômenos em questão, de forma bastante freqüente e maciça (Erzlis, 1999).

Isto é o que notamos ocorrer em nosso grupo de pesquisa: esse fenômeno de forma freqüente, a partir da observação de regressões aparentemente importantes a fases primitivas de desenvolvimento.

Garcia (1988) crê que a transferência nos grupos psicanalíticos ocorra sobre o grupo real, sendo que parece haver um grupo imaginário no imaginário de cada sujeito, por meio do qual são transferidos desejos, imagos, temores,

sobre o grupo real. Assim, tais grupos imaginários são derivados dos grupos internos de cada indivíduo.

De acordo com Erzis (1999), ao se fazer referência à transferência em grupoterapia, é preciso citar os quatro objetos transferenciais, quais sejam: o **grupoterapeuta (ou coordenador)**, em que há uma “transferência parental” (de cada sujeito em relação à figura central do grupoterapeuta), o **grupo enquanto tal**, em uma “transferência grupal” (do grupo como uma totalidade em relação à figura materna), **os outros participantes**, traduzindo uma “transferência fraternal” (de cada sujeito em relação a outros sujeitos) e um objeto exterior ao grupo (**mundo exterior**), em uma “extratransferência” (a transferência se dá por meio das experiências exteriores).

É interessante perceber que nosso grupo parece ter vivenciado, com maior destaque, a transferência ao **grupo enquanto tal e extratransferências**. Em relação à primeira, o grupo parece ter regredido, em alguns momentos do trabalho, a uma fase em que a comunicação com a mãe era ininterrupta, bem como o era a satisfação de suas necessidades, remetendo-nos à condição fetal e, mesmo, ao período de amamentação, em que existe ainda, uma verdadeira fusão mãe-bebê, havendo uma troca afetiva recíproca contínua, segundo Spitz (1987).

Neste sentido, estamos de acordo com Kaës (1977) quando se refere ao primeiro organizador psíquico, que pressupõe a busca da força, por meio do grupo, que pode passar a representar o útero materno, onde há uma unidade com o corpo da mãe, que não permite qualquer sensação de ameaça de

inexistência, já que, nele, obtém-se todo o necessário, sem interrupções. Cremos, então, termos tido a oportunidade de assistir a tal experiência, em nosso grupo de pesquisa, de maneira a ter havido, presumivelmente, uma regressão a essa fase, o que conota a manifestação de uma transferência ao grupo como imago materna (por meio de falas prolixas, quase ininterruptas).

Esse quadro parece ter força muito superior à tendência relatada por Giuffrè e Mackenzie (1996) quanto a uma forte preocupação social, em nossa cultura, por parte de muitos adolescentes, com dietas e exercício físico, refletindo uma verdadeira obsessão cultural com a esbelteza. Realmente, nosso grupo não manifesta, nas sessões, indícios significativos quanto à existência dessa preocupação. Parece, pelo contrário, preocupar-se exageradamente com sua satisfação / prazer experimentado por meio de aparentes excessos, sejam eles alimentares ou pertinentes a outras atividades.

Extratransferências também parecem ter ocorrido, à proporção que os participantes falam, em diversos momentos, a respeito de suas relações interpessoais, como quando relatam tantas experiências negativas e algumas positivas com professores, amigos e colegas, relações essas que parecem remontar a um passado vivenciado com a própria mãe.

Neste sentido, então, observamos a possibilidade de ter havido manifestações de projeções do seio mau, principalmente, (mais do que do bom) nessas outras figuras da vida presente dos participantes. Lembremos da teoria kleiniana, a qual, portanto, também sustenta nossa hipótese: a mãe, ou, primordialmente seu seio, constitui o primeiro objeto para os processos

introjetivos e projetivos do bebê, sendo ela internalizada pela criança com os sentimentos de amor e ódio, com base no sentimento infantil de que existem uma mãe boa e uma má (seio); passa a haver, então, uma catexa da mãe e de seu seio, cuja extensão determina o quão seguro será o estabelecimento, na mente infantil, do bom seio internalizado, bem como se os sentimentos de amor ou os impulsos de teor negativo serão predominantes. Em nosso grupo, temos a impressão de que os participantes apresentam, mais proeminentemente, impulsos como esses últimos, notados, sobretudo, nas descrições dos vínculos travados pelos participantes com o mundo externo (com os professores, por exemplo, conforme já analisamos).

**- Outro fenômeno aparentemente presente no grupo de adolescentes foi a ressonância, em que se observam várias falas de uns participantes que realmente fazem sentido a outros, deflagrando, predominantemente, a cadeia associativa grupal;**

Acreditamos termos tido a oportunidade de experienciar, junto a nosso grupo, o fenômeno da ressonância, em todas as sessões, de forma evidente. É válido recordarmos, então, que a ressonância acústica teve seu conceito generalizado mediante a constatação de que se pode observá-la em todos os lugares, o que implica na existência de vibrações em todos eles, havendo, no grupo, um contato emotivo genérico que corresponde a esse conceito da física, apesar de a verdadeira ressonância ocorrer a partir de um determinado tema, fantasia ou sentimento, conforme defende Anzieu (1979).

É isto que cremos ter visto ocorrer em nosso grupo de pesquisa, que desencadeia, a partir de uma fala de um participante, uma cadeia associativa de idéias, no mais das vezes, sintonizadas entre si, em relatos diversos por parte dos membros a respeito de um mesmo tema. Percebemos, pois, o acolhimento do grupo aos assuntos iniciados por cada participante, o que parece evidenciar a existência dessas vibrações / ressonâncias.

É assim, portanto, que se forma a cadeia associativa grupal de maneira, a nosso ver, satisfatória, em nosso grupo, de modo a fazermos tal afirmativa, pautados na idéia de Neri (1999) de que tal conceito refere-se a uma técnica que possibilita o surgimento de atividades em cadeia, com as quais cada participante colabora ao fornecer um elo essencial e particular / pessoal. Assim, a cadeia associativa grupal, segundo o mesmo autor, possibilita a manifestação de fantasias de cada participante e do próprio grupo, o que podemos perceber em nossos adolescentes, como nos relatos em cadeia quanto a vínculos estabelecidos com o mundo externo, com a presença de fantasias persecutórias, por exemplo.

De acordo com Kaës (1977), a cadeia associativa grupal traz a possibilidade de busca de uma organização interna do material existente, como resultado do inconsciente do grupo, em que aparecem significados ocultos, reprimidos, que provavelmente não apareceriam no processo associativo do sujeito singular. Estamos de acordo com esse autor, na medida em que observamos, na própria comparação entre os conteúdos expressos nas entrevistas individuais e os manifestados nas sessões de grupo, o surgimento de

temas e fantasias, de forma mais abundante e encorajada, nestas últimas. De fato, nas entrevistas, obtivemos apenas algumas informações a título de caracterização de cada participante, sendo importante citar que o tempo dessas entrevistas, em geral, não ultrapassou quinze ou vinte minutos, apesar de a psicóloga ter oferecido o tempo que fosse necessário e/ou desejado por cada um.

- **a tendência grupal da população adolescente também foi percebida, em nossa pesquisa;**

Knobel (1981) prega a existência de uma Síndrome Normal da adolescência, expressa por características dentre as quais a tendência grupal, em que parte da dependência em relação aos pais pode ser transferida para o grupo. Parecem haver diversas expressões desta ordem, por parte dos membros de nosso grupo de pesquisa, conforme percebemos em numerosos relatos a respeito de atividades desenvolvidas no contexto grupal, com enfáticas afirmações, cujo conteúdo, em princípio, confere elevado grau de importância a essas situações.

- **encontramos, ainda, questões relacionadas à satisfação - insatisfação, demonstrando o grupo ser quase impensável a ele suportar esta última, bem como o sentimento de vazio que parece impulsionar comportamentos vorazes.**

Quanto a essas questões, pode ser primordial falarmos a respeito do constructo "Princípio do Prazer", abordado por Freud (1920/1996).

Primeiramente, Freud nomeava o princípio do prazer como princípio do prazer-desprazer, representando que o aparelho psíquico apresentava a tendência de descarregar todo estímulo que viesse a provocar desprazer, com a

finalidade de reduzir ao mínimo a tensão energética. Posteriormente, Freud passou a afirmar que os aumentos da tensão psíquica poderiam ser prazerosos, como, por exemplo, o acúmulo e retenção temporária da excitação sexual. Assim, o princípio do prazer remete à catéxe pulsional que demanda gratificação imediata, sem levar em conta a realidade exterior, resultando em frustração, por não ser capaz de suportar as exigências e necessidades da mesma, como uma fome real que não pode ser satisfeita por meio da sucção do polegar (Freud, 1920/1996)

Inicialmente, vemos a possibilidade de explicarmos, em parte, a necessidade aparentemente urgente e excessiva dos participantes quanto à obtenção de alimentos e/ou quanto à realização de determinadas atividades por eles consideradas prazerosas, agradáveis, o que se evidencia, por exemplo, pela marcante utilização do verbo “gostar,” conjugado na primeira pessoa, com referência a estas últimas.

Assim, cremos nessa relação, à medida que os adolescentes de nosso grupo de pesquisa parecem buscar a saciedade de uma fome que não é física (ou, ao menos, puramente física). Assim, parece não haver influência do princípio de realidade, de modo satisfatório, mas sim uma preponderância do princípio do prazer, em que há a idéia inconsciente de que não se obterá o prazer sem a existência de um excesso (alimentar).

Mais que isso, pode haver a fantasia de possibilidade de satisfação de “fomes” interiores / vazios emocionais por meio desses excessos “exteriores” /

físicos, o que, não ocorrendo, parece impulsionar mais e mais esses sintomas, os quais, em princípio, podem ser mencionados como compulsivos.

Mencionemos, aqui, por outro lado, a existência de uma tendência social, em nossa cultura, que parece também influenciar nossos adolescentes, assim como parece ocorrer com grande parte da população dessa faixa etária, que se trata do surgimento de um verdadeiro valor, referente à adoção de hábitos alimentares, nos quais existe a substituição de refeições completas por hambúrgueres e refrigerantes, entre outras comidas rápidas e, no mais das vezes, bastante desbalanceadas em seu aspecto nutricional, de acordo com ~~W~~skes (1993).

Adavia, pelo fato de nos pautarmos em premissas psicanalíticas, apesar de não podermos excluir, de modo algum, o contexto sócio-cultural no qual estamos inseridos, devemos mencionar que, no nosso entender, é necessário que haja determinadas predisposições internas por parte do indivíduo, em relação a representações pertencentes a seu mundo interior, para que possa haver a manifestação de um sintoma ou outro, uma patologia ou outra.

Portanto, ao observarmos tais indícios de fenômenos grupais e psicanalíticos, parece-nos plausível considerarmos que o grupo pôde ser sensibilizado por intermédio de nosso trabalho.

Além disso, podemos concluir que o objetivo de propiciar a sensação de apoio, de ~~binding~~ "binding", tal como ocorre com bebês de mães suficientemente boas, conforme nos fala ~~W~~Whicott (196/1993), parece ter sido atingido, a partir de nossa observação quanto ao acolhimento que a maioria das falas de cada

participante obteve do grupo, podendo-se, inclusive, formar a cadeia associativa grupal de forma satisfatória e envolvente, a nosso ver.

É válido lembrarmos, então, que o "holding" apresenta estreita relação com a capacidade materna de identificação com seu bebê, sendo descrito por Whicott (196/1993) como um período em que a mãe: o protege da agressão fisiológica; é capaz de considerar a sensibilidade cutânea do lactente e seu desconhecimento quanto à existência de qualquer coisa que não seja ele mesmo; realiza o cuidado adequado, de seu bebê, dia e noite, seguindo, também, as mudanças instantâneas que permeiam o crescimento e desenvolvimento do mesmo, tanto física como psicologicamente.

Dessa forma, pode-se inferir que a ação de sustentar ou "holding" envolve todas as funções maternas desse período que acabam por transmitir ao bebê a sensação de apoio e de confiabilidade, sendo básico para o desenvolvimento dessas condutas a capacidade de empatia por parte da mãe.

Dessa maneira, julgamos termos atingido nossos objetivos, descritos ao final da introdução, já que acreditamos termos identificado os temas evidenciados pelas discussões, ações e interações do grupo, bem como alguns dos significados simbólicos possíveis das suas ações mais expressivas e das comunicações verbais. Além disso, os objetivos relativos à sensibilização dos participantes e ao proporcionar de condições necessárias para o sentimento de ser cuidado, apoiado (holding) também nos parecem satisfatoriamente conquistados.

**Impressões pessoais da pesquisadora:**

Faremos, agora, algumas observações a respeito de impressões e sentimentos da psicóloga pesquisadora, durante as sessões:

Na primeira delas, parece haver, por sua parte, certa angústia relacionada ao silêncio do grupo, sendo que os olhares a ela dirigidos eram interpretados como verdadeiro pedido de socorro por parte dos participantes, o qual não poderia ser ignorado. Assim, ela cede à sua emoção momentânea e acaba por interromper brevemente o primeiro período de silêncio, reafirmando a idéia, já exposta, de que os participantes poderiam expressar-se como quisessem.

Nas demais sessões, após reflexão de sua parte, a psicóloga já não cede a tal impulso, podendo lidar com tal sinal de resistência, interna e exteriormente, de maneira mais adequada, dentro da técnica que se propõe aplicar.

Na primeira e na segunda sessões, a terapeuta percebe certa hostilidade por parte de Carolina em relação às suas características físicas (o fato de a psicóloga ser loira), parecendo haver um desconforto da adolescente em relação às mesmas. Ela considera tal situação como uma possível manifestação de transferência negativa por parte da participante, de maneira a compreendermos tal constructo, concordando com as idéias de Zerman (2001), como tendo, muitas vezes, uma finalidade positiva, por trás da transferência aparentemente negativa, considerando-se a possibilidade de ela estar representando movimentos

ensaiados pelo paciente no sentido de reviver com o psicoterapeuta / analista, a agressividade que os pais do passado não contiveram, por algum motivo.

Na terceira sessão, quando há três faltas, estando presentes dois meninos e duas meninas, a pesquisadora sente-se angustiada pela percepção de descontentamento das primeiras, aparentemente quanto ao fato de os meninos permanecerem em um par, cujo assunto parecia não agradá-las, e nem tampouco a forma como pareciam monopolizar a sessão.

Dessa forma, estamos, na realidade, discorrendo aqui a respeito de alguns sentimentos contratransferenciais vivenciados pela psicóloga, os quais referem-se, de acordo com Laplanche e Pontalis (2004), às reações de natureza inconsciente do analista ao paciente e, mais especificamente, à transferência do mesmo. Segundo Segal (1982) (...) A contra transferência, inicialmente vista como uma perturbação neurótica do analista, impedindo-o de ter uma visão clara e objetiva do paciente, é agora cada vez mais reconhecida como uma fonte, de importância primordial, de informações sobre o paciente assim como um elemento prioritário da interação entre o paciente e o analista.”

Com isso, percebemos a importância inensurável de que o psicoterapeuta se submeta, constantemente, à própria análise, a fim de que possa conscientizar-se de sua própria contratransferência, tornando-a uma aliada em seu trabalho analítico, ao invés de mero empecilho ao mesmo. Parece-nos ser somente por meio de sua reflexão e auto-análise que ele será capaz de fazê-lo, sendo indispensável, ainda, a existência de um consistente preparo teórico-prático para um bom desempenho do profissional que trabalha com grupos de base analítica.

Sob tal perspectiva, procuramos desenvolver nossa pesquisa, pautados em conhecimentos grupais e analíticos por nós considerados, de fato, consistentes e valiosos.

**Conclusão:**

A partir da realização de nossa pesquisa, podemos concluir que o grupo pode constituir um contexto realmente enriquecido, no sentido de proporcionar condições bastante interessantes em termos de um trabalho psicanalítico. Suas múltiplas possibilidades de transferências, assim como os fenômenos específicos de grupo, como a ressonância, demonstram ser agregadores de grande valor ao trabalho analítico, a nosso ver.

Creemos, então, na necessidade de realização de futuras pesquisas a respeito do tema, à medida que cada grupo trará contribuições científicas absolutamente particulares e diversas em relação a nossos achados.

O que extraímos desta pesquisa, como a única questão que nos parece incontestável e conclusiva, é a riqueza que o trabalho de grupo pode oferecer por meio de seus fenômenos intrínsecos e a ele peculiares, aliando-se a psicanálise ao contexto grupal.

## **REFERÊNCIAS**

---

- Aberastury A, Knobel, M., Ferrer, E. S. L. de, Goldstein, R.Z. & Arast, S.G. de, Kalina, E., Paz, L.R. de, & Rolla, E. H. (1983). Adolescência. (R. Cabral, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas (original publicado em 1978).
- Abraham, K. (1924) Un breve estudio de la evolución de la libido, considerada a la luz de los trastornos mentales. In: Abraham, K. (1959). Psicoanálisis Clínico. Buenos Aires: Paidós.
- Afonso, M. L. M. Coutinho, A. R. A.; Amaral, C. R. & Ribeiro, D. C. (s/d). Oficinas em Dinâmica de Grupo com Pacientes Obesos Mórbidos. [Resumo] In: Associação Brasileira de Psicologia Social (org.) Recuperado da Internet em 11 de maio de 2004. [www.abrapso.org.br/anais\\_xi\\_nacional/sessao\\_12.htm](http://www.abrapso.org.br/anais_xi_nacional/sessao_12.htm)
- American Psychiatric Association. (1994). Diagnostic and statistical manual of mental disorders (4th ed.). Washington, DC: Author.
- Almeida, G.A. N., Loureiro, S.R., & Santos, J.E. (2002). A imagem corporal de mulheres. Psicologia, Reflexão e Crítica. Recuperado da Internet em 11 de maio de 2004. [www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102)
- Andreozzi, M.L. (2001) Tempo adolescente como oscilação pendular na constituição do sujeito. Psychê. ano V número 8. 19-35.
- Anzieu, D. (1979). Il gruppo e l'inconscio. Roma: Boringhieri.
- Anzieu, D. & Martin, J.Y. (1971) La dinámica de los grupos pequeños. Buenos Aires: Editorial Kapelusz, S.A
- Appolinário, J.C., Coutinho, W. & Póvoa, L.C. (1995) . O transtorno do comer compulsivo. Revisão da Literatura. Jornal Brasileiro de Psiquiatria. vol. 4 supl.1 38-5

- Bach, C. R. (1958). Psicoterapia intensiva de grupo. Buenos Aires: Paidós.
- Attistoni, M. M. M. (1996). Obesidade Feminina na Adolescência: Revisão Teórica e Casos Ilustrativos: Mão Psicossomática. Tese de Doutorado. Unicamp, Campinas.
- Attini, R. V. (2002). Vínculos pela Internet: um estudo psicológico. Tese de doutorado. PUC-Campinas, Campinas.
- Born, W. R. (1975). Experiências com grupos: os fundamentos da psicoterapia de grupo. (W. de Oliveira, trad.). Rio de Janeiro: Imago
- Burger, J. (1979). Temas de Psicologia (Entrevista y grupos). Buenos Aires: Ediciones Nueva Nación SAIC.
- Bohrem, R. L. (consultoria) (2000). Dicionário de medicina natural. Rio de Janeiro: Reader's Digest Brasil.
- Bowlby, J. (2002). Apego e Perda. Volume 1: Apego. (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (original publicado em 1969).
- Campos, A. L. R., Sigulem, D. M., Moraes, D. E. B. Escrivão, A. M. S., & Fisberg, M. (1996). Quociente de Inteligência de crianças e adolescentes obesos através da escala Wechsler. Revista de Saúde Pública, 30, n. 1. São Paulo. Recuperado da Internet em 11 de maio de 2004
- Casali, R. (1997) Dentro de você existe alguém feliz! Campinas: Pontes Editores.
- Dechen, S. & Cano, M. A. T(s/d) A obesidade na adolescência e seus reflexos na auto-imagem corporal. Recuperado da Internet em 11 de maio de 2004 [www.wsp.br/siicusp/80siicusp/resumos/ficha1981.htm](http://www.wsp.br/siicusp/80siicusp/resumos/ficha1981.htm)

- Dethlefsen, T&Dahlke, R. (1999). A doença como caminho. São Paulo: Editora Cultrix.
- Duchesne, M. (1995) Transtorno do comer compulsivo. Abordagem cognitivo-comportamental. Journal Brasileiro de Psiquiatria, vol. 4, supl. 1, 50-54
- Fenichel, O. (2000) Teoria Psicanalítica das Neuroses. (S. P. Reis, trad.). São Paulo: Editora Atheneu.
- Ferreira, A.B. (1986) Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. (2ª edição revista e ampliada). Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira.
- Foulkes, S.H&Anthony E.J (1976). Psicoterapia de Grupo – A abordagem Psicanalítica. (R. Pontual, trad.). Rio de Janeiro: Editora Biblioteca Universal Popular S.A.
- Foulkes, S. H. (1976). Psicoterapia e analisi di gruppo. Urim: Brighieri.
- Freud, S. (1996) A Sexualidade Infantil. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. IV, pp.16-195) (J Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora. (original publicado em 1905)
- Freud, S. (1996) Sobre a Psicoterapia. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. IV, pp. 24-254) (J Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Original publicado em 1905).
- Freud, S. (1996) Orem e Tabu. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XI, pp. 13-16) (J Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Original publicado em 1913).

- Freud, S. (1996) Além do Princípio do Prazer. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XI) (J Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Original publicado em 1920).
- Freud, S. (1996) Psicologia das massas e análise do ego. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XI, pp. 77-154) (J Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Original publicado em 1921).
- Freud, S. (1996) Dois verbetes de Enciclopédia: A. A psicanálise. B. A teoria da libido. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XI, pp. 253-275) (J Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Original publicado em 1923).
- Freud, S. (1996) O Mal-estar da civilização. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. X, pp. 6-18) (J Salomão, trad.). Rio de Janeiro: Imago Editora. (Original publicado em 1930).
- Freud, S. (1996) Análise terminável e interminável. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. (vol. XI, pp. 223-270). Rio de Janeiro: Imago editora. (Original publicado em 1939).
- Gadbem, M. M. (2004) A Carreira do Drogadicto. Dissertação de mestrado. PUC-Campinas, Campinas.
- Garcia, O. A. (1988) Transferência em grupos terapêuticos. Mesa redonda da Revista de Psicologia e Psicoterapia de Grupo. Volume X, nº 34.



- Kaës, R. & Anzieu, D. (1976) Crônica de un Grupo. Paris: Gedisa editorial  
Bras.
- Klein, M. (1990) Sobre a Identificação (pp.7-9). In: Klein, M.; Heimann, P.; Money  
Kyle, R. E. Temas de Psicanálise Aplicada. (A. Cabral, trad.). Rio de  
Janeiro: Zahar Editores.
- Knobel, M. (1981) A síndrome da adolescência normal. In: Aberastury A; Knobel,  
M.; Dornbusch, A; Golstein, N.; Rosenthal & G.; Salas, E. Adolescência  
normal. (pp.240). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Ladrière, J (1977) A articulação do sentido. São Paulo: Editora Pedagógica e  
EPU.
- Laplanche, J & Pontalis (2004) Vocabulário da Psicanálise. (P. Fénelon, trad.).  
São Paulo: Martins Fontes.
- Lucci, E. (1989) A História Geral: expansão da civilização ocidental e sua  
contribuição para o mundo atual. (1 grau) São Paulo: Ed. Saraiva.
- Mathieu, P. (1967). Essai d'interprétation de quelques pages du revê celtique.  
Interpretation.
- MC Dougall, J (1996) Estados do corpo: o psicossoma em psicanálise. (P. HB  
Rondon, trad.). São Paulo: Ed. Martins Fontes. (original publicado em 1989)
- Mezan, R. (2003) Freud: A Terna dos Conceitos. São Paulo: Editora Perspectiva.
- Neri, C. (1999) Grupo: Manual de Psicanálise de Grupo. (R. B/de Sá, trad.)  
Rio de Janeiro: Imago Editora.
- Nunes, M.A.A. & Abuchaim, A.L.G. (1995) Parte I: quadro clínico, critérios  
diagnósticos e etiologia. Journal Brasileiro de Psiquiatria vol. 4, supl.1, 5-9

- Pachink, C, & Friedler (coord.) (1998). Diccionario de psicoanálisis de las configuraciones vinculares. Buenos Aires: Ediciones del Cordil.
- Pichón-Rivière, E. (1991). O processo grupal. (M. A. F. Viloso, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Pichón-Rivière, E. (1995). Teoria do vínculo. (5ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.
- Pincus, L. & Dore, C. (1987) Psicodinâmica da família. (C. Rotenberg e S. Kleinke, trad.). Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rabinovich, N.R (2001) Os vínculos entre os gêneros na atualidade: um grupo operativo. Dissertação de mestrado, PUC-Campinas, Campinas.
- Reuchlin, M. (1979) Os métodos em Psicologia. Lisboa: Moraes Editores.
- Segal, H(1982). A obra de Anna Segal: Uma abordagem Kleiniana à prática clínica. Rio de Janeiro: Imago.
- Spitz, R. A. (1987). O primeiro ano de vida. São Paulo: Martins Fontes.
- Erzisz, A. (1997) Dimensões teóricas e técnicas de grupanálise. In: Oliveira, J.F. (org.) Grupoterapia: teoria e prática. Campinas: Sociedade de Psicoterapia Analítica de Grupo.
- Erzisz, A. (1999). Transferência e contra transferência na psicoterapia analítica de grupo. In: Séculos XX e XXI o que permanece e o que se transforma. (pp.95-109). São Paulo: Ed. Lemos.
- Waksques, M. TR. (1993) Salve-se quem comer! Rio de Janeiro: Ed Record.
- Wniski, N. (2001). O obesidade na adolescência: a realidade brasileira. Revista Nutriob.htm. trabalho recuperado da Internet em 11 de maio, 2004 [vepub.org.br/nutriob/n0301/obesidadeadoles.htm](http://vepub.org.br/nutriob/n0301/obesidadeadoles.htm)

- Widen, T. A. Obesidade (1999). In: Kaplan, H. Sadock, B. Tratado de Psiquiatria (D. Bista et al, trad.). 6ed. Vol. 2 Porto Alegre: Artes Médicas Sul LDA.
- Whicott, D. W(1993). Desenvolvimento emocional primitivo. In: Whicott, D. W Textos Seleccionados Da Pediatria à Psicanálise (pp. 20-285). (J Russo, trad.). Rio de Janeiro: F. Alves. (Original publicado em 1955).
- Whicott, D. W(1993) A família e o desenvolvimento individual. (M. BCipolla, trad.). São Paulo: Martins Fontes.
- Whicott, D. W(1994) Explorações Psicanalíticas. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Whicott, D. W(2002). Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil (pp. 127-134). In: Whicott, D. W Privação e Delinquência . (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1956)
- Whicott, D. W(2002). A tendência anti-social (pp. 135-140). In: Whicott, D. W Privação e Delinquência . (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1956)
- Whicott, D. W(2002) A ausência de um sentimento de culpa (pp. 119-126) In: Whicott, D. W Privação e Delinquência . (A. Cabral, trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Original publicado em 1956)
- Znerman, D. E., Osorio,L.C. et al.(1997) Fundamentos Teóricos. (pp. 23-31). Como trabalhamos com grupos. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Znerman, D.E. (2001) Vocabulário contemporâneo de psicanálise . Porto Alegre: Artmed Editora.



## Anexo A

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Esta pesquisa, intitulada **Experiências de um grupo de adolescentes com sobrepeso e obesos: Um Estudo Psicológico**, está sendo desenvolvida como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica pela Psicóloga Letícia Kancelkis Porta, junto ao Programa de Pós Graduação em Psicologia da PUC-Campinas, com o objetivo de propiciar tais experiências e compreendê-las, visando a possibilitar o sentimento de apoio e o auto-conhecimento aos participantes.

Os participantes não correrão riscos adicionais, na medida em que estarão realizando, ao mesmo tempo e de acordo com a necessidade, tratamento médico e/ou nutricional, podendo ser beneficiados pelo propiciar de bem-estar e auto-conhecimento, além da possibilidade de encaminhamento psicológico adequado.

Para a realização deste estudo, será necessária a gravação dos encontros grupais. O sigilo total será mantido quanto aos dados de identificação dos participantes, havendo também a garantia de que os resultados serão utilizados tão somente para fins científicos.

Os participantes, cuja participação da pesquisa será plenamente voluntária, poderão recusar-se a participar do estudo ou solicitar a retirada de seu consentimento a qualquer momento ao longo do processo de realização da pesquisa, sem que isso lhes acarrete nenhum prejuízo.

Coloco-me à disposição para quaisquer esclarecimentos, no endereço eletrônico [leticiakp@terra.com.br](mailto:leticiakp@terra.com.br) ou no telefone (19) 9157 5722.

Comitê de Ética em Pesquisa – PUC-Campinas telefone: (19) 3729 8303

---

Letícia Kancelkis Porta  
Mestranda Psicologia clínica

Autorizo a gravação, transcrição e utilização, para fins estritamente científicos, de minha entrevista e dos encontros dos quais participarei, pela psicóloga Letícia Kancelkis Porta, mestranda em Psicologia Clínica pela Puc-Campinas.

Fui informado(a) de que será mantido sigilo sobre dados que possam identificar-me, durante a realização da pesquisa. Estou ciente de que minha participação é voluntária e de que posso, em qualquer momento do processo, retirar meu consentimento.

Declaro ter recebido informações suficientes sobre os objetivos e demais aspectos da pesquisa, tendo sido esclarecido(a) em relação às minhas dúvidas.

Nome: \_\_\_\_\_ Data: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_

RG: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

RG do responsável: \_\_\_\_\_

Assinatura do Responsável: \_\_\_\_\_

**Anexo B:****Roteiro de entrevista semi-estruturada a ser realizada com os adolescentes****I. Dados de identificação:**

Iniciais:

Data de nascimento:

Peso:

Altura:

IMC:

Escolaridade:

Série:

**II. Fale livremente sobre você.**

## Anexo C

### **Primeira sessão grupal:**

(1.1) A psicóloga inicia a primeira sessão cumprimentando os participantes e retomando o objetivo do trabalho (tarefa), já exposto nas entrevistas individuais (abordar a questão relativa ao sobrepeso). Em seguida, retoma o contrato, dizendo que terão 4 encontros, cada um de uma hora e meia, nos quais eles falarão livremente sobre o que quiserem.

(1.2) Há um silêncio de vinte segundos, em que os adolescentes olham bastante para baixo, Maurício pisca e abre e fecha as pernas repetidamente, sempre com o olhar voltado para baixo e as mãos entre as pernas.

Após alguns olhares para a psicóloga, como se estivessem esperando alguma intervenção de sua parte, ela diz: “Conforme vocês tiverem vontade...”

(1.3) Novo silêncio ocorre, durando 45 segundos, com os mesmos comportamentos não verbais do primeiro. Ele é interrompido por Melissa, que diz: “Que silêncio chato!” O grupo dá risada. “Vai ficar uma hora e meia sem ninguém falar nada?”

A psicóloga diz: “É conforme a vontade de vocês.”

(1.4) Melina propõe que se apresentem e começa a fazê-lo, dizendo nome, idade e onde estuda. Todos, seguidamente, fazem o mesmo.

(1.5) Há novo silêncio de 45 segundos, em que dirigem seus olhares à psicóloga, que diz que o silêncio parece estar incomodando e, ao mesmo tempo, parece difícil falar.

(1.6) O silêncio permanece por mais vinte segundos, sendo interrompido por Eduardo, que propõe que cada um fale do que gosta ou não de fazer, dizendo, em seguida, gostar de nadar e de futebol, contando, ainda, qual o livro dentre os quais ele mais gosta.

Melissa diz gostar de esporte; conta que faz judô, futebol, teatro, além de ler bastante, principalmente ação e terror.

*Gustavo diz gostar de nadar, ler e jogar vídeo-game, citando um jogo em especial, e Melissa pergunta se é bom (o jogo corresponde ao livro que Melissa diz querer ler). Ele cita livros dos quais gosta e o gênero preferido.*

*Carolina diz que gosta de jogar bola, ler (apesar de ler pouco por ter poucos livros). Conta do último livro que leu, que compara a relação entre pais e filhos com comida. Diz não gostar de acordar cedo, provocando risos no grupo, e termina afirmando gostar muito de ficar com as crianças, na escola dominical (igreja), onde também há um time de futebol que não é muito bom, segundo ela; conta já ter feito capoeira.*

*Melina diz gostar de estudar, ler a Bíblia, ir à igreja, passear, ir ao cinema e de esporte.*

*Carolina fala de um livro que gostaria de ler e Melissa pergunta qual o autor. Carolina responde e fala sobre o livro, que, segundo ela, é a respeito de um homem que consegue ler o coração espiritual das pessoas, suas angústias e medos.*

*(1.7) Após 25 segundos de silêncio, Carolina diz: “Nossa! Que silêncio!” e Gustavo completa: “Vai se acostumando, porque vai ser assim, eu acho!” Carolina concorda e a psicóloga diz que eles acham que será assim e parece que está incomodando muito.*

*(1.8) Carolina e Gustavo falam mais sobre o silêncio, associando-o a ter acontecido alguma coisa ruim ou a não se saber se aconteceu.*

*(1.9) Há quarenta e dois segundos de silêncio, em que Melissa mexe na roupa, Carolina batuca na carteira, Maurício abre e fecha as pernas, pisca e ri nervosamente algumas vezes e Eduardo cantarola.*

*(1.10) Carolina propõe que todos falem das músicas e filmes que mais gostam e Gustavo acrescenta: “Hobbies!” Carolina responde: “É! Manias, né...?” Parece haver considerável diversidade de gostos quanto a isto, havendo alguns pontos em comum relatados: Carolina e Melina gostam, entre outros, de música Gospel; Eduardo e Melina dizem gostar muito de um mesmo filme (“Um dia depois de amanhã”).*

*(1.11) Após quinze segundos de silêncio, Carolina diz: “Ninguém vai falar nada?” e Gustavo responde: “Você!”*

*Carolina diz gostar muito de jogar bola, o que quase nunca é possível segundo ela; afirma ter parado de jogar com umas pessoas por brigar muito. Melissa continua o assunto, falando de sua*

*experiência com futebol e o grupo todo, em seqüência, continua falando de suas preferências e do que faz, fora da escola, em termos de esportes e outras atividades (inglês, escoteiro, judô, vôlei, futebol, computação, teatro).*

*(1.12) Melissa diz não gostar de ficar em casa, porque lhe dá vontade de comer mais. Completa, dizendo: “Ai! É horrível! Ai, eu tenho que arrumar alguma coisa para fazer!”*

*Após silêncio de 25 segundos, em média, Carolina diz novamente que já terminou os estudos, exclamando: “Tava demorando! Nossa! Eu já não tava mais agüentando! Insuportável!” E conta o que fazia fora da escola, quando estudava.*

*(1.13) Melina também relata suas atividades, dizendo também: “Eu não consigo ficar em casa! Se eu fico em casa, eu....Como!”*

*(1.14) Carolina diz não comer, normalmente, durante o dia, mas sim à noite, contando de uma noite em que estavam todos dormindo em sua casa e o silêncio estava muito gostoso para comer. Afirma, em relação a isto: “Sabe assim? Ninguém enchendo seu saco...Tal...”*

*(1.15) Gustavo pergunta se ela atacou a geladeira e ela confirma, dizendo que depois ficou até com a consciência pesada, falando longamente sobre isso.*

*(1.16) Todos falam de sua rotina alimentar: Eduardo não toma café da manhã, mas chega na escola e compra um hambúrguer. Melissa diz não tomar café da manhã: “Almoço normal e eu vou jantar só à noite; daí come, daí que engorda, né?” Melina conta que não toma café da manhã e nem almoça. Gustavo descreve todas as refeições que faz e Eduardo afirma praticamente nunca comer arroz com feijão.*

*(1.17) Carolina volta a falar longamente sobre sua rotina alimentar e a das pessoas com quem mora, mesclando informações de sua rotina geral à qual se atrela a primeira.*

*Eduardo diz: “Como minha mãe faz macarronada, se ela deixar, eu como a travessa inteira de macarronada sozinho.” O grupo ri.*

*Carolina diz gostar de maionese com arroz. Melissa, de chocolate, relatando comer duas ou três barras por dia.*

*Eduardo conta que está comendo três ovos de Páscoa e Carolina fala que ganhou um ovo, ao qual não resistiu: “Daí, eu coloquei ele assim na minha frente, né? Ai eu coloquei assim e fiquei olhando.*

*Será que eu vou comer esse ovo? Não é dia... Daí eu guardei na geladeira. Aí toda vez que eu abria a geladeira, incrível! Parecia que ele pulava em cima...” Carolina fala longamente sobre isso, até relatar quando, finalmente, o comeu.*

*(1.18) O grupo prossegue falando sobre chocolates e outros doces, chegando a descrever receitas e Gustavo diz: “A Letícia deve estar com água na boca!” A psicóloga, então, diz: “Parece que vocês estão falando do prazer que vocês têm com a comida...”*

*Carolina, quando a psicóloga vira a fita, lembra de uma situação embaraçosa de uma amiga sua envolvendo um gravador, relatando-a.*

*(1.19) Eduardo conta de uma situação por que passou em uma viagem com a escola, em uma pizzaria, onde diz ser a pizza o dobro do tamanho de uma pizza normal; diz que deveria ter cruzado os talheres, quando terminou a refeição, mas foi ao banheiro sem fazer isto e, ao voltar, havia mais um pedaço enorme de pizza em seu prato. Conta também que teve que emprestar uma ficha de um amigo, em dado momento, para comprar uma coxinha. Diz: “Eu peguei a coxinha, Ketchup, maionese e fiz a festa!” O grupo ri.*

*Melina e Eduardo conversam sobre o tempo de viagem.*

*(1.20) Maurício diz que fica mais em casa, no computador e Eduardo revela que a mãe não deixa que ele fique muito tempo no computador. Melissa conta que sua mãe ‘cortou’ o computador por ela ter tirado nota baixa por ter ficado nele por muito tempo, sem estudar para a prova que teria no dia seguinte.*

*(1.21) O grupo conversa longamente sobre notas escolares, sobre matérias de que mais gostam e de que menos gostam e comportamentos próprios em sala de aula, quando não gostam da matéria. Falam sobre professores “bons” e “maus”. Carolina fala bastante sobre como era, quando estudava.*

*(1.22) Frisa bastante sua aversão por uma professora de geografia, ressaltando o fato de esta ser loira. Relata, inclusive, que tentou tirá-la da escola com um abaixo-assinado e que contava piadas de loiras para ela. Carolina afirma que dizia: “O dia que a senhora chegar assim na minha cor, a senhora vem conversar comigo!” Carolina relata diversas situações com diversos professores, mas enfatiza bastante o relacionamento com a professora loira, dizendo, por exemplo, não poder nem vê-la.*

*Eduardo, ainda sobre esse assunto, conta também de uma professora “perua”, arrancando risos do grupo, descrevendo-a como loira, de olho azul e cheia de colares.*

*(1.23) Em seguida, Gustavo continua o tema e também Melissa (falar negativamente sobre professores).*

*Carolina toma novamente a palavra e fala longamente sobre sua antiga escola, colocando-a como sendo um verdadeiro presídio. Volta a falar sobre vários professores, dos quais um, segundo ela, tinha a “maior barrigona” e dizia que não bebia. Gustavo diz, quanto a isto: “Se não bebe, imagine se bebesse, né?”*

*(1.24) Melissa continua falando sobre brigas na escola e sobre professores e suas características (no mais, negativas).*

*(1.25) Eduardo conta de uma professora por quem se sentia odiado na escola (“Acho que ela me odiava!”), justificando isto, ao contar uma situação vivida com ela e Carolina conta de mais uma desavença com outra professora.*

*Eduardo volta ao assunto da professora por quem se sentia odiado, contando outra situação por que passou com ela. Prossegue, falando de outra professora de quem a classe, segundo ele, não gostava. Fala, ainda, de outro professor que os tratava “como aquelas criancinhas do maternal”. Conta de outra que “é muito fresca”, descrevendo-a fisicamente como tendo tudo cor-de-rosa.*

*Conta de uma colega que é a “queridinha da professora” e diz que odeia seu professor de história, não sabendo se odeia a matéria por causa do professor ou vice-versa.*

*Carolina fala mais sobre isso, parecendo chegar à conclusão de que pode ser que “o problema é a gente mesmo e não os professores”. Fala sobre suas pretensões em termos de cursar a universidade. Em seguida, diz que, na faculdade, o professor poderá ser o mais chato, mas que ela procurará ver seus pontos positivos.*

*(1.26) O grupo prossegue com o tema, com cada um dizendo o que pretende fazer em termos de profissão.*

*(1.27) Carolina é a que fala mais sobre isso, aproveitando cada silêncio para retomar longamente a palavra. Fala sobre um programa de TV que tem relação com a profissão que quer seguir (medicina),*

*dando detalhes de alguns episódios. O grupo participa do assunto, com comentários em meio à fala de Carolina, que, muitas vezes durante a sessão, arranca risos de todo o grupo.*

*O celular de Eduardo toca, mas parece não atrapalhar o grupo.*

*Carolina, relatando histórias de pediatria, afirma desejar ter quatro filhos e adotar mais um e o grupo passa a falar sobre adoção e instituições relacionadas com isto, inclusive sobre uma “roda de adoção” que, segundo eles, apareceu em uma novela.*

*Às dez horas, momento em que terminaria a sessão, a psicóloga avisa que terão mais dez minutos, por ter havido um atraso para iniciar.*

*(1.28) O tema relativo às pretensões profissionais prossegue, sendo que, havendo qualquer oportunidade em meio ao que está sendo dito por outro participante, Carolina se pronuncia.*

*(1.29) Melissa relata tudo o que já realizou em termos de esportes, de modo a ter sido já vice-campeã brasileira em uma modalidade.*

*(1.30) Gustavo diz querer cursar a faculdade para dar aula, não para quinta a oitava séries, mas para faculdade, “que ganha mais”. Eduardo diz que tem um amigo que quer ser chefe de cozinha e conta que pede desconto a ele, quando isto acontecer. Maurício diz que quer trabalhar com software, com computador.*

*(1.31) Carolina fala sobre a fortuna de Bill Gates, conquistada no ramo de atividade escolhida por Maurício. Gustavo prossegue o assunto relativo a personalidades que recebem fortunas mensais, como Bush e Sílvio Santos, iniciando, no grupo, o tema que diz respeito a programas de TV, sobretudo novelas.*

*(1.32) Em seguida, Melissa conta que tinha CDs e bonecas de uma novela e que estes foram roubados. Gustavo lembra e relata uma situação na qual também foi roubado e Eduardo faz o mesmo em relação a um assalto ocorrido com três amigos seus. Melina diz que sua casa foi assaltada duas vezes e Edu afirma que já tentaram entrar em sua casa também. Gustavo fala de mais duas situações parecidas pelas quais passaram pessoas conhecidas suas e Carolina também aborda o assunto, apesar de não ter relatado ter vivido nenhuma situação similar.*

*A sessão é encerrada.*

### **Segunda Sessão grupal:**

A psicóloga cumprimenta o grupo com um “bom dia” e diz que, como eles sabem, podem falar o que quiserem, livremente.

(2.1) Melissa sugere que cada um se apresente à “menina nova” (Clara, que faltou na primeira sessão) e que ela também o faça para o grupo, o que foi acatado, com cada um dizendo nome e idade.

(2.2) Há um silêncio de aproximadamente 20 segundos, em que Melissa mexe no zíper de sua blusa e Maurício pisca muito.

(2.3) Gustavo pergunta a Eduardo se tem 12 ou 13 anos e se está na 6ª ou 7ª série. Gustavo diz que está na 7ª e também tem 12 anos, justificando que, onde morava, costumavam entrar mais cedo na escola.

(2.4) Há 2 minutos e meio de silêncio, com os mesmos comportamentos não-verbais (pequenos movimentos, sobretudo de Melissa e Maurício).

(2.5) Melissa indaga: “Vai ficar esse silêncio chato de novo?”

(2.6) Novo silêncio de um minuto se instala.

(2.7) Eduardo propõe que digam o que fizeram durante a semana, contando, em seguida, suas atividades escolares dos últimos dias.

Gustavo diz que não teve nenhum trabalho escolar esta semana.

Carolina conta que levou um “bolo” de uma amiga, com quem iria ao cinema, tendo ficado muito chateada com isto.

Todos os demais falam a respeito de suas atividades escolares, do mesmo modo que Eduardo o fez. Melissa entra em detalhes quanto a atividades extra-escolares também, comentando sobre um filme que irá assistir e a maioria do grupo fala mais um pouco sobre cinema.

(2.8) Carolina conta de um filme que deseja assistir e todos dizem que gostariam de assistir o mesmo filme.

(2.9) Há novo silêncio de 40 segundos, em média.

(2.10) *Continuam a falar sobre o mesmo assunto, sempre com Carolina atuando mais e provocando risadas no grupo, quase com a mesma frequência com que toma a palavra. Maurício é quem apresenta menor expressão verbal, apesar de ter se pronunciado um pouco mais do que o fez na primeira sessão.*

*Melina cita um filme cujo tema é relacionado a carros, desencadeando uma conversa a respeito de carros e motos, entre o grupo. Ela pergunta aos demais participantes se eles assistem jornal e alguns respondem que não. Ela diz que passam exposições de carros muito bonitas nos jornais, e o assunto prossegue com a participação da maioria (Melissa, Melina, Gustavo e Carolina, principalmente).*

(2.11) *Após 25 segundos de silêncio, Carolina é quem retoma o tema, sendo seguida por Melissa e Gustavo, voltando a conversar dinamicamente sobre o assunto.*

(2.12) *Há quase 2 minutos de silêncio, interrompido por Melissa, que fala sobre a denúncia que fizeram da estrutura física de sua escola, que, segundo ela, está bastante comprometida.*

*Gustavo também conta de problemas estruturais de sua escola, sendo seguido por Maurício e Carolina, que fazem o mesmo.*

(2.13) *Há 45 segundos de silêncio, o qual é interrompido por Carolina, que comenta algo a respeito dos latidos de cachorros que podem ser ouvidos na sala de atendimento. Menciona situações em que há cachorros em prédios e o quanto isto incomoda.*

(2.14) *Clara diz ter dois cachorros e Carolina afirma que gosta desses animais, mas que existem pessoas que criam até labradores em apartamentos muito pequenos. Gustavo conta de um cachorro que teve e Carolina continua falando sobre não achar bom criar cachorros em apartamentos, pelo próprio animal.*

*Melissa e Maurício prosseguem o assunto, contando situações que envolveram animais de estimação.*

*Quando a psicóloga vira a fita, Gustavo comenta sobre sua entrevista individual com ela, em que o gravador não funcionou e ela escreveu tudo à mão. Carolina conta ter estranhado o fato de a psicóloga ter anotado o que disse na sua entrevista individual, tendo parado de falar por esse motivo, segundo ela.*

(2.15) *Gustavo, após 12 segundos de silêncio, conta de um trabalho cuja nota foi dada esta semana, tendo tirado 10, enquanto outros colegas tiraram 5,5.*

(2.16) *Carolina prossegue o assunto, falando sobre notas. A maioria conta sobre qual a média em sua escola e sobre situações relacionadas a notas.*

*Maurício fala sobre matérias das quais não gosta e o grupo faz o mesmo, durante período considerável.*

(2.17) *Carolina conta de uma colega de escola que ela e seu grupo de amigos consideravam “CDF”, relatando como ela e seus amigos a “levaram” para seu grupo, “fazendo-a” chegar atrasada às aulas, deixar de estudar e até passar a usar calças rasgadas. Conta que a apelidavam antes, fato do qual ela não gostava e que a maneira pela qual fizeram com que mudasse seus comportamentos foi ir retirando um apelido de cada vez, em troca do que o grupo lhe pedisse para fazer.*

*Maurício retoma o assunto de disciplinas apreciadas e não apreciadas e o grupo continua falando dinamicamente sobre isso.*

(2.18) *Melissa relata uma experiência sua com amigos de escola. Diz que costumam colocar os alunos bagunceiros em uma sala só e que depois reclamam. Conta de uma sala em especial que existia em sua escola e prossegue: “Aí, nós começamos a destruir a sala assim, pegamos pó de vidro assim, aí a 8º série ajudou a passar pó de vidro e as crianças de 5º série ficavam se coçando assim. (...) Destruímos a sala!”*

*Carolina volta a falar de professores de que não gostava e do que “a sala” fazia com eles, por exemplo, quanto a deixá-los para fora. Diz que tinha mais três amigas com quem fazia isto (fechar a porta para um professor não entrar) e outras coisas também. Diz: “Tinha uns “troxa” lá que era louco pra andar com a gente! Coitados deles. (diz baixinho) eles faziam o nosso trabalho e a gente ia fazer outra coisa.*

(2.19) *Melissa conta de uma situação similar, em que um colega adjetivado por ela de “monguinho”, fazia lições para ela.*

(2.20) *Carolina prossegue, contando de outras formas para fazer colegas fazerem trabalhos para ela (simulação de mão machucada, por exemplo).*

(2.21) Após quinze segundos de silêncio, Carolina fala mais um pouco sobre isto e, após mais um breve silêncio, Gustavo diz: “O Papa morreu!” Iniciam, então, o assunto relativo à morte do Papa, comentando a respeito do caixão, de haver muita gente no velório, da eleição do novo papa, da exposição de seu corpo e quanto a tarefas e atividades escolares da semana anterior relacionadas ao tema. Somente Clara não faz nenhum comentário. Carolina opina quanto à eleição do novo papa, dizendo que ninguém irá eleger um papa brasileiro ou negro. Gustavo diz também: “A coisa mais difícil de acontecer é um país de primeiro mundo, desenvolvido, eleger um presidente negro e mulher”.

(2.22) Melissa fala do preconceito contra o negro e contra a mulher e Carolina declara: “Não discriminando vocês, mas eu acho a cor mais bonita do mundo, cara!” Melissa diz: “Eu também! Nós não temos muito problema de pele assim, né?” E prossegue um pouco mais, neste sentido.

(2.23) Carolina afirma: “Eu acho que o pessoal que é racista gostaria de ter nascido negro! Porque é impossível!” Prossegue, contando de uma pessoa que frequenta a mesma igreja e toma muito sol e para quem ela diz que não deve fazer isso, porque nunca vai chegar na sua cor (de Carolina)”.

Após quinze segundos de silêncio, Melissa aborda a questão das cotas de vagas para negros nas universidades, colocando que isto é tido como racismo por alguns e como algo bom para outros. Eduardo acrescenta que existe o mesmo sistema para deficientes.

Melissa conta, ainda, uma situação da qual ficou sabendo, de uma menina branca que teria passado em nono lugar no vestibular e que foi posta em décimo primeiro, devido às cotas, não conseguindo colocação necessária para passar na prova e sentindo-se injustiçada por isso. Melissa parece não se posicionar sobre o assunto.

Carolina coloca a situação como mais favorável do que antes, dizendo que quase não se encontram alunos negros nas universidades. Diz que, mesmo com as cotas, o número de negros, neste contexto, é muito pequeno.

(2.24) Maurício afirma: “Eu odeio gente racista e não sou racista!”

(2.25) *Carolina conta uma historinha em que Jesus esquece alguns no forno e diz que jogará fora. Depois, Ele fica olhando, segundo Carolina e percebe que foi a melhor coisa que fez. Carolina afirma que, então, mandaram-nos para a Terra, "(...) com uns cabelo bom!"*

(2.26) *Há risadas do grupo, principalmente de Melissa, que diz: "OoooH! O pente nem entre direito!" E Carolina e Melissa contam de situações por que passaram quando menores relacionadas com os cabelos. Carolina conta dos penteados doloridos que lhe faziam e como era ruim ter de fazê-los. (Conta debochadamente, provocando muitas risadas, como acontece com grande parte do que fala). Melissa relata uma situação em que perdeu parte dos cabelos por usar um produto químico para alisamento. O assunto prossegue por algum tempo.*

(2.27) *Clara conta também, de um problema que teve com um penteado, fazendo com que perdesse parte dos cabelos temporariamente, tendo de ir para a escola de boné.*

*Carolina continua falando de situações com cabelos. Em seguida, fala sobre roupas que ganhou e das quais não gostou, (2.28) inclusive que, se pudesse escolher a roupa para usar no seu casamento, esta seria um macacão, pois acha que parece um "bolo" de vestido.*

*Melissa também fala de uma roupa que ganhou e não gostou e ambas continuam relatando situações similares.*

(2.29) *Carolina exclama: "Como é bom ter amigos! Eles sempre dão pra gente o que a gente quer ganhar" E Clara começa a falar sobre uma situação em que "tirou" a melhor amiga num "amigo secreto" . Carolina diz que já aconteceu o mesmo com ela e conta outras experiências nesse sentido. Melissa também conta de experiências com sua melhor amiga, sobre como foi seu último encontro com ela e as brincadeiras que fizeram.*

(2.30) *Após quarenta e cinco segundos de silêncio, Carolina diz que, se houvesse cinco sessões, na última ela não poderia participar, porque já terá vinte e um anos, contando o dia de seu aniversário.*

*Melissa avisa que na sessão seguinte ela não poderá comparecer, justificando e contando sobre o compromisso que terá, o qual tem relação com suas atividades esportivas.*

(2.31) *Após um minuto e meio de silêncio, Carolina murmura que está com sono. (2.32) Melissa diz estar com fome e querer comer um cachorro-quente e Eduardo conta de um lugar que*

*tem um cachorro-quente muito bom. Descreve-o, dizendo que colocam muito purê e Gustavo conta de um lugar que tem um cachorro-quente parecido, de modo que ambos tentam chegar à conclusão de estarem falando do mesmo lugar ou não, descrevendo mais detalhes da guloseima e do próprio local. Melissa também conta de um cachorro-quente que comeu e gostou muito, descrevendo-o em detalhes e Carolina faz o mesmo. Melissa prossegue, falando de outro local onde há um sanduíche e um suco bem grandes e gostosos.*

*(2.33) Eduardo manifesta a vontade de comer cachorro-quente “hoje”. Carolina conta de uma vontade de comer pizza com borda de catupiry, não sabendo se será possível fazê-lo “hoje” com o pessoal da igreja, apesar de querer muito. Eduardo conta de uma pizza feita em um dado local, que é muito mais recheada do que normalmente, entrando em detalhes. Melissa também fala de pizzas que aprecia muito. (Todos comentam seguidamente, sem pausas).*

*Eduardo conta que foram à sua casa vários amigos da escola, para fazer trabalho. (2.34) Ele conta detalhes a respeito do que pediram em um fast-food. Conta, então, como se dividiram para fazer o trabalho e (2.35) Gustavo diz não gostar de trabalho em grupo. Eduardo diz ser muito melhor trabalhar em grupo. Gustavo diz não gostar porque sempre sobra mais trabalho para ele, por isso acha melhor fazer tudo sozinho. Melissa conta uma experiência negativa com um grupo de trabalho e Carolina também fala de algumas experiências suas na época de escola, em que os grupos de trabalho falavam sobre tudo, menos a respeito de trabalho.*

*A psicóloga encerra a sessão.*

**Terceira sessão grupal:**

A psicóloga, já tendo cumprimentado os participantes na recepção da clínica, ao subir para a sala com eles e após todos acomodados, (vieram apenas quatro integrantes do grupo: Eduardo, Melina, Maurício e Clara), diz: “Vamos iniciar, então...”

(3.1) Há um silêncio de 25 segundos.

Eduardo diz que ia viajar no próximo feriado, mas que não vai dar certo e Maurício diz que viajará.

(3.2) Instala-se um silêncio de três minutos.

Eduardo conta que, no dia anterior, foi à casa de um amigo com outros quatro amigos, dando detalhes desse encontro. (3.3) Conta, inclusive, que conheceu a gata desse amigo e que a apelidou de “Bolota”, o que diz não ter agradado o seu dono. Outro amigo, segundo ele, apelidou-a de “Almôndega”, por ela ser da cor do molho da almôndega e por ser “meio gorda”, de acordo com suas palavras. (3.4) Ele prossegue, fornecendo detalhes de sua visita, com o relato de todas as brincadeiras e do prato de comida degustado junto aos amigos.

(3.5) Após o relato, a psicóloga pergunta se ele gosta de estar em grupo de amigos, a que ele responde positivamente, completando com a informação de quantos são seus melhores amigos e quais são seus nomes.

(3.6) Conta, em seguida, de uma menina de sua classe que é muito chata e que ele acha que o odeia e tem o mesmo sentimento por metade da classe. Diz: “Ela só não se odeia porque ela não tem chance!” Conta que ela foi a um parque de diversões sem convidar ninguém da classe, tendo tido permissão, na escola, para faltar da aula, com tal intuito.

(3.7) Ocorre um minuto e quarenta segundos de silêncio.

(3.8) Maurício conta ter ficado a tarde inteira do dia anterior no computador e Eduardo afirma que sua mãe não permite que fique mais de uma hora e que, à tarde, prefere assistir à televisão. Segue, falando sobre os programas de que gosta nesse horário. Maurício diz que é “mais computador”.

(3.9) Eduardo diz achar que irá chover, contando gostar de quando chove, principalmente para assistir TV à tarde e para dormir. Maurício concorda ser bom dormir em dia de chuva.

Eduardo relata já ter “virado a noite”, sem dormir, certa vez, nunca mais tendo conseguido fazer isso novamente e diz ter vontade de repetir a experiência, apesar de sua mãe fazer com que durma, normalmente, às 9:30 da noite. (3.10) Conta de um programa de que gosta, que passa na televisão à noite. Refere-se a ele como um programa “cheio de coisas nojentas”, detalhando-as com a tímida ajuda de Maurício, que também diz assisti-lo. (exemplos de relatos: pessoas comendo minhocas e restaurante de ratos, sendo estes os primeiros a serem citados).

Após falar longamente sobre tal assunto, com a retraída ajuda de Maurício, diz que já falou muito e sorri.

(3.11) Há um silêncio de trinta e cinco segundos.

Maurício pergunta se Eduardo gosta de desenho e Eduardo diz que sim, de alguns. (3.12) Após novo silêncio de vinte segundos, Maurício volta a questionar Eduardo quanto a ele gostar ou não de um dado programa de televisão, o que é respondido e seguido por novo breve silêncio (quinze segundos).

Eduardo diz que está feliz, porque, depois de a mãe tê-lo proibido de sair por ter tirado uma nota vermelha, ele sabe que tirará uma nota acima da média em uma matéria, o que, segundo ele, fará com que ela permita que ele saia. (3.13) Volta a falar da menina de sua classe de quem não gosta, dizendo que, como ela, também irá ao parque sem convidá-la. Diz que, daquela vez, ela foi, mas aconteceram coisas desagradáveis com ela, pois, de acordo com seu relato, ele e os amigos “jogaram praga” nela.

(3.14) Após quinze segundos de silêncio, Maurício pergunta a Eduardo se ele joga vídeo-game, Eduardo responde e ambos conversam sobre isso, descrevendo alguns jogos e comentando sobre o grau de dificuldade de cada um deles.

(3.15) Maurício menciona que gosta de jogar no notebook de seu pai e Eduardo parece fazer alguma associação, dizendo ter quatro sonhos, quando crescer, os quais enumera: 1. comprar uma chácara e ter quatro cachorros; 2. fazer duas viagens (conta dos dois países para onde deseja ir); ter um notebook; 4. ter uma câmera digital nova.

(3.16) Eduardo diz que talvez irá ganhar uma câmera nova de presente de aniversário, tema sobre o qual passam a falar (sempre apenas os dois meninos, sendo que as meninas encontram-se com a testa franzida, suspirando e apoiando o rosto com as mãos). Voltam a falar sobre jogos e passam a falar sobre filmes. E assim prossegue a sessão, que apresenta um ritmo de falas mais lento, sempre marcado por breves silêncios e pelos comportamentos não-verbais por parte das meninas, já citados. Além disso, permanecem os comportamentos dos meninos relativos a Maurício perguntar brevemente sobre algo e Eduardo responder mais longamente a tais perguntas, falando de partes de filmes e jogos. (3.17) Ao final de um desses relatos, Eduardo diz que, ao chegar em sua casa, jogará um deles, porque “deu vontade”, segundo ele.

(3.18) Eduardo volta a falar sobre sua vontade de fazer as duas viagens internacionais já mencionadas e Clara conta que um parente seu já realizou uma delas. Eduardo diz ter vontade de viajar de avião, pois nunca viajou. Maurício diz querer viajar de navio e, em seguida, após breve silêncio, comenta que o dia está bom para ir à praia.

(3.19) Eduardo diz que vai viajar para a praia, junto com a escola e o assunto (praia) prossegue, praticamente só entre os meninos. Clara apenas diz que nunca foi a uma cidade que foi citada.

Continuam falando sobre parques de diversão, descrevendo cada brinquedo encontrado neles e contando quais os seus prediletos.

Clara conta brevemente, em voz muito baixa, que passou por uma situação similar à relatada por Eduardo (que diz ter usado um sapato inadequado para ir ao parque, certa vez, machucando os pés por isso).

Maurício continua aparentemente ignorando as meninas, fazendo perguntas só a Eduardo, como por exemplo se ele já foi em dado brinquedo. Eduardo parece não fazer o mesmo, ao menos com a clareza com que se percebe fazer Maurício, quanto a ignorar as meninas, já que interage com Clara, a partir de uma mínima fala da mesma quanto a sempre se molhar quando vai em um brinquedo em particular; ele diz que a menina tem sorte, porque ele adora se molhar.

A sessão é encerrada.

**Quarta sessão grupal:**

(4.1) Todos os participantes entram na sala de atendimento junto com a psicóloga, exceto Carolina e Gustavo, que não chegaram até então.

(4.2) Após todos haverem se acomodado, há onze minutos e meio de silêncio, interrompido por Melissa, que murmura: “Ai, que silêncio chato!” Em seguida, há breve silêncio de quinze segundos, em média.

(4.3) Eduardo conta de um trabalho escolar em grupo que fez na casa de um amigo, dando detalhes desse encontro, que visava a “gravar um comercial”, segundo ele.

(4.4) Melissa também conta de uma atividade parecida feita por ela e um grupo de amigos e Eduardo prossegue com seu relato detalhado. Conta, em seguida, que terá reunião na escola, ao sair da sessão.

(4.5) Há vinte e cinco segundos de silêncio e, em seguida, (4.6) Eduardo continua o mesmo relato, em ricos detalhes, demonstrando satisfação com a atividade descrita.

(4.7) Após quarenta e cinco segundos de silêncio, (4.8) Maurício conta da viagem que fez no final de semana anterior e Eduardo diz que já foi para o mesmo estado, citando os nomes das cidades visitadas.

(4.9) Depois de quase dois minutos de silêncio, (4.10) Maurício pergunta a Eduardo se tem assistido a um dado programa de TV (sobre o qual já conversaram longamente na sessão anterior), e ele responde que não. Melina conta dos últimos episódios do mesmo programa, a que assistiu.

(4.11) Após quase um minuto de silêncio, Carolina chega (com vinte minutos de atraso, mais ou menos).

(4.12) Melissa conta de uma peça de teatro da qual participará, demonstrando empolgação. Na seqüência, fala sobre outra peça que está em cartaz, na cidade.

(4.13) Carolina comenta a respeito de um filme a que foi assistir e o grupo todo passa a falar sobre o assunto. Participam da conversa, com maior destaque, Melissa e Carolina que, em seguida, falam sobre brinquedos que existem em shoppings, especialmente as máquinas de

danças (Carolina é quem inicia tal assunto, contando de uma pessoa que ela viu ficar muito tempo em uma dessas “máquinas”). (4.14) O grupo todo participa, mas Carolina é quem mais se expressa verbalmente, sempre “arrancando” risadas de todos. Maurício fala de um local similar ao que estão mencionando que gosta muito de freqüentar. O mesmo tema prossegue longamente.

(4.15) Carolina afirma ter feito muita “propaganda” entre os amigos, para ganhar um determinado CD como presente de aniversário, tendo, segundo ela, posto muitas pessoas em sua “lista negra”, por não tê-lo ganho.

(4.16) Após vinte segundos de silêncio, (4.17) Maurício diz gostar de ouvir uma certa rádio e Carolina conta algumas situações que ocorrem em sua casa, envolvendo música. Diz não conseguir ouvir música, à vontade. Melissa relata situações similares (divergências na escolha de músicas, entre a família e a quebra freqüente do aparelho de som).

(4.18) Melissa diz algo a respeito de seu computador e Maurício prossegue o assunto, dizendo querer trabalhar com software.

(4.19) Carolina diz estar desanimada para a faculdade e Melissa conta que sua mãe gostaria que ela fizesse medicina, o que não é desejo seu. Carolina fala a respeito de seu desejo de que uma amiga faça faculdade junto com ela e que ela afirma não querer fazer o curso eleito por Carolina.

(4.20) Maurício fala sobre a formatura de sua irmã, que irá acontecer em breve e Carolina diz que sua formatura foi um “fiasco”, relatando detalhes da mesma, como “foras” e “bebedeiras”. Completa seu relato, falando sobre o longo discurso de uma professora (de modo aparentemente debochado). Melissa conta de um professor de uma modalidade esportiva que também é assim, de acordo com suas palavras, descrevendo situações em que ele fala “sem parar” (brincas). Carolina fala de situação similar, em que uma professora fazia uma roda para realizar discussões sobre futuras profissões dos alunos, dentre os quais um afirmava querer ser ladrão. Carolina conta que tal professora “dava sermões” a esse aluno, por acreditar que ele dizia a verdade quanto a suas intenções e que ela (Carolina) lhe dizia que era brincadeira e que ela não “ligasse” para o que ele falava. Tal relato é feito de forma um tanto debochada.

(4.21) *Carolina fala sobre a experiência de ter feito vinte e um anos de idade, dizendo ter esperado que mudasse alguma coisa, o que não aconteceu. Diz ter mudado apenas a responsabilidade que adquiriu com isso. (4.22) Conta que ficou esperando um bolo de chocolate, desde de manhã, o qual só chegou às 11:00 horas da noite. Afirma ter colocado muitas pessoas em sua “lista negra”. Há muitas risadas, quando ela relata, detalhadamente, como fizeram para esconder o bolo dela, para fazer surpresa.*

(4.23) *Após silêncio de vinte segundos, (4.24) Carolina fala sobre o tempo, que esperava que esfriasse e Maurício diz ter achado bom estar um dia ensolarado. Carolina continua falando sobre isso, mostrando sua jaqueta para dizer o quanto esperava que esfriasse, arrancando risadas do grupo, mencionando algo a respeito do trajeto de sua casa até a clínica. Maurício pergunta-lhe se mora longe e ela lhe responde. Ele afirma não ser longe, então, e ela concorda. Passam a falar sobre ônibus, sobre suas demoras, etc. Melissa participa, contando situações relacionadas a isso, também. Prosseguem por tempo considerável falando a respeito disso.*

*Melissa diz que irá a uma festa de aniversário de um parente seu, acrescentando que vários familiares fazem aniversário neste mês. Ela diz em que dia estamos e Carolina afirma que o ano está passando rápido. (4.25) Carolina fala que o dia das mães está próximo, ressaltando o quanto acha difícil “acertar” um presente para sua mãe, como sempre fazendo o grupo todo rir muito, com seus relatos detalhados de situações a respeito disso. Maurício afirma que sua mãe também é “enjoada”, gostando de ganhar somente perfumes e Carolina prossegue ainda um tempo significativo, falando sobre o que sua mãe prefere ganhar e que, geralmente, ela gosta de presentes caros. 4.26 A maioria do grupo participa da conversa (não tanto quanto Carolina, que sempre parece arrancar risadas do grupo), passando a dar opiniões e relatos sobre dar e receber presentes, gostar ou não deles e reações diante dessas situações. Carolina fala muito mal de vários presentes recebidos e o grupo participa, com algumas frases curtas, em meio às falas dela.*

*A psicóloga intervém, propondo que cada um faça três desenhos: o da própria família, o de um grupo qualquer e o de um corpo qualquer, tendo decorrido, até então, uma hora a partir do início da sessão.*